

G. MINAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS LTDA.

Rua Pompéia, 39, sala 01 - Prado
Cep 30410-130 - Telefax: (031)371-4604
Belo Horizonte, MG

FAZENDA DA RESSURREIÇÃO

ARGUMENTO, DIÁLOGOS E ROTEIRO TÉCNICO

DE GERALDO SANTOS PEREIRA

1. CERTIFICADO DE APROVAÇÃO DO
MINISTÉRIO DA CULTURA
2. SINOPSE
3. TEMÁTICA, AÇÃO E PERFIL DOS
PERSONAGENS
4. TERMINOLOGIA TÉCNICA
5. ROTEIRO TÉCNICO
6. ORÇAMENTO DISCRIMINADO
7. REGISTRO DE DIREITOS AUTORAIS
8. CURRICULUM VITAE

BELO HORIZONTE

1999

Cópia 1/3

ÍNDICE

1. CERTIFICADO DE APROVAÇÃO DO MINISTÉRIO DA CULTURA	
2. SINOPSE.....	<u>Pág. 1</u>
3. TEMÁTICA, AÇÃO E PERFIL DOS PERSONAGENS	5
4. TERMINOLOGIA TÉCNICA	7
5. ROTEIRO TÉCNICO	8
6. ORÇAMENTO DISCRIMINADO	113
7. REGISTRO DE DIREITOS AUTORAIS	139
8. CURRICULUM VITAE	140

MINISTÉRIO
DA CULTURA

Secretaria para o Desenvolvimento do Audiovisual

COMPROVANTE DE APROVAÇÃO DE PROJETO

Número do Certificado **801**

Certifico que o Projeto abaixo identificado, está credenciado a captar recursos através da colocação de certificados de investimentos, nos termos da Lei nº 8.685, de 20 de julho de 1993, regulamentada pelo Decreto nº 974, de 08 de novembro de 1993 e Lei nº 9.323, de 5 de dezembro de 1996.

Nome do Projeto

FAZENDA DA RESSURREIÇÃO

Nome Produtora

G. MINAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS LTDA

Nº CGC:

42.808.212/0001-40

Endereço:

Rua Pompeia, 39/01

Prado

Belo Horizonte

MG

30410-130

Valor da Captação

1.605.329,00

Nome Banco:

BANCO BRASIL

Prefixo da Agência:

1221-1

Num Conta Corrente:

154.875-1

Valido até: Sexta-feira, 31 de Dezembro de 1999

Brasília, Quinta-feira, 19 de Novembro de 1998


Moacir de Oliveira

Secretário para o Desenvolvimento do Audiovisual

08.048.0031.4450	PRESERVAÇÃO E PROMOÇÃO DA ARTE E DA CULTURA			33.000
08.048.0031.4450.0003	PRESERVAÇÃO E PROMOÇÃO DA ARTE E DA CULTURA	450000	0272	33.000

PORTARIA Nº 76, DE 23 DE DEZEMBRO DE 1998

O SUBSECRETÁRIO DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO - SUBSTITUTO, no uso da atribuição que lhe foi conferida pela Portaria nº 52, de 22 de abril de 1998, da Secretaria-Executiva do Ministério da Cultura, resolve

Art 1º Proceder a alteração da modalidade de aplicação na forma dos anexos I e II desta Portaria, conforme Memo nº 116 CGCON/SAA/SE/MinC, de 22 de dezembro de 1998, a fim de atender despesas com o projeto "Orquestra Sinfônica de Piracicaba."

Art 2º A presente alteração justifica-se pela inviabilidade técnica da execução na modalidade aprovada, em virtude da classificação da dotação Orçamentária programada e disponível nesta data ser insuficiente para transferências a instituições privadas.

Art 3º Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação

JÚLIO AUGUSTO SILVEIRA DE SOUZA

ANEXO I				
FISCAL				
ACRÉSCIMO				
CODIGO	ESPECIFICAÇÃO	NATUREZA	FONTE	VALOR
42.000	MINISTERIO DA CULTURA			50.000
42.101	MINISTERIO DA CULTURA			50.000
08.048.0247.4516	DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES E INTERCAMBIO DE BENS E SERVIÇOS CULTURAIS			50.000
08.048.0247.4516.0001	IMPACTO CULTURAL ATRAVÉS DE APOIO AS ATIVIDADES ARTÍSTICAS E CULTURAIS	345000	0199	50.000

ANEXO II				
FISCAL				
REDUÇÃO				
CODIGO	ESPECIFICAÇÃO	NATUREZA	FONTE	VALOR
42.000	MINISTERIO DA CULTURA			50.000
42.101	MINISTERIO DA CULTURA			50.000
08.048.0247.4516	DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES E INTERCAMBIO DE BENS E SERVIÇOS CULTURAIS			50.000
08.048.0247.4516.0001	IMPACTO CULTURAL ATRAVÉS DE APOIO AS ATIVIDADES ARTÍSTICAS E CULTURAIS	349000	0199	50.000

PORTARIA Nº 77, DE 23 DE DEZEMBRO DE 1998

O SUBSECRETÁRIO DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO - SUBSTITUTO, no uso da atribuição que lhe foi conferida pela Portaria nº 52, de 22 de abril de 1998, da Secretaria-Executiva do Ministério da Cultura, resolve

Art 1º Proceder a alteração da modalidade de aplicação na forma dos anexos I e II desta Portaria, conforme Mensagem Nº 1998/595295, FNC/SAA/SE, de 22 de dezembro de 1998, a fim de atender despesas com a reformulação do circuito de visita do Solar Monjardim

Art 2º A presente alteração justifica-se pela inviabilidade técnica da execução na modalidade aprovada, em virtude da classificação da dotação Orçamentária programada e disponível nesta data ser insuficiente para aplicação direta

Art 3º Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação

JÚLIO AUGUSTO SILVEIRA DE SOUZA

ANEXO I				
FISCAL				
ACRÉSCIMO				
CODIGO	ESPECIFICAÇÃO	NATUREZA	FONTE	VALOR
42.000	MINISTERIO DA CULTURA			30.400
42.902	FUNDO NACIONAL DE CULTURA			30.400
08.048.0031.4450	PRESERVAÇÃO E PROMOÇÃO DA ARTE E DA CULTURA			30.400
08.048.0031.4450.0003	PRESERVAÇÃO E PROMOÇÃO DA ARTE E DA CULTURA	459000	0120	30.400

ANEXO II				
FISCAL				
REDUÇÃO				
CODIGO	ESPECIFICAÇÃO	NATUREZA	FONTE	VALOR
42.000	MINISTERIO DA CULTURA			30.400
42902	FUNDO NACIONAL DE CULTURA			30.400
08.048.0031.4450	PRESERVAÇÃO E PROMOÇÃO DA ARTE E DA CULTURA			30.400
08.048.0031.4450.0003	PRESERVAÇÃO E PROMOÇÃO DA ARTE E DA CULTURA	453000	0120	30.400

(Of. nº 257/98)

SECRETARIA PARA O DESENVOLVIMENTO AUDIOVISUAL

PORTARIA Nº 56, DE 18 DE DEZEMBRO DE 1998

O SECRETARIO PARA O DESENVOLVIMENTO AUDIOVISUAL no uso de suas atribuições legais e tendo em vista o disposto na Portaria do Ministério da Cultura nº 63, de 11 de abril de 1997 resolve

Art 1º Aprovar os projetos audiovisuais relacionados em anexo, para os quais os proponentes ficam autorizados a captar recursos através da colocação de certificados de investimento, nos termos da Lei nº 8.685, de 20 de julho de 1993 regulamentada pelo Decreto nº 974, de 08 de novembro de 1993 e Lei nº 9.323, de 05 de dezembro de 1996

Art 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação

MOACIR DE OLIVEIRA

ANEXO

Nome do Projeto: História do Jornalismo Brasileiro. Comprovante de Aprovação nº 834/98. Processo nº 01400 008895/98-21. Proponente: Video Filmes Produções Artísticas Ltda. CGC 31.179.864/0001-46. Cidade/UF: Rio de Janeiro/RJ. Captação Autorizada: R\$ 1.302.167,00. Prazo de Captação: De 21/12/98 a 31/12/99. Banco Autorizado: Banco do Brasil S.A. Agência: 0287-9. Conta Corrente: 6.603-9

Nome do Projeto: Quinze (O). Comprovante de Aprovação nº 833/98. Processo nº 01400 007057/98-31. Proponente: Menescal Produções Artísticas Ltda. CGC 01.644.140/0001-65. Cidade/UF: Rio de Janeiro/RJ. Valor da Captação Autorizada: R\$ 3.000.000,00. Prazo de Captação: De 18/12/98 a 31/12/99. Banco Autorizado: Banco do Brasil S.A. Agência: 0598-3. Conta Corrente: 6.288-X

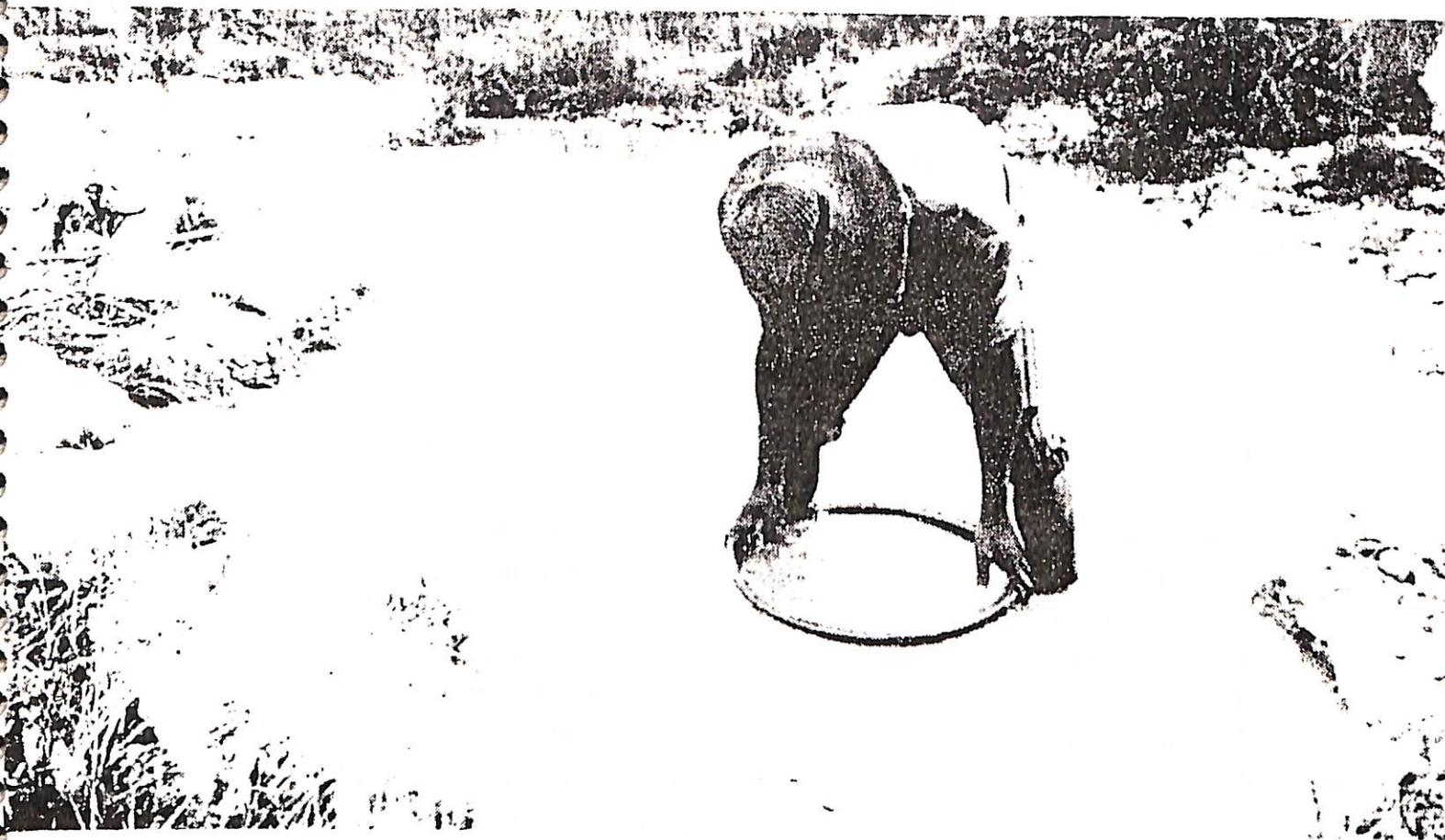
Nome do Projeto: Bicho Solto. Comprovante de Aprovação nº 832/98. Processo nº 01400 008255/98-30. Proponente: Novas Direções Marketing Cultural Ltda. CGC 28.939.445/0001-50. Cidade/UF: Rio de Janeiro/RJ. Valor da Captação Autorizada: R\$ 2.461.230,00. Prazo de Captação: De 18/12/98 a 31/12/99. Banco Autorizado: Banco do Brasil S.A. Agência: 2810-X. Conta Corrente: 5.414-3

Nome do Projeto: Concerto Campestre. Comprovante de Aprovação nº 830/98. Processo nº 01400 010116/98-78. Proponente: Empresa Cinematográfica Pampeana Ltda. CGC 00.813.962/0001-18. Cidade/UF: Porto Alegre/RS. Valor da Captação Autorizada: R\$ 2.364.000,00. Prazo de Captação: De 22/12/98 a 31/12/99. Banco Autorizado: Banco do Brasil S.A. Agência: 2817-7. Conta Corrente: 5.895-5

RETIFICAÇÃO

Na Portaria nº 47, de 25 de outubro de 1998, publicada no D.O.U. nº 231, de 2 de dezembro de 1998, Seção 1, Página 70, para o Projeto "Fazenda da Ressurreição; Comprovante de Aprovação nº 801/98" ONDE SE LÊ "Captação Autorizada: R\$ 1.203.997,00..." LEIA-SE "...1.605.329,00..."

(Of. nº 257/98)



“Para cercar o Jequitinhonha ou arrebentar as rochas dos córregos diamantinos era preciso alguma coisa mais sólida do que a paciência”.

“O garimpeiro, obrigado a passar uma vida de misérias, era, finalmente, o audaz, intrépido e ambicioso aventureiro que ia buscar fortuna nessa vida cheia de riscos, perigos e emoções”.

Joaquim Felício dos Santos
“Memórias do Distrito Diamantino”

FAZENDA DA RESSURREIÇÃO

SINOPSE

Filho e neto de garimpeiros, José Raimundo dos Santos, mais conhecido como Zé Raimundo, exerce na pequena cidade de Datas, no Alto Jequitinhonha, a mesma atividade daqueles que, no passado, criaram em Minas Gerais a fascinante mitologia extrativa que dura até hoje.

Ele, como outros faiscadores, sonha algum dia bamburrar, isto é, encontrar os grandes diamantes nas grupiarias, ou no cascalho dos rios, cujo preço, no entanto, favorece hoje mais os compradores, contrabandistas e os donos das grandes empresas que atuam no vale com suas dragas predatórias.

Casado com Marialva, que tece com habilidade os belos e apreciados tapetes Arraiolos, Zé Raimundo na verdade tem em Glorinha, sua filha de criação, com dez anos de idade, a alegria que não encontra nos rios.

Certo dia, contudo, Glorinha, que estuda no Grupo Escolar, desaparece misteriosamente, mobilizando a família, o delegado Altamiro, sua equipe policial e moradores de Datas, inclusive um conhecido jornalista e repórter de televisão, Pedro Rezende, em férias na cidade, onde nasceu e onde tivera, anos atrás, um abrasado namoro com Marialva.

O jornalista, residente em Belo Horizonte, vive preocupante drama conjugal, próximo da separação, com Cleusa, *socialite* de Belo Horizonte, mas, diante do sofrimento da antiga namorada, adia o regresso à capital e se entrega de corpo e alma às investigações sobre o desaparecimento da menina.

Todas as hipóteses para explicá-lo são examinadas, inclusive seqüestro, afastado das cogitações pela pobreza de Zé Raimundo, incapaz de pagar o menor resgate. O que mais aflige os amigos do casal, na verdade, é a inquietante suspeita de rapto, estupro e assassinato, cogitada antes, quando três outras crianças desapareceram de Mendanha, Guinda e Couto de Magalhães, na mesma região. Este fato leva Pedro Rezende a visitar aquelas localidades do Alto Jequitinhonha, onde investiga as circunstâncias em que se deu o desaparecimento das crianças, todas de famílias muito pobres.

Ao regressar da viagem Pedro encontra o filho Eduardo na casa do avô, o que provoca violenta alteração, pelo telefone, com Cleusa, que o acusa de atrair o filho para sua companhia.

Mais tarde, encontrando-se com Marialva, cada vez mais desesperada, ela confessa ao jornalista que ele é o pai de Glorinha, a menina desaparecida.

Detalhe que intriga particularmente o repórter e o delegado de Datas é a presença intermitente, naquela região, de uma médica pediatra, Isolda Schiller, que antes examinara as crianças desaparecidas, viajando, em seguida, para Diamantina, onde é vista na companhia de um estrangeiro idoso.

Envolvido pelo conflito com a mulher, Cleusa, e agora sabendo que é o pai da menina desaparecida, Pedro Rezende, juntamente com o detetive Rubens, destacado pelo delegado para acompanhar as investigações, vai a Diamantina, onde descobre a identidade e a ocupação daquele estrangeiro: um biólogo suíço, dedicado à inseminação artificial em gado leiteiro, chegado a Diamantina em avião de sua propriedade e constantemente visto na companhia da médica pediatra, que reside em um casarão nas cercanias da cidade.

Da curiosidade inicial, Pedro e o detetive passam depois à suspeita, o que os leva a perseguir a médica e o estrangeiro pelas ruas da velha cidade, até conseguir fotografá-los diante do hotel onde o biólogo se hospeda com o nome de Wilhelm Schneider.

Com a foto e os dados mais importantes sobre o suíço e a médica, Pedro se comunica, via-computador, com um colega do Rio de Janeiro, a quem pede investigações junto à Polícia Federal e Interpol, de Paris.

No dia seguinte recebe do Rio uma assombrosa resposta: o biólogo hospedara-se em Diamantina com nome falso, pois, na verdade, se chama Konrad Otto Spiegel, de nacionalidade alemã, e não suíça, antigo militante do partido nazista, foragido na América do Sul, e, durante a segunda grande guerra, participante de experiências com transplantes de órgãos humanos em prisioneiros judeus.

Com relação à médica as informações recebidas do Rio também são surpreendentes: o nome dela é igualmente falso e, com referência à sua atividade profissional o informe do Rio esclarece que fora expulsa do Conselho Regional de Medicina, de Santa Catarina, por prática ilegal de aborto e imperícia médica, impedida de clinicar em todo o Brasil.

Através de investigações paralelas, outros importantes indícios são encontrados por Pedro Rezende e o policial na casa da médica, onde penetram sigilosamente durante sua ausência: a existência, num dos cômodos, de vários recipientes para coleta e preservação de órgãos e sêmen; o nome de Glorinha, anotado em uma folha de papel, e a escritura de compra e vende de uma propriedade rural, próxima ao município de Couto de Magalhães, adquirida pela médica.

Com mau pressentimento a inquietar-lhe o espírito, Pedro Rezende vai à Santa Casa de Diamantina, onde se informa, com um cirurgião, amigo de seu pai, sobre transplantes e preservação de órgãos humanos.

Enquanto o jornalista se encontra no hospital, o detetive Rubens segue os passos do alemão e da médica, indo, inclusive, ao aeroporto

onde, escondido entre tambores de gasolina, observa o casal ordenar preparativos para próxima viagem do avião, guardado no hangar. Do aeroporto, o alemão e a médica seguem, de carro para o município de Couto de Magalhães, onde se localiza a fazenda, enquanto o detetive vai à Santa Casa e relata a Pedro Rezende os acontecimentos que presenciara.

Cada vez mais convencidos do envolvimento do biólogo e da médica no desaparecimento de Glorinha e das outras crianças, Pedro e o investigador regressam imediatamente a Datas, onde o jornalista encontra Cleusa, indignada com a fuga do filho Eduardo, e tem com ela uma acalorada discussão, interrompida com a chegada do delegado Altamiro que informa o aparecimento, nas imediações de Couto de Magalhães, do corpo de uma das crianças desaparecidas, despojado de vários de seus órgãos.

Passando da suspeita à assustadora certeza, sugere ao delegado Altamiro a formação imediata de um contingente policial, fortemente armado, que segue, depois, em vários carros, na direção de Couto de Magalhães e da "Fazenda da Ressurreição", de propriedade da médica.

Pedro vai rapidamente apanhar Zé Raimundo e Marialva e, com eles, também se integra ao grupamento policial que, pouco adiante de Couto de Magalhães, ganha uma estrada vicinal de terra e alcança a propriedade suspeita.

E nela, uma antiga fazenda de escravos, o mistério surpreendentemente se esclarece: no porão da casa-sede, antes uma senzala, iluminada por refletores de centro cirúrgico, Glorinha é encontrada, despida e anestesiada, estendida sobre uma mesa de operação, ladeada pelo alemão e a médica, na iminência de matá-la e despojá-la de seus órgãos.

Pego em flagrante, cercado pelos policiais, Konrad Otto Spiegel começa a gritar, enfurecido, e tenta apossar-se de uma arma. Antes que o faça, no entanto, é fuzilado pelos policiais, tombando morto e ensangüentado sobre vários tambores cilíndricos, providos de nitrogênio líquido, prontos para receber e conservar os órgãos de Glorinha.

A médica, acuada e em pânico, recosta-se em uma parede e suplica para que não a matem. Depois de presa e algemada, ouve, lívida, as terríveis acusações que lhe fazem o delegado, Pedro Rezende e, principalmente, Marialva.

Terminara, desta forma, o suplício de Marialva, Zé Raimundo e Pedro Rezende. Glorinha fora salva, seus seqüestradores e quase assassinos punidos: um com a morte, outra, após julgamento, certamente condenada à pena máxima.

O contingente policial, com o delegado Altamiro e o sargento Elias à frente, deixa a senzala, a casa-sede e atravessa a porteira da Fazenda da Ressurreição, símbolo agora de uma vida resgatada no último minuto.

O delegado, seguindo ao lado de Pedro Rezende, comenta:

- Espero que seja o último nazista, Pedro!

Mas o jornalista, meio cético, tem suas dúvidas. E responde:

- Não acredito que seja o último, doutor Altamiro! Há outros, escondidos pelo mundo, na própria Alemanha!

- Mas estes, meu caro - retruca Altamiro - os judeus um dia vão pegar, você vai ver!

Caminham mais alguns passos e, já se aproximando de seu carro, Altamiro diz ainda ao jornalista:

- Agora é com você, grande repórter! Convoque a imprensa, a televisão, o cinema, o que você quiser!

E termina, já entrando no carro:

- Você merece este "furo", com exclusividade! Até breve, meu caro, e muito obrigado por tudo!

Pedro aperta efusivamente a mão do delegado e caminha na direção de Marialva que, inundada de indescritível alegria, leva no colo a filha Glorinha e beija e abraça chorando o jornalista.

De volta a Datas, uma multidão cerca os veículos da diligência policial. Glorinha, Marialva e Pedro são cercados e festejados, enquanto Cleusa, o filho Eduardo e o sogro, Juca Rezende, são informados do feliz desfecho do dramático sofrimento vivido por Glorinha.

Marialva convida Cleusa para a missa em Ação de Graças que, no dia seguinte, mandara celebrar na Igreja-Matriz.

E, efetivamente, no dia seguinte, ela cumpre a promessa que fizera, se Glorinha fosse encontrada viva: na presença de uma multidão de parentes, amigos, moradores da cidade, e diante das câmeras de televisão, em reportagem comandada por Pedro Rezende, Marialva caminha de joelhos sobre os belos tapetes Arraiolos que suas colegas tecelãs, vão estendendo pela nave do templo, até o altar de Nossa Senhora da Conceição.

TEMÁTICA, AÇÃO E PERFIL DOS PERSONAGENS

A temática cultural mineira é reconhecidamente uma das mais ricas, originais e diversificadas do Brasil. "Minas são várias", disse Guimarães Rosa, que, mais tarde, completaria a definição: "Se são tantas Minas, porém, e contudo uma, será o que a determina, então, apenas uma atmosfera, sendo mineiro o homem em estado minas-gerais?"

Sendo tão férteis as vertentes temáticas mineiras, as imagens que as exprimem convergem, inelutavelmente, para uma mesma, profunda e bela essência: a alma, as emoções, o temperamento, a psicologia da gente mineira, refletindo a história heróica do barroco-colonial; o mítico e recôndito sertão mineiro, transfigurado na obra de Guimarães Rosa; os dramas e tradições populares da extração mineral; a introspecção da vida nas fazendas e pequenas cidade, enclausurando moradores em si mesmos, ou, finalmente, os conflitos, solidão, miséria, violência e marginalidade, tormento eterno dos moradores das grandes cidades.

"Fazenda da Ressurreição", projeto de filme cinematográfico de longa-metragem, abrange em seu entrecho algumas dessas típicas vertentes temáticas mineiras: o garimpo, os povoados que definham no tempo, a grande pobreza do povo que sobrevive em meio à envolvente beleza paisagística de rios e montanhas do Alto Jequitinhonha; a reminiscência romântica das serenatas, do casario, igrejas e ruas sinuosas de Diamantina, impregnadas de sombras e lembranças do passado. E é na cidade de Chica da Silva, que conflui o clímax final do filme, arrastando ação e personagens para um dramático desfecho.

O entrecho do filme, além de Diamantina, decorre em mais quatro cidades do Alto Jequitinhonha: Datas, - onde antagonismos, mistério e conflitos se articulam, - Mendanha, Guinda e Couto de Magalhães, - nas quais se movimenta uma estrutura narrativa de ação, expectativa e suspense.

Nesse cenário humano, econômico, social e histórico, descrito de forma definitiva por Joaquim Felício dos Santos em "Memórias do Distrito Diamantino", sobressaem as características específicas que configuram a alma, os contrastes, as emoções que dão substância aos personagens do filme: Zé Raimundo, homem rude que persiste na atividade decadente do garimpo, sonhando com a fortuna que lhe é sugada pelas dragas das grandes mineradoras; Marialva, modesta tecelã, entregue ao silencioso trabalho manual de fabricação dos tapetes Arraiolos, tragicamente abalada, certo dia, pelo desaparecimento da filha; Pedro Rezende, prestigioso

jornalista e repórter de televisão, nascido em Datas, sofrendo difícil drama conjugal com a mulher, Cleusa, e, ao mesmo tempo solidário com o drama e o sofrimento de Marialva, sua namorada de infância, cuja filha, Glorinha, desaparece misteriosamente, voltando da escola; o delegado de polícia, humanizado pela pobreza e o sofrimento dos anônimos moradores da região, configurados como símbolos de um país de tantos e impressionantes enclaves de miséria.

Estamos convencidos de que cinema brasileiro não pode mais prescindir dos valores éticos, humanos e sociais que marcam tão fundamente o Brasil e seu povo. Isto foi compreendido por Walter Salles em seu belo filme, "Central do Brasil" e, ao que tudo indica, vai sendo entendido por muitos cineastas, hoje dispendo de uma legislação de incentivo, que os estimula a realizar projetos cinematográficos capazes de nacionalizar nossas telas e reagrupar nosso público.

Se o público não se identificar com temas, entrecos e personagens que reflitam e dramatizem a vida popular, cultural, social e democrática do povo brasileiro, a conquista de nossas telas dificilmente se realizará e o cinema brasileiro continuará apegado a fórmulas narrativas de intriga, conteúdo e personagens construídos apenas para movimentar mecanismos artificiais de ação.

Achamos, no entanto, que, felizmente, o público brasileiro amadureceu e hoje consagra obras cuja essência penetra na alma e no coração de nosso povo.

Estes são os conceitos pelos quais justificamos o projeto de "Fazenda da Ressurreição", a ser filmado na região cantada por Cecília Meireles nas "Lamentações no Tejuco", do "Romanceiro da Inconfidência":

"Ai, que rios caudalosos,
e que montanhas tão altas!
Ai, que perdizes nos campos,
e que rubras madrugadas!
Ai, que rebanhos de negros,
e que formosas mulatas!
Ai, que chicotes tão duros,
e que capelas douradas!
Ai, que modos tão altivos,
e que decisões tão falsas...
Ai, que sonhos tão felizes...
que vidas tão desgraçadas!"

Devemos confessar que essas "vidas tão desgraçadas", e esses "sonhos tão felizes" inspiraram o projeto deste filme onde "há frio e a neblina rói a paisagem", na visão poética de Emílio Moura.

FAZENDA DA RESSURREIÇÃO

ROTEIRO TÉCNICO

TERMINOLOGIA TÉCNICA

<u>P.P.P.</u>	Primeiríssimo Plano
<u>P.P.</u>	Primeiro Plano
<u>P.A.</u>	Plano Americano
<u>P.A.L.</u>	Plano Americano Largo
<u>P.M.</u>	Plano Médio
<u>P.G.</u>	Plano Geral
<u>G.P.G.</u>	Grande Plano Geral
<u>"TRAVELLING"</u>	Câmera instalada em carrinho
<u>TRAV-AVANTE</u>	Carrinho para a frente
<u>TRAV-ATRÁS</u>	Carrinho para trás
<u>TRAV-LATERAL</u>	Carrinho para o lado
<u>TRAV-CIRCULAR</u>	Carrinho em curva
<u>CARRINHO</u>	Veículo sobre rodas
<u>PAN-E-D</u>	Panorâmica Esquerda-Direita
<u>PAN-D-E</u>	Panorâmica Direita-Esquerda
<u>PAN-A-B</u>	Panorâmica do Alto para Baixo
<u>PAN-B-A</u>	Panorâmica de Baixo para Alto
<u>CAMPO E CONTRA-CAMPO</u>	Personagens enquadrados à esquerda e à direita
<u>"PLONGÉE"</u>	Câmera do Alto para Baixo
<u>"CONTRE-PLONTÉE"</u>	Câmera de Baixo para Alto
<u>"RACCORD"</u>	Movimento que se completa
<u>"ZOOM"</u>	Lente multifocal, de avanço e recuo
<u>"FLASH"</u>	Plano de curta duração
<u>BG</u>	"Background": segundo plano sonoro.
<u>ESCURECIMENTO</u>	Passagem de tempo: imagem escurece e clareia
<u>FUSÃO</u>	Passagem curta de tempo: imagens se fundem

FAZENDA DA RESSURREIÇÃOROTEIRO TÉCNICOSEQÜÊNCIA 1

RESUMO: *A primeira seqüência do filme incorpora personagens à paisagem do Alto Jequitinhonha e revela a decadente atividade dos garimpeiros que ainda se obstinam na busca de diamantes e pedras preciosas que, naquela região, produziram enormes riquezas no passado e, no presente, são extraídos de forma predatória e industrializada, causando o empobrecimento de boa parte da população. Isto constitui o fundamento das divergências que abalam o casamento do garimpeiro Zé Raimundo e Marialva, sua mulher, tecelã de belos e famosos tapetes Arraiolos. Divergências, por outro lado, também vividas pelo jornalista Pedro Rezende, em férias na cidade de Datas, onde nasceu, e sua mulher Cleusa, da sociedade de Belo Horizonte, cujos conflitos são de origem mais familiar e social do que econômica.*

EXTERIORES - AMANHECER - DATAS - RIO

1 a 5 - Amanhece na cidade de Datas e região do Alto Jequitinhonha. Câmera, em planos de localização, registra a beleza paisagística da região cercada por altas montanhas graníticas e banhada pelo rio Jequitinhonha, local de garimpo tradicional praticado na região.

EXTERIOR - RUA E CASA DE ZÉ RAIMUNDO - MANHÃ

6. Focaliza-se, em Plano Geral, a rua de Datas onde residem José Raimundo dos Santos, sua mulher Marialva Correa dos Santos e a filha única do casal, Glória Maria, que chamam de Glorinha.

Câmera inicia lento Trav.-Avante pela a rua e, após fazer Pan-E-D, vai enquadrar a modesta casa, ainda fechada, onde reside a família do garimpeiro José Raimundo.

Família pobre, como, aliás é a maioria da população do Vale do Jequitinhonha. José Raimundo, ou, abreviadamente, Zé Raimundo, é um homem de 34 anos, moreno, forte, estatura mediana. Tem o rosto precocemente envelhecido, marcado pela dura luta pela sobrevivência.

Marialva, com 27 anos de idade, é uma moça de grande beleza, corpo bem feito e atraente, olhos castanhos vivos e inteligentes. Antes de casar-se com Zé Raimundo, teve muitos admiradores, como Severino Silva, também

garimpeiro, e, principalmente, Pedro Rezende, filho de um comerciante bem situado na cidade de Datas. Formado em Comunicação Social, em universidade de Belo Horizonte, para onde se mudou, Pedro Rezende trabalhou como repórter em jornal e depois na televisão, onde adquiriu notoriedade e prestígio, o que o levou a casar-se com moça de família rica, projetando-se na alta sociedade mineira.

Glorinha, filha única de Zé Raimundo e Marialva, tem 10 anos de idade e é uma moreninha encantadora, alegre, comunicativa, querida em toda a cidade. Estuda no Grupo Escolar "Milton Campos" e, de vez em quando, acompanha o pai no garimpo com a pequena bateia que Zé Raimundo lhe dera.

7. O movimento de aproximação da câmera termina quando estiver enquadrando em P.M. a casa de Zé Raimundo, mostrando a porta de entrada que se abre, surgindo Zé Raimundo, Marialva e Glorinha que vêm do interior da casa, para iniciar, cada um deles, sua atividade no novo dia. Glorinha, vestindo uniforme de colegial despede-se dos pais, com um beijo, ouvindo a mãe dizer:

MARIALVA: Não se esqueceu da merenda, Glorinha?

GLORINHA: Esqueci não, mamãe.

Zé Raimundo ergue a filha nos braços, beija-a carinhosamente e também lhe fala:

ZÉ RAIMUNDO: Estude bastante, Glorinha. principalmente matemática. Vai com Deus.

Glorinha se afasta, enquanto Zé Raimundo volta ao interior da casa, de onde sai, pouco depois, carregando bateia e a quentinha com o almoço preparado pela mulher.

Antes de partir para o garimpo, Zé Raimundo também se despede:

ZÉ RAIMUNDO: Bom, vou indo, cavucar a terra e o rio. Quem sabe encontro um tesouro?...

MARIALVA: Deus te ouça, Zé!

Beija Marialva e, em direção contrária àquela seguida por Glorinha, Zé Raimundo se afasta a caminho do rio, enquanto Marialva retorna ao interior da casa, fechando a porta de entrada.

INTERIOR - CASA DE ZÉ RAIMUNDO - MANHÃ - DATAS

No interior da casa, Marialva atravessa a pequena sala de entrada, pobremente decorada, e vai para um cômodo nos fundos, onde já se encontra a mãe, Dona Aparecida, tecendo os tapetes Arraiolos.

8. Dona Aparecida, viúva de, aproximadamente, 50 anos de idade, é uma mulher tristonha e envelhecida, os cabelos brancos, o rosto sulcado por rugas que revelam a áspera vida naquela região, de poucas oportunidades de trabalho.

A prática e o talento inato das tecelãs, espalhadas por todo o vale do Jequitinhonha, garantem a sobrevivência de muitas e modestas famílias, como a de Marialva, complementando o pouco, ou quase nada, que Zé Raimundo traz do rio e das grupiaras.

Marialva aprendera com a mãe o ofício de tecer, de forma manual, os belos tapetes, cujos riscos são inspirados em antigos desenhos de Arraiolos, região de Portugal, e cujo início consiste em riscar o pano, de cor creme, feito de rami, fibra natural cultivada no Paraná. A lã, usada nos bordados, com cardada nacional, vem de São Paulo, enquanto as franjas, costuradas à mão com sobras de rami, completam o material usado na tecelagem manual.

Depois de prontos, os tapetes são levados a uma sala especial, onde ficam esticados no chão, presos nos cantos e em toda a volta por grandes alfinetes, durante 24 horas. Em seguida, finalmente, são engomados com resina sintética, pincelada por meio de broxa, na medida justa.

Enquanto trabalham, com habilidade e rapidez, Marialva e a mãe conversam, preocupadas com os compromissos assumidos com os compradores dos tapetes, centralizados em Diamantina:

MARIALVA: Acho que hoje, ou amanhã, acabo o tapete, mamãe.

Dona Aparecida, sem tirar os olhos daquele que está tecendo, adverte:

DONA APARECIDA: Cê tá um pouco atrasada, Marialva. Precisamos entregar a encomenda ainda hoje, pra pegar outra.

EXTERIOR-FRENTE DA CASA DE JUCA REZENDE -MANHÃ

9. Enquadra-se agora Zé Raimundo atravessando a praça dominada pela bela Igreja-Matriz do Divino Espírito Santos, projeto do arquiteto francês Félix Quizard, inaugurada em 1870.

Seguido pela câmera, em Pan-E-D, o garimpeiro aproxima-se da residência e loja de "seu" Juca Rezende, velho e estimado comerciante da cidade, que o garimpeiro avista conversando com o filho, Pedro Rezende, jornalista e repórter da televisão, nascido em Datas, e que chegara na véspera de Belo Horizonte, em viagem de férias. *(Carro estacionado diante da loja).*

10. Câmera detalha, em P.A., o encontro de Zé Raimundo com Pedro e o pai diante da casa comercial:

PEDRO REZENDE: Ôi, Zé Raimundo! Já vai pro Jequitinhonha?

Surpreendido com a presença do jornalista, Zé Raimundo se aproxima, cumprimenta o velho Juca Rezende, aperta a mão de Pedro e, pouco efusivo, lhe fala:

ZÉ RAIMUNDO: Você de novo por aqui?
Quando chegou?

11. Câmera, em Trav.-Avante, vai fixar Pedro e Raimundo em P.P., conversando:

PEDRO REZENDE: Ontem à noite. Estava com saudade do velho e da vida pachorrenta de cidade do interior. E você? Sempre cavucando a terra e o rio? Tem achado pedra boa?

ZÉ RAIMUNDO: Nada. Só cascalho

PEDRO REZENDE: Fortuna grande você tem em casa, Zé Raimundo: a Marialva e a Glorinha.

ZÉ RAIMUNDO: Também acho.

PEDRO REZENDE: A Marialva tecendo sempre o Arraiolo?

ZÉ RAIMUNDO: É o trabalho dela.

Depois se despede, laconicamente:

ZÉ RAIMUNDO: Até logo.

PEDRO REZENDE: Se achar diamante, traz um pra mim...

12 - Zé Raimundo nada responde e se afasta na direção do rio. Câmera, em Trav.-Avante, vai enquadrar Pedro e o pai em P.P., conversando:

PEDRO REZENDE: Coitado. Não perde a esperança, e envelhece, como os outros garimpeiros, sonhando encontrar ouro e diamante, ficar rico. E quando encontra, quem enriquece não é ele, são os compradores de Diamantina, de Teófilo Ottoni, os contrabandistas que vendem as pedras no exterior.

JUCA REZENDE: É este círculo vicioso, Pedro: o garimpeiro, vencido pelas dragas das grandes empresas, pela degradação ambiental, a omissão do governo, a falta de fiscalização, o contrabando, a máfia internacional que age no país. Coisa triste!

PEDRO REZENDE: Apesar de tudo, há sempre um teimoso, como o Zé Raimundo, com a bateia na mão, esperando bamburrar...

JUCA REZENDE: É outro “ambicioso aventureiro” como escreveu Felício dos Santos, igual aos outros brasileiros que, em vez de ouro e diamante, ficam sonhando ganhar na loteria, no bingo, na mega-sena.

PEDRO REZENDE: Sonham e acordam cada vez mais pobres!

EXTERIOR - GARIMPO NO RIO - DATAS - MANHÃ

13. Zé Raimundo chega ao local onde, no rio Jequitinhonha, ele e o sócio Cirino garimpam com a velha draga a bomba. E lá retomam os velhos instrumentos da faiscação: a “vara de sondar”, fina e comprida verga de aço; as “labancas”, cavadeiras, picaretas, enxadas, carumbés, bateias, ralos e peneiras. Perto deles “improvisa-se um rancho-beira-no-chão”, onde se

guardam as ferramentas e se “quenta” a comida na hora da bóia, instante bom para um dedo de prosa:

ZÉ RAIMUNDO: Então, Cirino, tudo bem em casa?

CIRINO: Mais ou menos, Zé, mais ou menos.

ZÉ RAIMUNDO: Uai! Por quê “mais ou menos”? O que aconteceu?

CIRINO: Discussão com a Tereza, você sabe. Ela está nervosa, reclamando de tudo! É o diabo! *(Depois de pequeno intervalo):* E você, Zé? Está com cara de quem comeu e não gostou...

ZÉ RAIMUNDO: Ô Cirino, você conhece bem o Pedro Rezende, aquele jornalista?

CIRINO: Conheço, como todo mundo. Não foi namorado da Marialva?

ZÉ RAIMUNDO: Foi, há muito tempo. Encontrei com ele agorinha mesmo.

CIRINO: E por isto você está com esta cara de poucos amigos. Ainda tem ciúme, homem?

ZÉ RAIMUNDO: Ciúme não. Mas não gosto dele. É isto. Não gosto, não confio nele!

E se calam, pensativos. Depois apanham os instrumentos e voltam a trabalhar, abrindo o valo, ou rego, por onde se guiam as águas para o desbarranque, ou rebaixo, na área correspondente à cata.

EXTERIOR- FRENTE DA CASA DE JUCA REZENDE-MANHÃ

14. Pedro Rezende e o pai continuam a conversa no mesmo lugar, na praça da igreja.

Conversam em voz baixa, deixando perceber que o assunto é confidencial.

Câmera, em campo e contra-campo, registra o diálogo dos dois:

JUCA REZENDE: E como vão as coisas com a Cleusa, meu filho?

PEDRO REZENDE: Não vão bem, papai. Acho que não vai dar certo. Já falamos em separação, divórcio, essas coisas...

JUCA REZENDE: O que aconteceu com vocês Pedro? Gostavam tanto um do outro!

PEDRO REZENDE: A Cleusa devia se casar era com banqueiro, homem de negócios, e não com repórter que viaja de um lado para outro.

JUCA REZENDE: Seu filho, Pedro, vai sofrer muito com a separação.

PEDRO REZENDE: Sei disso, papai. E é por causa do Eduardo que suporto tudo da Cleusa.

JUCA REZENDE: Mas tudo o quê, meu filho?

PEDRO REZENDE: Tudo, papai. Mania de luxar, pôquer, futilidade, roupa cara e, pior do que tudo, aquele temperamento difícil e ciumento. A gente, papai, está cada vez se entendendo menos.

JUCA REZENDE: É uma pena, meu filho. Mas faça tudo para evitar o rompimento. Sua mãe, que descanse em paz, também era ciumenta, mas me fez muitofeliz, como você sabe.

15. Câmera recua, em Trav., e deixa entrar no enquadramento o delegado de Datas, doutor Altamiro, que se aproxima para comprar alguma coisa na loja.

O delegado, amigo de Juca Rezende, é um homem atarracado, estatura mediana, forte, com o ventre avantajado, os cabelos grisalhos, a fisionomia dura e enérgica de quem já enfrentou na polícia toda espécie de gente e situação perigosa. É respeitado, ou, melhor dizendo, temido na cidade e na região. Anda sempre armado e tem fama de valente e corajoso, capaz de enfrentar uma quadrilha inteira

Altamiro se aproxima com o semblante descontraído, surpreendido ao encontrar Pedro Rezende na cidade:

DELEGADO ALTAMIRO: Bom dia. Uai, "seu" Juca, não sabia que o famoso repórter estava na cidade. Como vai, Pedro?

PEDRO REZENDE: O Pedro vai bem, quanto ao "famoso repórter" vai mais ou menos...

DELEGADO ALTAMIRO: Deve ir também muito bem, pois outro dia vi uma boa reportagem sua na televisão.

PEDRO REZENDE: A reportagem é boa, doutor Altamiro, mas o salário é que não é tão bom assim

DELEGADO ALTAMIRO: Isto é modéstia rapaz. Dizem que a televisão paga muito bem. Quem paga mal é o governo.

PEDRO REZENDE: É só onda, delegado. Quem ganha bem é o Cid Moreira, o Bial, o Renato Machado, o Boris Casoy, o Gugu, o Ratinho...

16. Em novo enquadramento, câmera focaliza Pedro, o comerciante e o delegado Altamiro em P.M.

O delegado dirige-se ao comerciante e pergunta:

DELEGADO ALTAMIRO: O senhor tem fita pra máquina de escrever, "seu" Juca?

JUCA REZENDE: Tenho sim, doutor Altamiro.

PEDRO REZENDE: Máquina de escrever, delegado?... Em tempo de computador?...

DELEGADO ALTAMIRO: Como você vê! O governo está prometendo há um tempão, e nada até hoje! O jeito ainda é a velha Remington, coitada, que até precisa se aposentar!

JUCA REZENDE: Venha ver qual a fita que precisa.

Pedro Rezende aproveita a “deixa” e diz ao pai:

PEDRO REZENDE: Vou dar uma volta na cidade, papai.

JUCA REZENDE: É bom. Assim você verifica como Datas está progredindo. Já tem até parabólica...

DELEGADO ALTAMIRO: Por isso o Pedro é tão conhecido por aqui.

“Seu” Juca e o delegado entram na loja, enquanto Pedro Rezende, mudando de idéia, segue na direção da casa de Zé Raimundo e Marialva.

SOM - Batidas do sino da igreja.

INTERIOR - CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA

17. No interior da casa de Zé Raimundo, câmera detalha, em P.P.P., as mãos de Marialva, tecendo o Arraiolo.

Depois, em Trav-Atrás, abre o campo visual até P.A., fixando Marialva e a mãe em pleno trabalho de tecelagem.

Depois de alguns instantes de silêncio, só rompido pelo ruído do trabalho, dona Aparecida, sem desviar os olhos da paciente tarefa que executa, diz à filha:

DONA APARECIDA: E o Zé, Marialva, ainda fala em ir pra São Paulo?

MARIALVA: De vez em quando fala, mamãe. Diz que está desanimado com o garimpo.

DONA APARECIDA: Pior que o garimpo, Marialva, é a bobagem de ir pra São Paulo. Besteira grande!

MARIALVA: Eu sei, mamãe. Muita gente daqui vai pra lá, e se arrepende. A maioria não encontra trabalho, come o pão que o diabo amassou e volta mais pobre ainda!

Ficam em silêncio. Um silêncio povoado de pensamentos tristes e desesperansosos.

18. Câmera inicia lento movimento de aproximação (Zoom ou travelling), até enquadrar Marialva e a mãe em P.P. Dona Aparecida, como se falasse para si mesma, comenta então:

DONA APARECIDA: Foi uma pena, minha filha, ter acabado o namoro com o filho de "seu" Juca! Dizem que o rapaz está rico, tem casa bonita em Belo Horizonte, frequenta a sociedade...

MARIALVA: Quando o Pedro foi estudar em Belo Horizonte eu tinha a certeza de que tudo isso ia acontecer, mamãe. Aí surgiu o Zé Raimundo.

DONA APARECIDA: Você ainda gosta dele, Marialva?

MARIALVA: Do Zé?...

DONA APARECIDA: Do Pedro...

MARIALVA: O Pedro é amor do passado, que lutei para esquecer. O Zé Raimundo é homem honesto, gosta da Glorinha como se fosse filha dele.

Nesse exato momento ouve-se, em off, bater de palmas fora da casa.

SOM - Bater de palmas, em off.

MARIALVA: Deixa que eu atendo, mamãe.

Levanta-se e sai de quadro.

EXTERIOR - FRENTE DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA

19. Deixando Pedro Rezende à esquerda do quadro, em P.P., câmera enquadra a frente da casa de Zé Raimundo em P.M.

A porta de entrada se abre, surgindo Marialva do interior da casa.

Surpreendida e, ao mesmo tempo, feliz, reconhece Pedro Rezende, a quem diz, surpreendida:

MARIALVA: Gente! Você por aqui, Pedro?
Quando chegou?

Pedro caminha alguns metros e se aproxima de Marialva, enquanto responde:

PEDRO REZENDE: Cheguei ontem, Marialva.
E você, como vai?

MARIALVA: Tocando a vida, Pedro, e tecendo meus Arraiolos. Mas, por favor, entre! Não repare, é casa de pobre...

PEDRO REZENDE: Obrigado, Marialva. Só passei para dar um alô e saber como vão indo, você, a Glorinha, sua mãe. Estive com o Zé Raimundo, quando ia pro garimpo. Está tudo jóia?

20. P.P. de Marialva, respondendo, com certa ironia:

MARIALVA: Jóia nada! A coisa está mais pra bijuteria...

Pedro esboça um sorriso, enquanto Marialva continua, insistente:

MARIALVA: Mas não fique parado aí, Pedro!
Entre pra tomar um cafezinho.

21. P.P. de Pedro Rezende, respondendo:

PEDRO REZENDE: Só entro se, com o cafezinho, você trazer aquele pão-de-queijo delicioso que sabe fazer...

22. (como no nº 20): P.P. de Marialva:

MARIALVA: Está bem. Você entra e eu trago café e pão-de-queijo.

INTERIOR - CASA DE ZÉ RAIMUNDO - SALA - DIA

23. Instalada na pequena e modesta sala de visitas da casa de Zé Raimundo, câmera focaliza Marialva e Pedro Rezende. Os dois, enquadrados em P.M., vão sentar-se num sofá de palhinha, onde conversam:

PEDRO REZENDE: E a Glorinha? Deve estar linda, não é?

MARIALVA: Está uma mocinha, esperta, alegre e bonitinha.

Câmera inicia lento Trav-Avante, até enquadrar Pedro e Marialva em P.P.

PEDRO REZENDE: Com a mãe bonita que tem! Ela gosta de estudar, Marialva?

MARIALVA: Não gosta muito não. Gosta mesmo é de brincar, batear no rio, fazer travessuras com o "Bilito".

PEDRO REZENDE: "Bilito"?...

MARIALVA: É o nome do cachorro que o Zé deu pra ela quando completou sete anos.

PEDRO REZENDE: Ela está mesmo com quantos anos?

MARIALVA: Já fez dez anos...

PEDRO REZENDE: E já bateia no rio? Outra garimpeira na família?

24. Campo: Pedro à esquerda, de perfil, com Marialva de frente, ligeiramente à direita.

Marialva, com um terno sorriso, responde:

MARIALVA: O Zé fez uma bateia pequena pra ela se divertir no rio. Ela diz que ainda vai achar "um bruto diamante" no Jequitinhonha!... Coitada! É outra sonhadora...

25. Contra-campo: Marialva de perfil, à direita, com Pedro de frente, à esquerda:

PEDRO REZENDE: Com quem ela se parece mais? Com você, com o Zé?

MARIALVA: Não se parece nada com o Zé...

26. Campo (como no plano 18).

Marialva, meio encabulada, lembra-se do café com o pão-de-queijo. E exclama:

MARIALVA: Ih, gente! Ia me esquecendo do café. Espere um pouco. Vou buscar.

27. P.M. da sala, mostrando Marialva que se afasta, enquanto a câmera, em lento Trav-Avante, vai enquadrar Pedro Rezende em P.P. e depois em P.P.P., iniciando "flash-back".

SOM: Ruído de bomba de draga, subindo, meio distorcido.

SEQÜÊNCIA 2 (FLASH-BACK)

RESUMO: *A seqüência 2 relata, em "flash-back", o passeio amoroso de Pedro Rezende e Marialva, anos atrás. Jovens e românticos, caminham à margem do rio Jequitinhonha, próximo a Datas. De mãos dadas, no início, aos poucos um impulso de sensualidade os domina. Abraçam-se, beijam-se e, em um recanto discreto, à sombra de árvores, vão estender-se no chão. A volta ao passado termina quando, no plano 29, encerrando o "flash-back", Marialva chega da cozinha, trazendo café e pão-de-queijo, que serve ao antigo namorado.*

EXTERIOR - MARGEM DO RIO JEQUITINHONHA - DIA

28. Abrindo a seqüência em "flash-back", câmera focaliza, em P.G., o rio Jequitinhonha.

O plano será realizado com efeito especial, sugerindo retorno retrospectivo no tempo. Inicialmente desfocada, pouco a pouco a imagem se estabiliza, mostrando um belo trecho do Jequitinhonha.

Câmera, através de panorâmica direita-esquerda, mostra, caminhando na margem do rio, Pedro Rezende e Marialva, adolescentes ainda (*trabalho especial de maquiagem, com roupa usada à época*).

Os dois caminham de mãos dadas, lentamente, ouvindo, em segundo-plano sonoro, o ruído de uma draga, que aparece no enquadramento.

SOM - Música romântica, de serenata.

29. Enquadrando em P.A. Pedro Rezende e Marialva, câmera os acompanha em Trav.-Atrás, registrando o diálogo singelo de namorados:

PEDRO REZENDE: Não fique triste, Marialva. Vou estudar em Belo Horizonte, mas venho sempre aqui pra ver meus pais, os amigos, principalmente você....

MARIALVA: Belo Horizonte tem moças lindas, Pedro... Você vai se esquecer de mim, da caipira do interior...

PEDRO REZENDE: Não há moça linda de Belo Horizonte que me faça esquecer de você, Marialva!

Pedro, num gesto mais audacioso, enlaça Marialva, olhando-a com amor e ternura. Depois completa:

PEDRO REZENDE: Gosto muito de você... Crescemos juntos, brincamos juntos, como vou me esquecer de você?

De repente, num arroubo audacioso, Pedro atrai Marialva para si e a beija na boca, demoradamente.

SOM - Sobe música romântica

Marialva deixa-se beijar, por alguns instantes. Mas depois, assustada, separa-se de Pedro, dizendo:

MARIALVA: Não, Pedro, alguém pode ver! Olha ali aquele garimpeiro... Depois começam a falar...

PEDRO REZENDE: E que tem isto? Deixa falar, boba! A gente não vai se casar?

Voltam a caminhar e avistando mais adiante um recanto com capim e vegetação, nele se estendem, se beijam e se acariciam.

Câmera, em "travelling", afasta-se deles e vai enquadrar parte do rio, em trecho com águas mais rápidas e empedradas. As imagens começam, então, a desfocar-se, enquanto na trilha sonora, junto com o ruído das águas e motor

distante de uma pequena draga, também se ouve, distorcida, a voz de Pedro Rezende, repetindo:

PEDRO REZENDE (voz off, distorcida):
Gosto muito de você, Marialva! Te quero muito!

A seqüência retrospectiva termina quando, na trilha sonora, em timbre normal, ouve-se a voz de Marialva, que reaparece com o café e o pão-de-queijo, dizendo:

MARIALVA (voz off, normal): Pronto, aqui está o café com pão-de-queijo, "seu" guloso...

SEQÜÊNCIA 3

RESUMO. *Sucedendo ao "flash-back", a nova seqüência retoma o cotidiano dos personagens centrais do filme: Zé Raimundo, no garimpo, conversa com Quirino; Pedro Rezende dialoga com Marialva em sua casa e revela, em confidência, os conflitos com a esposa, enquanto Glorinha, regressando da escola, na companhia de uma colega, é examinada pela médica Isolda no Posto de Saúde.*

EXTERIOR - GARIMPO - DATAS - DIA

30. Câmera enquadra Zé Raimundo em P.M.L., aproximando-se de Quirino, que trabalha com a pequena draga de faiscação.

Ao fundo, o rio, com suas águas barrentas e, como uma impressionante moldura, a montanha granítica da região.

Câmera, em Trav.-Avante, focaliza os dois garimpeiros em P.P.

Zé Raimundo, alçando um pouco a voz por causa do barulho da bomba, diz ao amigo:

ZÉ RAIMUNDO: Não dá mais, Cirino. Estou pensando em tentar a vida em São Paulo.

CIRINO: Andei pensando nisto também, Zé, mas o Firmino, meu irmão, me desanimou. Voltou de lá em petição de miséria, passou fome, não arrumou nenhum emprego.

ZÉ RAIMUNDO: Não sei se aqui é melhor do que lá, Cirino!

CIRINO: E a Marialva? Ela está de acordo?

ZÉ RAIMUNDO: Está não. Acha que é besteira.

Câmera afasta-se, em "travelling", abrindo o quadro até P.A. Zé Raimundo, com gesto impulsivo e raivoso, joga no rio um instrumento de garimpo e exclama:

ZÉ RAIMUNDO: Uma merda, Cirino, uma merda! Ficar aqui, com a Marialva sustentando a casa, não agüento mais!

INTERIOR - CASA DE ZÉ RAIMUNDO - SALA - DIA

31. Enquadram-se, em P.P., Pedro Rezende e Marialva, na sala.

O jornalista apanha outro pão-de-queijo, que Marialva lhe estende. Come um pedaço e depois comenta:

MARIALVA: Ninguém cozinha como você, Marialva!

32. Em novo enquadramento, câmera favorece Marialva em P.P., com Pedro à esquerda, de perfil.

Marialva, com timidez, responde e depois pergunta:

MARIALVA: Bondade sua! E a Cleusa, não cozinha bem?...

PEDRO REZENDE: A Cleusa? Não sabe nem esquentar café! É uma dondoca, Marialva. Vive no cabeleireiro, nos chazinhos, no pôquer com as amigas.

Câmera recua, até P.A. Depois de um curto silêncio, Marialva, um pouco hesitante, pergunta:

MARIALVA: Você não é feliz, Pedro? Acho você um pouco tristonho...

PEDRO REZENDE: Não sou feliz não, Marialva. Meu casamento fracassou. Só continuo com a Cleusa por causa do Eduardo. Estou pensando em trabalhar na Europa, ou nos Estados Unidos.

33. P.P. de Pedro, olhando fixamente Marialva nos olhos, e dizendo:

PEDRO REZENDE: Uma coisa eu sei Marialva: eu seria feliz é com você...

Câmera recua, em "travelling", abrindo o quadro até P.M., mostrando dona Aparecida, que chega do fundo da casa, surpreendida ao avistar Pedro:

DONA APARECIDA: Gente?! Então é você, Pedro? Pensei que fosse outra pessoa. Está de novo na terra?

Pedro Rezende levanta-se, aperta a mão que dona Aparecida lhe estende e depois a beija no rosto. E explica:

PEDRO REZENDE: Vim matar saudades. Da terra, dos pais, dos amigos, de vocês. E, para aproveitar a viagem, quero comprar outro Arraiolo bonito que vocês tecem tão bem!

DONA APARECIDA: Vou buscar alguns deles pra você escolher.

Depois que a mãe se afasta, câmera inicia Trav-Avante e vai enquadrar Marialva em P.P., os olhos baixos, o rosto exprimindo tristeza e doçura. Sobre a imagem do belo rosto de Marialva, inicia-se lenta

F U S Ã O

EXTERIOR - POSTO DE SAÚDE - DIA

34. Pela rua do Posto de Saúde de Datas vêm vindo Glorinha e outra menina, sua coleguinha e amiga Maria do Carmo. Estão voltando da Escola, enquadradas pela objetiva em P.G.

Câmera segue-as em Pan.D-E até diante da porta de entrada do Posto, diante da qual se encontra a médica pediatra Isolda, que lhes fala:

DOUTORA ISOLDA: Ôi, meninas. Venham aqui. Quero examinar vocês duas no consultório.

("Pick-up" da médica estacionada diante do Posto).
35. Em nossa angulação, câmera focaliza Glorinha, Maria do Carmo e a médica em P.A.

As meninas se aproximam da pediatra que coloca a mão no ombro de Glorinha e, carinhosamente, lhe fala:

DOUTORA ISOLDA: Preciso fazer exames periódicos nos alunos do Grupo. Venham comigo.

As três entram no Posto, ouvindo-se na trilha sonora, antecipada, solo romântico de violão.

ESCURECIMENTO

SEQÜÊNCIA 4

RESUMO: *A nova seqüência registra a romântica serenata que Zé Raimundo dedica a Marialva e Glorinha, diante da casa onde residem, em Datas. Na noite estival e envolvente da pequena cidade, Zé Raimundo entoia, acompanhando-se ao violão, uma típica cantiga seresteira, atraindo mulher e filha à janela, encantadas com a homenagem sentimental do garimpeiro. Quando a serenata termina, a pequena família se recolhe, feliz, para uma boa noite de sono e repouso.*

EXTERIOR - RUA DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - NOITE

36. Enquadra-se, em P.G., a rua onde moram Zé Raimundo e Marialva. Por ela vem vindo, lançando sombras na fachada das casas, alguém tocando violão.

O vulto aproxima-se da objetiva, até ficar em P.A., identificado como o próprio Zé Raimundo, que continua a tocar violão, aproximando-se de sua casa. Câmera o segue, em Pan-E-D, até mostrá-lo a poucos passos da residência.

37. Em novo enquadramento, câmera focaliza Zé Raimundo em P.P., no instante em que começa a sereneta, acompanhando-se ao violão.

SOM:- Música de serenata.

Câmera faz panorâmica-circular e, no final, enquadra o seresteiro à esquerda do quadro, em P.A., e, ao fundo e à direita, em P.M., a modesta casa onde reside com Marialva e Glorinha.

SOM - Canção romântica entoada pelo seresteiro.

38. Depois de focalizar a casa em P.M., câmera inicia lento Trav-Avante, centralizando uma das janelas da casa.

A janela se abre, deixando ver Marialva e Glorinha, abraçadas, sorrindo, olhando na direção de Zé Raimundo, cantando com empolgação.

SOM - Serenata em off.

O "travelling" termina quando a objetiva estiver enquadrando Marialva e Glorinha em P.P., ouvindo, felizes, a serenata-surpresa do pai.

Encantada com a serenata, Marialva, a certa altura, abraça Glorinha e lhe diz, baixinho:

MARIALVA: O Zé tem uma voz bonita, não acha, Glorinha?

GLORINHA: Mais bonita do que a do Roberto Carlos!

SOM - Serenata em off.

39. P.P. de Zé Raimundo, terminando a serenata, olhando ternamente para as pessoas que mais ama no mundo.

Terminando de cantar, Zé Raimundo caminha na direção de sua casa, saindo de quadro pela esquerda.

40. P.A. de parte da fachada da casa, favorecendo a janela onde Marialva e Glorinha observam Zé Raimundo, que entra no quadro pela direita, aproxima-se da janela e beija a mulher e a filha, dizendo:

ZÉ RAIMUNDO: Então, gostaram?

MARIALVA: Adoramos!

GLORINHA: Canta outra música, papai!

INTERIOR - SALA DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - NOITE

41. Instalada no interior da casa de Zé Raimundo, câmera enquadra, ligeiramente de perfil, à esquerda e em P.P., Marialva e Glorinha e, à direita, o seresteiro diante da casa. Ele finge iniciar outra música, mas em vez de cantar, diz à filha:

ZÉ RAIMUNDO: Não, Glorinha. Chega de cantoria, senão acordo toda a cidade. Amanhã cedo você tem escola. Vai pra cama, menina.

Zé Raimundo sai de quadro, pela esquerda, abre a porta e a fecha, ganhando o interior de casa. Glorinha pula no colo do pai, que a beija carinhosamente.

Depois a menina vai correndo para o quarto, enquanto Zé Raimundo abraça Marialva e os dois, por sua vez, vão para o seu.

INTERIOR - QUARTO DE ZÉ RAIMUNDO - NOITE

42. Instalada no quarto de dormir de Zé Raimundo, câmera focaliza, em P.M., Marialva que se estende na cama de casal, enquanto o garimpeiro veste o pijama e, por sua vez, vai deitar-se, abraçando a mulher.

Mas, neste instante, a porta se abre e surge a filha, Glorinha, que pula na cama dos pais, pedindo:

GLORINHA: Deixa eu dormir hoje com vocês?

ZÉ RAIMUNDO: Se você ficar quietinha, a gente deixa, Glorinha.

A menina fica entre os dois, que a abraçam, enquanto câmera faz Trav-Avante, até enquadrar os três em P.P.

ESCURECIMENTO

SEQÜÊNCIA 5

RESUMO: *Um novo dia em Datas retrata os personagens do filme em sua rotina. Glorinha vai para a escola: Zé Raimundo para o garimpo; Pedro Rezende, na casa do pai, dialoga nervosamente, ao telefone, com a mulher, revelando o agravamento da crise conjugal que está vivendo, enquanto Marialva, de volta ao tapete Arraiolo, faz confidências à mãe, queixando-se da falta de perspectiva do marido no garimpo que só enriquece as grandes empresas.*

EXTERIOR - RUA DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - MANHÃ

43. Câmera equadra parte da rua e a casa de Zé Raimundo em P.G.

O garimpeiro, Marialva e Glorinha estão iniciando nova jornada de trabalho e de estudo. A primeira a partir, com o uniforme, a mochila e a merendeira é Glorinha, que recebe um beijo dos pais e toma o caminho da escola.

Depois é a vez de Zé Raimundo, que vai, com seus petrechos, para o rio, tomando direção oposta à filha.

Marialva, por último, retorna ao interior da casa, fechando a porta de entrada.

EXTERIOR - CAMINHO PARA A ESCOLA - MANHÃ

44. Por um caminho de terra, um pouco afastado da cidade, que se vê ao fundo, câmera focaliza, de frente, Glorinha, aproximando-se da escola.

Enquadrada em P.A., câmera recua, em "travelling", mostrando a menina com o rosto alegre e feliz.

Depois de acompanhá-la em Trav-Atrás, câmera interrompe o movimento e, através de Pan-E-D, focaliza Glorinha aproximando-se da escola, por uma trilha de terra. Outras alunas também estão chegando, alegres, gritando, como de hábito.

SOM - Gritos e risos de crianças.

EXTERIOR - GARIMPO NO JEQUITINHONHA - MANHÃ

45. Depois de fixar, em detalhe, as mãos e os instrumentos de garimpo, que Zé Raimundo utiliza no Jequitinhonha, câmera recua, em Trav., e faz panorâmica de correção, abrindo o quadro até P.M., detalhando parte do rio, a draga e, mais ao fundo, Quirino ao trabalho.

SOM - Ruídos da bomba da draga e do rio.

INTERIOR - CÔMODO NA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA

46. Marialva e dona Aparecida, focalizadas em P.P., estão em pleno trabalho, tecendo o tapete Arraiolo. Estão caladas e compenetradas, deixando perceber alguma coisa que as aborrece.

A primeira a falar é Marialva, que diz à mãe:

MARIALVA: Será que "seu" Monteiro paga hoje a encomenda, mamãe? Estamos sem dinheiro.

DONA APARECIDA: "Seu" Monteiro é meio tratante, não sei se vai pagar. O Quirino não podia emprestar algum dinheiro a vocês?

MARIALVA: Acho que ele também está meio "quebrado", mamãe.

Dona Aparecida interrompe a tecelagem e, olhando fixamente a filha, cria coragem e comenta:

DONA APARECIDA: O Zé devia procurar trabalho, Marialva. "Seu" Juca não ofereceu um lugar pra ele na loja? E por quê não trabalha na roça, como os outros?

MARIALVA: O Zé detesta ficar atrás de um balcão, odeia enxada e prefere passar fome do que capinar...

DONA APARECIDA: Pelo menos teria um dinheirinho certo, todo mês, não sacrificaria vocês.

Câmera avança em Trav. e vai enquadrar Marialva em P.P., o semblante exprimindo tristeza e preocupação, respondendo à mãe, sem encará-la:

MARIALVA: Está difícil viver assim, mamãe! O Zé é teimoso, tem um orgulho bobo e orgulho em pobre é fome na certa!

DONA APARECIDA: Ele não percebe que acabou esse tipo de garimpo com bateia e bomba velha que só encontra cascalho? Só as dragas dos ricos encontram ouro e diamante, Marialva! O Zé não é orgulhoso, minha filha! É teimoso, fracassado!

MARIALVA: Não fale assim, mamãe! A senhora é muito dura com ele!

Marialva, de repente, começa a chorar, deixando as lágrimas caírem sobre o tapete que tece.

Dona Aparecida então se comove, pára de trabalhar e lhe fala, mais ternamente:

DONA APARECIDA: Não chore, minha filha. Reze, peça a proteção de Nossa Senhora. Tenha fé que as coisas vão melhorar.

INTERIOR - CASA DE JUCA REZENDE - DIA

47. Na sala de visitas, no interior da residência do comerciante Juca Rezende, perto da igreja de Datas, câmera focaliza Pedro Rezende ao telefone.

Fixado inicialmente em P.A., câmera, em Trav.-Avante, vai enquadrar o jornalista em P.P., dizendo, irritadamente:

PEDRO REZENDE: Pois então faça o que quiser, Cleusa! Contrate advogado, inicie processo na justiça! Mas uma coisa eu te digo: vou brigar pelo filho! Não vai ser fácil como você pensa!

48. Em outra angulação, câmera deixa Pedro Rezende à esquerda do quadro, em P.A., mostrando, ao fundo, a porta de entrada na sala, pela qual surge, com a fisionomia séria, o pai do jornalista.

O comerciante fica parado junto à porta, ouvindo a réplica raivosa do filho, que, exaltadamente, responde à mulher, que o escuta de Belo Horizonte:

PEDRO REZENDE: Você não está sendo razoável, mulher! Tem pretensões e exigências absurdas, que não posso aceitar!

Ouve mais alguns instantes, e depois termina exaltadamente a ligação:

PEDRO REZENDE: Está bem, está bem! Amanhã volto a Belo Horizonte e a gente resolve isto tudo, de uma vez por todas!

E bate o fone, nervoso. Depois acende um cigarro, pensativo, os olhos perdidos em um ponto indefinido.

F U S Ã O

SEQÜÊNCIA 6

RESUMO: Enquanto Quirino e Zé Raimundo dialogam no garimpo, Marialva, tecendo o belo tapete Arraiolo, preocupa-se com a demora de Glorinha em voltar da escola. Olha as horas, cada vez mais intranquãila, o tempo passando. Decide ir à escola, onde é informada que a filha deixara normalmente a escola, ao final das aulas. Vai então chamar Zé Raimundo, no garimpo, e relata a Pedro Rezende, que já se prepara para retornar a

Belo Horizonte, o estranho desaparecimento da filha. Pedro, preocupado, cancela a viagem e, com Marialva e Zé Raimundo, vai à Delegacia, mobilizando o delegado Altamiro e policiais na busca da menina.

EXTERIOR - GARIMPO NO JEQUITINHONHA - DIA

49. No garimpo do rio Jequitinhonha, Zé Raimundo prepara-se para o almoço. O velho relógio de pulso marca meio-dia e dez minutos.

Zé senta-se num morrinho, perto da praia de areia, retira a tampa da marmitta e começa a comer a comida preparada por Marialva. Depois volta-se para Cirino e lhe diz:

ZÉ RAIMUNDO: O Pedro esteve ontem em minha casa, Cirino. Começa a se intrometer em minha vida! Já está me enchendo o saco!

CIRINO: Bobagem, Zé! Ele conhece Marialva há mais tempo do que você, homem! Que mal existe em visitar sua mulher?

ZÉ RAIMUNDO: Na minha ausência não acho certo, Cirino! Você gostaria que o antigo namorado da Rosinha se metesse em sua casa?!

CIRINO: Não veria nada de mal se fosse visita bem intencionada.

ZÉ RAIMUNDO: E se fosse mal-intencionada?

CIRINO: Dava um tiro nele!

Ficam alguns instantes em silêncio. Depois Cirino, meio sem jeito, pergunta:

CIRINO: Ouve aqui, Zé. Outro dia alguém me disse que a Glorinha não é sua filha...

Zé Raimundo olha espantado para o companheiro e responde, laconicamente:

ZÉ RAIMUNDO: É como se fosse...

INTERIOR - CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA

50. Focaliza-se o cômodo onde trabalham, na casa de Zé Raimundo, Marialva e Dona Aparecida, tecendo o Arraiolo.

Marialva, pela terceira ou quarta vez, espia o velho relógio de parede, marcando meio-dia e trinta e, preocupada, comenta para a mãe:

MARIALVA: Glorinha já devia ter chegado, mamãe.

Levanta-se da cadeira e deixa o cômodo onde trabalha.

EXTERIOR - RUA DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA.

51. P.P. e depois P.G. da casa e rua onde moram Zé Raimundo e família.

Depois de enquadrar a casa, câmera aciona a lente Zoom e abre o quadro até P.G., fixando Marialva que surge à porta de entrada e ganha a rua, olhando na direção por onde Glorinha chega normalmente da escola.

A rua está vazia. Depois de alguns instantes, retorna ao interior da casa, seguida pela câmera, que faz Pan-E-D.

INTERIOR - CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA

52. Marialva retorna ao cômodo onde trabalha com a mãe. Apanha o material e reinicia a tecelagem. Mas, pouco depois volta a consultar o relógio, cada vez mais intranquã, dizendo:

MARIALVA: A Glorinha nunca se atrasa, mamãe. Vou dar uma chegada na escola.

Deixa o cômodo, seguida pela câmera em Pan.E-D., atravessa a sala de visitas e chega à rua.

EXTERIOR - GRUPO ESCOLAR DE DATAS - DIA

53. P.G. da escola primária onde estuda Glorinha. Marialva entra no quadro, pela direita, e se aproxima da prédio, no instante em que a professora, dona Emília, está saindo.

Marialva vai ao seu encontro e a interroga.

54. P.A. de Marialva e a professora, que dialogam:

MARIALVA: Bom dia, dona Emília. Vim aqui

porque Glorinha ainda não chegou em casa. Ela saiu mais cedo da aula?

PROFESSORA: Não, Marialva. Chegou direitinho, acompanhou as aulas, esteve no recreio e depois foi pra casa.

MARIALVA: A senhora sabe se ela voltou com alguma colega?

PROFESSORA: Acho que não, pois a Maria do Carmo, que vai sempre com ela, veio conversar comigo sobre o "para casa".

MARIALVA: Está bem, dona Emília. Vou ver se está na casa de alguma coleguinha.

E se afasta, apressadamente, cada vez mais aflita.

INTERIOR - VENDA DE JUCA REZENDE - DIA

55. No interior da casa comercial de "seu" Juca, Pedro Rezende se prepara para regressar a Belo Horizonte.

Com uma pequena mala, o jornalista deixa o interior da venda e, na calçada, conversa com o pai.

EXTERIOR - FRENTE DA CASA DE JUCA REZENDE - DIA

56. Em movimento de "raccord", Pedro e o pai chegam à calçada da casa comercial e conversam, enquadrados em P.P.

PEDRO REZENDE: Chegando a Belo Horizonte, vou ter uma conversa definitiva com a Cleusa, papai. Se a gente não se entender, procuro o Lustoza, advogado, meu amigo, e inicio a separação.

JUCA REZENDE: Vai com calma, meu filho. Não perca as estribeiras, que é pior. Pense no Eduardinho, tão apegado a você.

O diálogo é interrompido quando avistam Marialva, muito nervosa, caminhando na direção do rio.

Pedro dá dois passos e a chama:

PEDRO REZENDE: Uai, Marialva, o que aconteceu? Por quê essa pressa?!

Marialva se aproxima e explica, o rosto exprimindo grande tensão:

MARIALVA: A Glorinha não chegou até agora da escola! Vou chamar o Zé Raimundo!

PEDRO REZENDE: Ela não foi à casa de alguma colega?

MARIALVA: Andei investigando, Pedro. Ninguém dá notícias dela. Estou ficando apavorada! Vou chamar o Zé!

E se afasta, na direção do rio, sem ao menos despedir-se.
Pedro a observa se afastando por alguns instantes. Depois diz ao pai:

PEDRO REZENDE: Ela está angustiada, papai. Vou esperar sua volta com o Zé Raimundo.

EXTERIOR - GARIMPO DO RIO - DIA

57. P.G. do rio e do local onde Zé Raimundo trabalha, vendo-se Marialva que dá a notícia do desaparecimento de Glorinha.
O forte ruído da bomba da draga impede que se ouça a fala dos dois.

SOM - Ruído forte da bomba da draga.

Zé Raimundo se aproxima de Quirino e avisa que vai com Marialva.

58. Em nova angulação, câmera deixa parte do rio e de sua margem no quadro e focaliza Marialva e o marido que se afastam, na direção da cidade.

EXTERIOR - CASA DE JUCA REZENDE - DIA

59. Em posição estratégica, câmera focaliza a rua que leva ao rio, pela qual estão vindo Marialva e Zé Raimundo, e, na esquina, a casa comercial de "seu" Juca Rezende.

Diante dela ainda estão o jornalista e o comerciante, que observam a chegada do casal e vão ao seu encontro.

60. P.A. de Zé, Marialva, Pedro e "seu" Juca Rezende.
Pedro Rezende dirige-se ao casal e sugere:

PEDRO REZENDE: Vamos à Delegacia, Zé.
Doutor Altamiro pode ajudar.

MARIALVA: Vamos sim.

Pedro volta-se para o pai e avisa:

PEDRO REZENDE: Vou com eles, papai.

JUCA REZENDE: Então não viaja para Belo Horizonte?

PEDRO REZENDE: Não, papai. Fico aqui até Glorinha aparecer. Se a Cleusa telefonar diga, por favor, que ligo mais tarde.

Os três se afastam, seguidos pela câmera que recua em "travelling" e, através de panorâmica, focaliza o grupo que se encaminha para a Delegacia.

INTERIOR - DELEGACIA DE DATAS - DIA

61. No gabinete da Delegacia, câmera enquadra Zé Raimundo, Marialva, Pedro e doutor Altamiro, conversando sobre o desaparecimento de Glorinha.

Pelo relógio fixado na parede da repartição, verifica-se que são 3 horas da tarde.

Marialva não disfarça sua grande inquietação, ouvindo as perguntas do delegado:

DELEGADO ALTAMIRO: Procurou na escola, na casa das colegas da menina?

MARIALVA: Procurei, doutor Altamiro.
Ninguém sabe informar nada.

DELEGADO ALTAMIRO: Sabe o caminho que ela tomou, voltando pra casa?

MARIALVA: Parece que veio por um atalho,
pra encurtar caminho.

O delegado chama dois detetives e ordena:

DELEGADO ALTAMIRO: Rubens e Tenório,
venham comigo.

Depois diz a Marialva, Zé Raimundo e Pedro Rezende:

DELEGADO ALTAMIRO: Vamos até a
escola para percorrer os caminhos que a menina
pode ter seguido.

E saem, apressadamente.

SEQÜÊNCIA 7

RESUMO: *O desaparecimento de Glorinha mobiliza policiais, amigos e moradores anônimos, solidários com o sofrimento de Marialva. Pedro Rezende, com a experiência de repórter, atua intensamente nas investigações do estranho caso, surgindo a hipótese de seqüestro, ou de estupro seguido de assassinato como assustadora hipótese para o mistério. Marialva, desesperada, recorre à fé religiosa e, em confissão ao vigário da cidade, revela que Glorinha não é filha de Zé Raimundo. Detalhe que intriga delegado, policiais e Pedro Rezende é a aparição intermitente na cidade de uma médica, doutora Isolda, que, na véspera, examinara Glorinha e outras crianças de Datas e localidades vizinhas. Pedro decide visitar os locais onde se deu o desaparecimento de três outras crianças.*

EXTERIORES DIVERSOS - DATAS - DIA E TARDE

62 a 73. Os próximos plano abrem uma nova seqüência mostrando em "flashes" fixados em diferentes locais, as buscas realizadas pelo delegado, os detetives, Pedro Rezende, Marialva e Zé Raimundo nas imediações da escola, nos caminhos e ruas seguidos normalmente por Glorinha.

O grupo se divide: o delegado, Pedro e um detetive seguem por uma determinada direção, enquanto Zé Raimundo, Marialva e outro detetive seguem por outra.

Serão "flashes" de curta duração, mostrando os dois grupos que investigam em diferentes locais, fazendo perguntas a moradores, vasculhando matagais na periferia da cidade.

A certa altura, perto de uma trilha mais afastada, o delegado vai observar a margem de um riacho. Depois se aproxima de Pedro e do detetive Rubens, enquadrados em P.P., comentando, intranquilo:

DELEGADO ALTAMIRO: Estou achando muito estranho este caso, Rubens.

O detetive aproveita para perguntar:

DETETIVE RUBENS: Não está parecendo um seqüestro, delegado?

DELEGADO ALTAMIRO: Seqüestro?! Ficou doido, Rubens? O Zé Raimundo não tem onde cair morto! O seqüestrador iria pedir resgate a um garimpeiro sem eira, nem beira?! Hipótese absurda, homem!

Depois de focalizar o grupo em P.M., câmera inicia Trav-Avante e vai enquadrar Pedro Rezende em P.A., meio afastado. Pedro se aproxima do delegado e lhe fala, exprimindo temor:

PEDRO REZENDE: Estou pensando numa coisa pior do que seqüestro, doutor Altamiro.

O movimento de aproximação, por "travelling", prossegue até enquadrar Pedro Rezende em P.P.:

PEDRO REZENDE: E se foi um tarado sexual, um degenerado que raptou a menina para estuprá-la?

Câmera faz Pan-E-D e vai enquadrar o delegado também em P.P., a fisionomia pensativa, ouvindo a observação de Pedro, em off, e que continua:

PEDRO REZENDE (voz off): Isto acontece muito, no Brasil, em toda parte!

A hipótese formulada por Pedro Rezende provoca grande preocupação, levando o delegado a concordar, sombrio:

DELEGADO ALTAMIRO: Sim, isto é possível, Pedro! Infelizmente é possível!

74. P.A. do delegado, Pedro Rezende e o detetive Rubens, abalados com a assustadora possibilidade.

O detetive Rubens volta-se para o delegado e opina:

DETETIVE RUBENS: Muitos depravados arrastam meninos e meninas para local isolado, satisfazem seus baixos instintos e depois matam, pra não serem identificados!

DELEGADO ALTAMIRO: É verdade, Rubens, desgraçadamente isto é verdade!

Pedro Rezende aproxima-se do delegado e lhe fala, baixando o tom da voz:

PEDRO REZENDE: É melhor não se falar com ninguém sobre isto, principalmente com Marialva.

DELEGADO ALTAMIRO: Está certo, Pedro. Vamos guardar sigilo, mudar o rumo das investigações.

EXTERIORES DIVERSOS - DATAS - DIA

75 a 82. Uma nova série de planos, ou de "flashes" de curta duração, mostrará o grupo do delegado, acrescido de outros integrantes da Delegacia, vasculhando recantos diversos num perímetro maior em torno da cidade de Datas, como macegas, matagais, grotões, margens de riachos, matas fechadas, capinzal e plantações.

SOM - Ruídos ambientais e, ao fundo, sino da igreja-matriz

INTERIOR - IGREJA-MATRIZ - TARDE

83. Focaliza-se Marialva no confessionário da igreja-matriz de Datas. O enquadramento inicial mostra a tecelã em P.G., ajoelhada ao confessionário, com parte da bela igreja servindo de moldura.

Câmera inicia lento Trav-Avante, até fixar Marialva em P.P., confessando-se ao pároco, padre Arnaldo, com voz sussurrada:

MARIALVA: Estou desesperada, padre Arnaldo! Ninguém sabe o que aconteceu a Glorinha! Acho que Deus está me castigando.

PADRE ARNALDO (*voz off*): Não diz isto, minha filha! Deus não castigou você, moça cristã, trabalhadora, boa mãe, boa esposa. Deus castiga aqueles que fazem o mal aos seus semelhantes.

84. Instalada no interior do confessionário, câmera enquadra padre Arnaldo em P.P. à direita, de perfil, ouvindo a confissão de Marialva, delineada através da tela perfurada, respondendo ao pároco:

MARIALVA: Preciso confessar ao senhor, Padre Arnaldo... um segredo que guardo há muito tempo...

PADRE ARNALDO: Diga então, minha filha, se isto puder aliviar sua consciência, receber o perdão de Deus.

Câmera faz curta panorâmica e vai enquadrar Marialva, em P.P., através da tela perfurada, em imagem que simboliza alguém numa prisão. Marialva, baixando mais ainda o tom de voz, finalmente confessa:

MARIALVA: Glorinha não é filha do Zé Raimundo, Padre Arnaldo...

PADRE ARNALDO: Não é filha do Zé Raimundo?!...

MARIALVA: Não é não, Padre Arnaldo...

PADRE ARNALDO: Então quem é o pai?

MARIALVA: Um antigo namorado...

PADRE ARNALDO: E seu marido sabe que não é o pai?

MARIALVA: Sabe, mas gosta da Glorinha como se fosse filha...

Através de lenta panorâmica, câmera volta a enquadrar o sacerdote em P.P. perguntando:

PADRE ARNALDO: E este seu antigo namorado sabe que é o pai de Glorinha?

MARIALVA: Sabe não, Padre Arnaldo.

PADRE ARNALDO: Pois precisa saber, minha filha... Precisa saber!

Marialva, profundamente constrangida, nada responde.

EXTERIOR - PRAÇA DA IGREJA - TARDE

85. P.G. da praça da igreja, vendo-se o delegado, Pedro Rezende, Zé Raimundo e os detetives que estiveram procurando Glorinha.

Marialva surge no alto da escadaria da igreja e, vendo o marido e o grupo, vai depressa a seu encontro, muito aflita.

86. Em "raccord" de movimento, câmera, de outro ângulo, focaliza Marialva, em P.A., aproximando-se do marido e perguntando, muito aflita:

MARIALVA: Então, Zé: alguma notícia?

Zé Raimundo, desanimado, abraça a mulher e responde:

ZÉ RAIMUNDO: Nada ainda, Marialva, mas, se Deus quiser, ela vai aparecer! Você vai ver! Deus é grande!

Marialva começa então a chorar, abraçada ao marido.

87. Meio afastados de Marialva e Zé Raimundo, o delegado, Pedro Rezende e dois detetives trocam idéias. Aproxima-se dos dois, apressadamente, o escrivão Marcílio, dizendo:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: O Rogério, que trabalha no Posto de Saúde, disse que ontem a doutora Isolda esteve examinando a Glorinha e outras alunas da escola.

DELEGADO ALTAMIRO: Seria bom conversar com a médica, Marcílio.

ESCRIVÃO MARCÍLIO: Fui ao Posto, doutor Altamiro, para falar com ela. Mas lá me disseram que viajou pra Diamantina.

88. P.P. do delegado e do escrivão. Mais ao fundo Pedro Rezende conversa com Zé Raimundo e Marialva.

Marcílio, falando em tom de voz mais baixo, comenta para o delegado:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: Acho muito esquisitas as vindas e idas desta médica, doutor Altamiro. Fica uns dias em Datas, depois vai pra Mendanha, Guinda, Gouveia...

O delegado, meio irritado, retruca ao funcionário:

DELEGADO ALTAMIRO: Uai, Marcílio! Está insinuando que a médica seqüestrou a menina?! Que besteira, homem!

A réplica do delegado embaraça o escrivão, que responde:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: Não é bem isso, doutor... Mas, acho meio esquisito!

O delegado, agora francamente hostil, responde rispidamente ao funcionário:

DELEGADO ALTAMIR: Você não sabe, Marcílio, que a doutora Isolda percorre o Alto Jequitinhonha dando consultas gratuitas às crianças pobres?!

89. P.M. dos dois grupos liderados pelo delegado. Zé Raimundo e Marialva são vistos entrando na igreja, enquanto Pedro Rezende se aproxima de Altamiro.

90. P.P. do delegado, do escrivão e de Pedro Rezende que, parando ao lado de Altamiro, lhe fala, contristado:

PEDRO REZENDE: A Marialva está desesperada! O caso é muito sério, doutor Altamiro!

DELEGADO ALTAMIRO: Estamos fazendo todo o possível para encontrar a menina, Pedro Rezende. Também estou abespinhado com o caso!

PEDRO REZENDE: Me diga uma coisa, doutor Altamiro: sabe quando foi que desapareceu aquele menino de Mendanha?

DELEGADO ALTAMIRO: Não me lembro bem, mas acho que foi há algum tempo. duas semanas, talvez.

91. Câmera faz Trav-Atrás, abre o quadro até P.A. do grupo, mostrando o detetive Rubens que se aproxima do delegado e esclarece:

DETETIVE RUBENS: Foi há 20 dias atrás, doutor delegado. Meu tio Agripino, que mora em Mendanha, é amigo do pai do menino que sumiu e nunca mais foi encontrado.

É quando outro detetive, o Edmir, um negro alto e espadaúdo, de grandes bigodes, intervém, para informar:

DETETIVE EDMIR: E não foi só ele que desapareceu, doutor Altamiro. Também sumiu uma menina em Guinda, e outra em Rio Manso, onde um mendigo chegou a ser preso como suspeito.

ESCRIVÃO MARCÍLIO: Ô Edmir, você não sabe que Rio Manso agora se chama Couto de Magalhães?

DELEGADO ALTAMIRO: O nome não importa! O importante é o fato da Glorinha ser a quarta criança a desaparecer nesta região. Isto me preocupa muito!

PEDRO REZENDE: Se o senhor não se importar, doutor Altamiro, gostaria de fazer uma investigação em Mendanha, Guinda e Couto de Magalhães. Investigação jornalística, bem claro.

DELEGADO ALTAMIRO: Acho muito bom isto, Pedro. Certos jornalistas, como você, têm um atilado faro policial. Quer que destaque um detetive para ir junto?

PEDRO REZENDE: Não precisa, doutor Altamiro. Assim o senhor, continua as investigações com seu pessoal, que é muito competente.

Ouve-se, neste instante, a voz off de “seu” Juca Rezende, chamando o filho:

JUCA REZENDE (voz off): Pedro... Telefone para você, meu filho.

PEDRO REZENDE: Com licença. Mais tarde passo na delegacia. Até logo.

E se afasta, saindo de quadro na direção da casa comercial do pai.

O delegado e sua turma atravessam a praça, conversando, a caminho da delegacia.

SOM - Entra, antecipando-se às imagens, o ruído de carro rodando na estrada.

F U S ã O

SEQÜÊNCIA 8

RESUMO: *Pedro Rezende, intrigado com o desaparecimento de Glorinha e outras crianças e com a aparição periódica da médica Isolda na região, visita Mendanha, Guinda e Couto de Magalhães, onde conversa com moradores e populares, informando-se sobre o fato. Em Mendanha dialoga com um velho morador, “seu” Matias, que lhe traça um retrato pessimista do povoado. Em Guinda participa de um incidente constrangedor com a mãe de Valéria, outra menina desaparecida, e toma conhecimento de que a médica Isolda também a examinara demoradamente na véspera de sumir.*

Em Couto de Magalhães, finalmente, testemunha a fúria agressiva de um mendigo, injustamente acusado do desaparecimento de um aluno do Grupo Escolar. Voltando a Datas, encontra o filho Eduardo, de 8 anos de idade, na casa do avô. Chorando muito, Eduardo informa ao pai que não fica mais na casa da mãe, que, muito nervosa, chama Pedro ao telefone. À noite, Marialva, dormindo, tem um terrível pesadelo, envolvendo Glorinha, e acorda Zé Raimundo com um grito que ecoa pela cidade.

Vivendo o drama familiar provocado pela chegada do filho, Pedro Rezende relata ao delegado a tumultuada visita que fizera a Mendanha, Guinda e Couto de Magalhães e fica sabendo, por intermédio de um

viajante-comercial, das ligações da médica Isolda com um estrangeiro idoso, com o qual é vista na cidade de Diamantina.

EXTERIORES - MENDANHA E GUINDA - DIA

92 a 105. Nova série de planos focalizará Pedro Rezende viajando, inicialmente, em seu carro, para o distrito de Mendanha, revelando a paisagem montanhosa da região; o rio Jequitinhonha, onde são vistos garimpeiros e dragas em pleno trabalho de mineração, e, finalmente, o pobre e solitário lugarejo com suas casas pobres, erguidas em ruas íngremes e tortuosas, habitadas por uma população rarefeita e tristonha.

Algumas "tomadas" serão "flashes" de curta duração, outras mostrarão o jornalista conversando com moradores que encontra nas ruelas, ou dialogando com outros que, postados na janela, o observavam com olhos tristes e apáticos.

SOM - Ruídos ambientais, gritos de crianças, música incidental de efeito dramático

106. Num recanto de Mendanha, Pedro aproxima-se de um velho morador, debruçado na janela de um casebre, e com ele conversa, ambos enquadrados em P.A.

PEDRO REZENDE: Bom dia.

MORADOR VELHO: Dia...

PEDRO REZENDE: Me diga uma coisa, amigo: o senhor conhece a família do menino que desapareceu mais ou menos um mês atrás?

MORADOR VELHO: Conheço sim. É o Luizinho, filho do Chico Fortunato, que trabalha na roça. Mas, por quê tá perguntando isso, moço? O senhor é da polícia?

PEDRO REZENDE: Não, não. Sou jornalista de Belo Horizonte, estou preparando uma matéria para meu jornal. Como é seu nome?

MORADOR VELHO: Me chamo Matias, mas aqui só me chamam de "velho Matias". E o seu?

PEDRO REZENDE: Pedro Rezende. Desculpe tomar seu tempo, "seu" Matias. Mas como foi que o menino sumiu?

VELHO MORADOR: Foi levar a marmita pro Chico Fortunato, na roça, e nunca mais voltou. Muita gente some por aqui: velho, moço, criança, marido, mulher, gente pobre, muito pobre. Quem é rico, vai pra Diamantina fazer negócio com pedra, tomar chope, fazer serenata pra mulher bonita, contar casos do Juscelino.

PEDRO REZENDE: Mas aqui tem o rio para os pobres, "seu" Matias, tem pedra pra garimpar, peixe pra comer.

107. Câmera avança, em "travelling", até enquadrar em P.P. o velho Matias, respondendo, com a irônica melancolia de homem maltratado:

VELHO MORADOR: Nem isto tem mais, moço! Tiraram tudo de nós: peixe, diamante, turmalina! E até nossos filhos estão tirando! O rio não é mais dos garimpeiros, mas das dragas dos graúdos! O senhor já viu como nosso Jequitinhonha tá feio e maltratado? Acaba virando riacho...

F U S Ã O

EXTERIORES - ESTRADA E GUINDA - DIA

108. - Câmera focaliza, em P.G., o carro de Pedro Rezende surgindo numa curva da estrada asfaltada, aproximando-se do povoado de Guinda. Depois, em Pan, segue o veículo e mostra algumas casas de Guinda.

109. Na praça principal de Guinda, com a velha igreja ao fundo, câmara focaliza, também em P.G., o carro de Pedro que estaciona em um canto do arraial.

Pedro desce e, mais adianta, aborda um morador, sem que se ouça o diálogo dos dois.

Vê-se, no entanto, que o morador aponta para uma ruela da cidade, para onde Pedro se encaminha.

EXTERIOR - RUELA E CASA DE GUINDA - DIA

110. P.M. e depois P.P. por Trav-Avante.

Depois de focalizar em P.M. a ruela de Guinda, câmara avança em "travelling" e vai enquadrar uma casinha humilde.

Nela se encontra uma mulher ainda jovem, precocemente envelhecida.

O movimento de aproximação da câmara termina quando o enquadramento chegar a P.P., deixando a mulher ligeiramente à esquerda e, à direita, quase de perfil, Pedro aproximando-se para dizer:

PEDRO REZENDE: Bom dia, dona Dulce.
Meu nome é Pedro Rezende, filho de "seu" Juca, de Datas.

DONA DULCE: Conheço, conheço seu pai, moço. É homem bom. Meu falecido marido, conhecia muito "seu" Juca Rezende. Está passeando por aqui?

PEDRO REZENDE: Na verdade, dona Dulce, vim conversar com a senhora sobre sua filha Valéria.

Ouvindo Pedro falar na filha, a moradora de Guinda se assusta e exclama, com voz alterada:

DONA DULCE: Ah, coitadinha! A Valéria era uma menina alegre, forte, tanto que a médica disse que era a mais forte e bonitinha daqui!

INTERIOR - CASA DE DONA DULCE EM GUINDA - DIA

111. Instalada no interior da casinha, câmara enquadra dona Dulce à esquerda, de perfil e, de frente, à direita, em P.P., Pedro Rezende.

Ouvindo falar na médica, Pedro manifesta surpresa, perguntando:

PEDRO REZENDE: A médica se chamava Isolda, dona Dulce? Examinou sua filha, a Valéria?

DONA DULCE: Examinou sim, no Posto de Saúde. Disse que era sadia, com ótima saúde.

PEDRO REZENDE: E quando foi isto, dona Dulce?

DONA DULCE: Um dia, ou dois, antes da menina sumir.

PEDRO REZENDE: E a que hora ela sumiu, dona Dulce?

DONA DULCE: De tarde, quando voltava da escola.

PEDRO REZENDE: Ela saiu com a médica?

DONA DULCE: Não. A médica tinha ido pro Rio Manso.

EXTERIOR - RUA E CASA DE DONA DULCE EM GUINDA - DIA

112. Voltando à parte externa da casa, câmera focaliza Pedro e dona Dulce em P.A.

Antes de ir embora, Pedro ainda pergunta:

PEDRO REZENDE: A senhora chegou a conhecer a médica, dona Dulce?

DONA DULCE: Cheguei. Vinha de vez em quando a Guinda, dava consultas de graça. Veio um vez aqui em casa, tomou cafezinho e examinou a Valéria. Era muito atenciosa, parecia gostar muito da menina.

PEDRO REZENDE: Se Deus quiser, dona Dulce, a Valéria vai aparecer, forte, com saúde. Tenho certeza que vai aparecer.

DONA DULCE: Não tenho mais esperança não, moço! Já sofri muito nesta vida, "seu" Pedro! Perdi meu marido, perdi a Valéria, perdi tudo, até a fé! Vivo aqui, sozinha, como morcego, nesta casa escura!

De súbito, chorando nervosamente, dona Dulce deixa a janela, sai da casinha, aproxima-se de Pedro, aperta-lhe o braço e começa a gritar, histericamente:

DONA DULCE: Traz minha filha de volta, "seu" Pedro! Pelo amor de Deus, traz minha filha! Quero a Valéria de volta!

113. P.G. da viela e da casa de Dona Dulce. Os gritos da mãe da menina desaparecida atraem passantes e moradores de Guinda.

Pedro Rezende, constrangido, muito assustado, tenta acalmar a mulher, dizendo confusamente:

PEDRO REZENDE: Fique calma, dona Dulce, fique calma, por favor! Ela vai voltar, sua filha vai voltar pra senhora, a Valéria vai aparecer!

Dona Dulce não se acalma e, ao contrário, fica ainda mais exaltada, gritando forte, com voz desesperada:

DONA DULCE: Todo mundo diz isto, e minha filha não aparece! Tiraram minha filha de mim, mataram minha filha! E todo mundo diz para eu ter esperança! Mentira, é tudo mentira! Ela não volta mais! Mataram minha filha, mataram minha Valéria! Ai, meu Deus, não agüento, não agüento mais!

Desesperada, chorando, com gestos descontrolados, a pobre mulher, de repente, abraça Pedro Rezende e cai de joelhos, segurando as pernas do jornalista, gritando com voz roufenha:

DONA DULCE: Quero minha filha de volta! Me traz ela de volta, moço, traz minha filha, pelo amor de Deus! Traz minha filha!

Uma vizinha, penalizada, aproxima-se e ajuda dona Dulce a levantar-se e a leva de volta ao casebre, enquanto Pedro Rezende, contrafeito, deixa apressadamente o local, ouvindo alguém comentar:

UM MORADOR: Coitado do moço! Não sabia que a Dulce fica assim, quando perguntam pela filha!...

EXTERIOR - ESTRADA E COUTO DE MAGALHÃES - DIA

114. Em corte direto, câmera, instalada no interior do carro de Pedro Rezende, rodando na estrada asfaltada próxima à cidade de Couto de Magalhães, focaliza o jornalista de perfil, em P.P., e, ao fundo, as primeiras casas do antigo arraial de Rio Manso.

SOM - Ruído do carro em movimento.

Pedro está sério, pensativo, afetado pelo incidente de Guinda.

115. Instalada em carro especial, equipado para registrar planos em "travelling", câmera focaliza a pequena praça na entrada de Couto de Magalhães, com a velha igreja e, ao fundo, algumas casas extremamente pobres, compondo um conjunto de pobreza e solidão.

SOM - Carro em movimento e batidas ritmadas de sino velho.

EXTERIOR - BOTEQUIM DE COUTO DE MAGALHÃES - DIA

116. Focaliza-se, em P.G., o carro de Pedro Rezende chegando e parando diante de um botequim, logo na entrada de uma praça com a igreja-matriz da cidade, ao fundo.

Pedro desce do carro e entra no bar, onde estão alguns moradores da localidade.

INTERIOR - BOTEQUIM DE COUTO DE MAGALHÃES - DIA

117. P.M. do interior do botequim na praça de Couto de Magalhães: o balcão, com as prateleiras repletas de produtos típicos, vendidos em locais idênticos, com destaque para muitas garrafas de cachaça, e, em ponto elevado, encaixada na prateleira, um aparelho de televisão com um programa de auditório.

SOM - Televisão transmitindo programa de auditório, com uma banda cantando música de sucesso.

Pedro se aproxima e cumprimenta os moradores que fazem da venda local de encontro para a cachaça e "bate-papo":

PEDRO REZENDE: Bom dia a todos.

Alguns respondem, monossilabicamente:

MORADORES: Dia...

O dono do bar, um homem pardo, de barriga avantajada e um bonezinho sujo na cabeça, aproxima-se do jornalista e pergunta:

DONO DO BAR: Alguma coisa, moço?

PEDRO REZENDE: Um Guaraná. (*ou Coca-Cola, ou uma cerveja em lata, etc.*).

O comerciante apanha a bebida e um copo, que estende ao jornalista.

118. P.A. de Pedro e do comerciante, vendo-se, ao fundo, dois ou três moradores da cidade.

Pedro despeja a bebida no copo, bebe um gole. Logo em seguida, o dono do bar, bisbilhoteiro, pergunta:

DONO DO BAR: Dando uma voltinha?

PEDRO REZENDE: Sou jornalista, trabalho em Belo Horizonte. Estou preparando uma reportagem.

119. P.P. do comerciante, que pergunta, meio irônico:

DONO DO BAR: Reportagem nesta biboca onde o diabo perdeu as botas?...

120. P.P. de Pedro Rezende, que esboça um sorriso e responde

PEDRO REZENDE: É uma cidade simpática, igual às outras do interior. O importante não é a cidade, mas as pessoas que vivem nela.

121. P.M. e depois P.P. por Trav-Avante.

Em nova angulação, câmera focaliza o interior do bar. Um dos moradores, homem já idoso, de barba e cabelos brancos, gosta do elogio, aproxima-se de Pedro Rezende e lhe fala:

MORADOR IDOSO: Falou bem, rapaz! É isto mesmo! O importante é o povo! A cidade pode ser pobre, sem asfalto, sem arranha-céu, sem automóvel na rua, mas o povo é bom e trabalhador!

OUTRO MORADOR: Se não tem automóvel, anda a cavalo, de bicicleta, anda a pé. Não é a mesma coisa?

Câmera inicia lento Trav-Avante, até enquadrar Pedro e o morador idoso em P.P.

Pedro, estimulado pela conversa, então pergunta:

PEDRO REZENDE: Sempre achei isto. A gente deve gostar é de cidade onde se vive em paz.

MORADOR IDOSO: O senhor mora onde, “seu” moço?

PEDRO REZENDE: Em Belo Horizonte...

MORADOR IDOSO: E lá tem paz?

Meio encabulado, Pedro responde:

PEDRO REZENDE: Me diga uma coisa... como é mesmo seu nome, amigo?

MORADOR IDOSO: Geremias Monteiro, às suas ordens.

PEDRO REZENDE: Posso lhe oferecer alguma coisa, “seu” Geremias?

MORADOR IDOSO: Pode sim, moço. Uma cachacinha, por exemplo.

122. P.A.L. de parte do bar, de Pedro, o morador idoso e o dono do bar, que se aproxima, esperando o pedido:

MORADOR IDOSO: Uma “Havana”, de Salinas, “seu” Melo.

O comerciante apanha a garrafa da cachaça famosa e serve ao morador que, de uma só talagada, desce a bebida pela gúela. Depois opina:

MORADOR IDOSO: É a melhor “branquinha” do mundo!

Pedro aproveita a “deixa” e sugere ao morador:

PEDRO REZENDE: Gostaria de bater um papinho com o senhor. Vamos sair um pouco?

MORADOR IDOSO: Vamos sim, moço. Aqui, como o senhor viu, o “papo” é outro...

Pedro pede a conta, paga e sai com o morador, ganhando a praça.

EXTERIOR - PRAÇA DE COUTO DE MAGALHÃES - DIA

123. Instalada em carrinho, câmara enquadra Pedro e o morador idoso em P.P. e inicia lento Trav-Atrás, acompanhando a caminhada dos dois pela praça de Couto de Magalhães.

O primeiro a falar é o morador, que comenta:

MORADOR IDOSO: Já conheço o senhor da televisão. É o Pedro Rezende, não é? Veio fazer uma reportagem?

PEDRO REZENDE: Mais ou menos. Estou investigando o desaparecimento das crianças em Mendanha, Guinda e aqui. O senhor pode me dizer alguma coisa sobre isso?

MORADOR IDOSO: Posso sim, “seu” Pedro. E até conheço o homem que cometeu esse crime!

PEDRO REZENDE: O senhor conhece?! E ele mora aqui?!

MORADOR IDOSO: Mora. E vou levar o senhor lá. Fica perto. Vem comigo.

124. P.G. da praça, favorecendo Pedro e o morador idoso que, a certa altura, dobram uma esquina e seguem por uma ruela com poucas e miseráveis casinhas.

EXTERIOR - RUELA DE COUTO DE MAGALHÃES - DIA

125. Do alto da grua, câmera focaliza Pedro e o morador idoso, em P.G. caminhando pela ruela da cidade e se aproximando de um casebre miserável, perto de um muro de pedra e uma grande árvore.

126. O braço da grua começa a descer, avançando em “travelling” até fixar Pedro e o morador aproximando-se do barraco, diante do qual está sentado numa banquetta um andrajoso homem de cor, a expressão completamente idiotizada, olhando assustado para os recém-chegados.

Câmera, que enquadrava Pedro e o morador em P.A.L., continua o “travelling” até fixar o mendigo em P.P.

Durante o movimento de aproximação, o morador idoso estará dizendo, maliciosamente, ao mendigo:

MORADOR IDOSO: Ôi, sô Tião, como está passando?

O mendigo fixa nos recém-chegados um olhar indiferente, quase hostil. E nada responde. Mas o morador insiste, agora provocativamente:

MORADOR IDOSO: Tem notícia do Zezinho, sô Tião?...

127. P.M. do casebre e dos três: Pedro, o morador idoso e o mendigo.

O que acontece, após a pergunta do morador, é algo de surpreendente e inesperado: o mendigo levanta-se da banquetta e começa a gritar palavras furiosas, misturadas com expressões de candomblé:

MENDIGO TIÃO: Uh! Ô! Ô! Sai, capeta, despacho de Êxu! Sai, Êrê fodido! Vem me estropiar, beberrão, bandido velho! Fora belzebu, fora, pé de Lôko!

A súbita e furiosa reação do mendigo assusta Pedro Rezende que, pegando o morador pelo braço, afasta-o do lugar, ouvindo o mendigo, cada vez mais colérico, xingar aos berros, ameaçando agredir o provocador:

MENDIGO TIÃO: Tô quieto aqui, vem me pregoar, Exu fodido! Vai, senão te mato, véio estropiado! Fio de uma égua! Canaião!

De repente o mendigo se abaixa apanha uma pedra que atira com força contra o morador imprudente, quase atingindo-o na cabeça.

Pedro arrasta o velho pela ruela, enquanto o mendigo dá alguns passos trôpegos na direção dos dois, apanha outra pedra e a lança contra os importunos, atingindo, desta vez, as costas do morador que solta um grito e começa a correr em direção à praça, dando sonoras gargalhadas, que vão misturar-se aos gritos patéticos do mendigo:

MENDIGO TIÃO: Vai, cachorrão, fio de uma cadela, vai pra puta que te pariu, bandido arrenegado! Vai, Exu dos infernos!

128. Quase correndo, Pedro Rezende e o velho desaparecem na esquina com a praça de Couto de Magalhães.

Câmera faz Pan-E-D e vai enquadrar o mendigo em P.A. Cansado, quase sem fôlego, Tião dá uma cusparada e volta a sentar-se na banquetta, soltando grunhidos estranhos e gesticulando furiosamente.

EXTERIOR - PRAÇA DE COUTO DE MAGALHÃES - DIA

129. Na praça, enquadrados em P.M., Pedro e o morador idoso vão sentar-se num banco de cimento.

Câmera, acionando a lente Zoom, vai fixá-los em P.P., registrando o que dialogam:

MORADOR IDOSO: Ficou uma fera, hein, “seu” Pedro? Ficou doido, o babalaô!

PEDRO REZENDE: Ficou bravo mesmo foi quando o senhor falou no menino. Por quê, “seu” Geremias?

MORADOR IDOSO: Porque todo mundo aqui acha que ele pegou, abusou e depois matou o Zezinho, enterrando o corpo no mato.

PEDRO REZENDE: É uma acusação terrível, “seu” Geremias! Vocês têm provas disso? Se têm, por quê ele não foi preso?

MORADOR IDOSO: O Tião fica correndo atrás dos alunos do Grupo. A garotada corre dele, dá risadas, fica gritando “sai tarado, sai tarado”! O Tião joga pedra e berra “eu te mato, eu te mato”!

PEDRO REZENDE: Isto não é prova, “seu” Geremias, é coisa de maluco. E de maluco o Brasil está cheio. Deviam é internar o coitado, não acha?

MORADOR IDOSO: Já foi internado várias vezes. Mas ele foge, volta praquela muquifo imundo que o senhor viu!

PEDRO REZENDE: Sinceramente, vou confessar para o senhor: aquele infeliz não tem nada a ver com o desaparecimento da criança. A coisa é muito mais séria do que o senhor pensa!

Pedro levanta-se, aborrecido, fazendo menção de partir. E se despede:

PEDRO REZENDE: Bem, “seu” Geremias, preciso voltar a Datas.

MORADOR IDOSO: Está morando em Datas?

PEDRO REZENDE: Não. Moro em Belo Horizonte e vim visitar meu pai. Até logo, “seu” Geremias.

Dá dois passos, volta-se para o velho e acrescenta:

PEDRO REZENDE: Posso lhe pedir um favor?

MORADOR IDOSO: Até dois!

PEDRO REZENDE: Deixe o coitado do Tião em paz. Ele não fez nada com o menino. Pode acreditar! É um infeliz, digno de pena!

E se afasta na direção do carro estacionado perto do botequim.

130. Câmera, instalada no alto da torre da igreja-matriz, focaliza em G.P.G. a praça de Couto de Magalhães que Pedro Rezende atravessa com passadas largas

Também se vê, cruzando a praça, um grupo ruidoso de colegiais, dando gritos e risadas.

SOM - Gritos e risadas de colegiais, misturando-se depois com batidas de sinos da igreja-matriz.

F U S Ã O

FRENTE DA CASA DE JUCA REZENDE - DIA

131. Enquadra-se o carro de Pedro Rezende aproximando-se e estacionando diante da venda e casa de Juca Rezende.

Ao descer, Pedro surpreende-se ao avistar o filho, Eduardo, de 8 anos, que se precipita, abraça e beija o pai, que então pergunta, preocupado:

PEDRO REZENDE: Eduardo?... Quando você chegou, meu filho?... Veio com sua mãe?

Eduardo começa então a chorar, abraçado ao pai, e só consegue dizer:

EDUARDO: Mamãe não veio. Vim sozinho, papai.

PEDRO REZENDE: Mas, filho, como viajou? Você é menor de idade... Que loucura foi essa?

EDUARDO: Tio César me trouxe.

Juca Rezende se aproxima e sugere:

JUCA REZENDE: Vamos entrar. Lá dentro a gente conversa.

INTERIOR - CASA DE JUCA REZENDE - DIA

132. Chegando ao interior da casa, o comerciante explica a Pedro, ainda abraçado ao filho:

JUCA REZENDE: A Cleusa já telefonou duas vezes. Está muito nervosa, dizendo que o menino saiu de casa, sem dizer pra onde ia.

133. P.P. de Pedro e Eduardo. O menino, transtornado, então desabafa:

EDUARDO: Não fico naquela casa se vocês se separarem, papai! Não fico com a mãe!...

134. Em nova angulação, câmera focaliza a sala de visitas em P.M. no instante em que soa o telefone. “Seu” Juca faz menção de atender, dizendo:

JUCA REZENDE: É a Cleusa de novo.

Pedro, no entanto, abraçado ao filho, diz ao pai:

PEDRO REZENDE: Deixa que eu atendo, papai.

Apanha o telefone e diz:

PEDRO REZENDE: Sim, Cleusa. Sou eu.

Ouve por alguns instantes, e depois responde:

PEDRO REZENDE: Ele não desapareceu, Cleusa!... Veio para a casa do avô. Está aqui comigo. E não adianta gritar! A gente tem de conversar, conversar seriamente!

Nesse instante, inesperadamente, Eduardo se precipita e, arrebatando o telefone das mãos do pai, diz à mãe:

EDUARDO: Não volto mais para aí! Não volto, fico aqui com papai!

E volta a chorar, enquanto Pedro, apanhando de novo o telefone, encerra a conversa:

PEDRO REZENDE: Eduardo está muito nervoso, Cleusa. Por favor, não é hora para discussão!

Depois de ouvir alguns instantes, ouvindo Cleusa ao telefone, Pedro se irrita e, alçando o tom da voz, diz à mulher:

PEDRO REZENDE: Já disse, mulher! Este não é assunto para ser discutido ao telefone! Que diabo! Seja mais compreensiva!

E bate o fone, voltando para junto da filha e do pai, sentados no sofá da sala.

ESCURECIMENTO

INTERIOR - CASA DE ZÉ RAIMUNDO - NOITE

135. Zé Raimundo e Marialva dormem na noite silenciosa de Datas.

Têm um sono agitado, pois se mexem na cama, um de cada lado, Marialva murmurando palavras nervosas e ininteligíveis, Zé Raimundo movendo apenas os lábios.

Câmera avança, em lento "travelling", e vai enquadrar Marialva em P.P.P., iniciando a visualização do pesadelo de seu inconsciente angustiado. Utilizando efeitos especiais de som e imagem, o som através da introdução de música estranha e distorcida, sugerindo harmonização onírica, a imagem revestida de efeitos de desfoque e cores esmaecidas, reproduz-se na tela o aflito pesadelo de Marialva:

1) - Avista-se um cômodo grande, sem portas e janelas, no centro do qual se encontra uma grande mesa metálica, como as usadas em centro cirúrgico, recoberta por um lençol branco. Sobre a mesa Glorinha está estendida, imóvel e despida, os olhos abertos, fixados no teto. Subitamente, os olhos da menina se voltam diretamente para a objetiva da câmera, enquanto ela suplica, com voz débil:

GLORINHA (voz distorcida, quase inaudível):
Mamãe... Mamãe...

2) - A seqüência onírica termina com a aparição da sombra de um homem, alto e magro, chegando do fundo do cômodo e se aproximando lentamente de Glorinha, os braços estendidos, como se fosse apossar-se de seu corpo.

Neste exato instante, Marialva, dormindo, solta um grito desesperado, chamando

MARIALVA: Glorinha... Glorinha!...

A seqüência onírica se conclui quando a câmera, de volta ao quarto de dormir do casal, recua em "travelling", a partir do P.P.P. de Marialva, abre o quadro e focaliza a cama, no instante em que Zé Raimundo, muito assustado, acorda e aperta o braço de Marialva, dizendo:

ZÉ RAIMUNDO: Marialva! Marialva, acorda,
meu bem! Você teve um pesadelo...

Marialva ergue um pouco o corpo, recosta a cabeça no travesseiro e, transtornada com o que sonhou, responde ao marido:

MARIALVA: Tive sim, Zé, e foi um pesadelo horrórico, que nem quero contar a você...

Zé Raimundo abraça e beija carinhosamente Marialva, respondendo:

ZÉ RAIMUNDO: Não precisa contar, Marialva. Sei que foi com a Glorinha. Mas fique tranqüila, meu bem. Ela vai aparecer, Deus é grande! Fique tranqüila, durma, Marialva, durma.

F U S ã O

INTERIOR - SALA DA DELEGACIA DE DATAS - DIA

136. Câmera focaliza, no gabinete do delegado, doutor Altamiro, o detetive Rubens, o escrivão Marcílio e o viajante-comercial Valdomiro Linhares.

Outro detetive, o Edmir, chega ao gabinete e se dirige ao delegado:

DETETIVE EDMIR: Doutor Altamiro, o jornalista de Belo Horizonte quer falar com o senhor.

DELEGADO ALTAMIRO: Mande entrar, Edmir.

137. PM. do grupo, no sala da Delegacia. Pedro Rezende entra, cumprimenta de cabeça os funcionários e aperta a mão do delegado, que lhe oferece uma cadeira, dizendo:

DELEGADO ALTAMIRO: Vamos sentar, Pedro. Conhece aqui o Valdomiro?
Pedro aperta a mão do viajante-comercial, dizendo:

PEDRO REZENDE: Conheço sim. Como vai, Valdomiro?

VALDOMIRO: Bem, obrigado. E o grande repórter, está aqui de férias, ou a trabalho?

PEDRO REZENDE: De férias, mas cheio de problemas.

O delegado se aproxima de Pedro e pergunta:

DELEGADO ALTAMIRO: Então, Pedro, foi a Mendanha?

PEDRO REZENDE: Fui. E fui também a Guinda e Couto de Magalhães.

DELEGADO ALTAMIRO: Descobriu alguma coisa por lá?

Câmera inicia Trav.-Avante e vai enquadrar Pedro e o delegado em P.P. Pedro então esclarece:

PEDRO REZENDE: Conversei com muita gente, inclusive parentes das crianças desaparecidas. O que me intrigou muito, doutor Altamiro, é aquela médica pediatra, que andou por lá, examinando as crianças, que depois desapareceram.

138. P.A. do escrivão Marcílio, ouvindo com grande interesse o relato de Pedro Rezende. Ouvindo a referência à médica, aproxima-se de Pedro e do delegado e lhes fala com muita convicção:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: É o que lhe disse antes, doutor.

139. Câmera avança, em Trav. e vai enquadrar Marcílio e o delegado em P.P., favorecendo o escrivão, que continua, convictamente:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: Tenho certeza de que esta médica tem muito a ver com o sumiço das crianças.

140. Câmera abre o quadro e focaliza todo o grupo em P.A.L., favorecendo o viajante-comercial, Valdomiro Linhares, que se aproxima de Pedro e do delegado, dizendo:

VALDOMIRO: Desculpe a interrupção. Ontem vi esta médica em Diamantina, na companhia de um homem idoso, parecendo alemão.

DELEGADO ALTAMIRO: Alemão, em Diamantina? Alemão não gosta de diamante, gosta é de chucrute. Meio esquisito, não é?

Ouvindo isto, Pedro Rezende se aproxima do viajante-comercial e, com indisfarçável interesse, pergunta:

PEDRO REZENDE: Me diga uma coisa, Valdomiro: em que lugar você viu a médica com o estrangeiro?

VALDOMIRO: Diante do Grande Hotel, embarcando numa "pick-up" branca, que ela guiava.

141. Plano: Pedro Rezende, de perfil, à esquerda, com Valdomiro à direita, de frente, enquadrado em P.P.:

VALDOMIRO: Por quê isto te interessa tanto, Pedro?

142. Contra-campo: Pedro de frente, Valdomiro à esquerda, de perfil:

PEDRO REZENDE: Coisa de jornalista, Valdomiro. Estou investigando o desaparecimento da filha de Marialva. Você já sabe?

VALDOMIRO: Fiquei sabendo e estou muito chateado. E não é o primeiro caso que isto acontece por aqui. Tem alguma coisa a ver com a médica?

PEDRO REZENDE: Ainda não sei. De qualquer forma acho muito importante esta informação sua.

143. P.A.L. do grupo. Pedro se dirige ao delegado, dizendo:

PEDRO REZENDE: Vou dar um pulo a Diamantina. Quero apurar esta história.

O delegado se volta para o detetive Rubens e ordena:

DELEGADO ALTAMIRO: Vai com ele, Rubens, e dê todo apoio.

DETETIVE RUBENS: Está bem, doutor. Levo a arma?

DELEGADO ALTAMIRO: É claro! Você anda desarmado nesses tempos, Rubens?

O detetive, embaraçado, dá uma desculpa meio esfarrapada:

DETETIVE RUBENS: Estava limpando a Berta, esqueci em casa...

DELEGADO ALTAMIRO: Pois vá buscá-la. Policial sem arma é como repórter sem máquina fotográfica.

PEDRO REZENDE: Bem lembrado, delegado. Vou em casa buscar a minha...

DELEGADO ALTAMIRO: Arma?...

PEDRO REZENDE (*sorrindo*): Não. Máquina fotográfica. Que, aliás, algumas vezes é uma boa arma...

DELEGADO ALTAMIRO: Pois faça bom proveito dela.

EXTERIOR - PRAÇA DA IGREJA - DIA

144. Enquadra-se Pedro Rezende ao atravessar a praça da igreja, a caminho de casa. Avista, mais adiante, o Zé Raimundo. Vai a seu encontro e pergunta:

PEDRO REZENDE: Ô Zé, alguma notícia da Glorinha?

145. Zé Raimundo, de cara fechada e, ao que tudo indica, um pouco alcoolizado, responde:

ZÉ RAIMUNDO: Nada, nada!

Dá dois passos, se afastando. Mas depois dá meia-volta e se aproxima de Pedro, a quem diz, agressivamente:

ZÉ RAIMUNDO: Por que você está tão preocupado com isto?!

PEDRO REZENDE: E não é para estar, Zé Raimundo? Sua filha desaparece, a Marialva está desesperada... Que pergunta sem nexos, homem! Andou bebendo?

Câmera inicia Trav-Avante até enquadrar Zé Raimundo e Pedro Rezende em P.P. O garimpeiro, dá então uma ríspida resposta:

ZÉ RAIMUNDO: Isto não é da sua conta! Olha aqui, Pedro: é melhor não se meter na minha vida! E muito menos na vida de Marialva! Está entendendo?!

E se afasta, na direção do rio, enquanto Pedro, parado no mesmo lugar, atônito, ouve a voz de Marialva, que o chama:

MARIALVA (*voz off*): Pedro, Pedro!...

Volta-se e avista Marialva descendo rapidamente a escadaria da igreja, aproximando-se dele. Enquadrados em P.P., a objetiva revela a grande aflição que domina Marialva, que pergunta:

MARIALVA: Então, Pedro, descobriu alguma coisa?

PEDRO REZENDE: Não, Marialva, quer dizer, descobri alguma coisa. Se Deus quiser a Glorinha vai aparecer, tenha confiança.

MARIALVA: Pelo amor de Deus, Pedro, faça tudo o que puder, encontre a Glorinha, te suplico, Pedro!

Depois, com a voz trêmula e emocionada, faz, em voz baixa, a espantosa revelação:

MARIALVA: Me traz a Glorinha, Pedro, encontre minha filha, pelo amor de Deus! Ela é sua filha!

A confissão inesperada de Marialva deixa Pedro Rezende atônito, a tal ponto que apenas balbucia:

PEDRO REZENDE: O quê?! Glorinha?! Minha filha?!...

Câmera inicia curto “travelling”, até enquadrar Marialva em P.P.P., quando ela confirma, olhando-o fixamente nos olhos:

MARIALVA: Sua filha sim, Pedro! Glorinha é nossa filha!

Vencendo o espanto, Pedro afinal compreende tudo e não esconde um sentimento de íntima alegria, que o leva, instintivamente, a tomar a mão de Marialva e dizer com ternura:

PEDRO REZENDE: Nossa filha...

Nesse instante, interrompendo o diálogo, ouve-se, em off, a voz de Eduardo, chamando:

RAIMUNDO (voz off): Papai, papai!

MARIALVA: Uai... seu filho está aqui?
A Cleusa também veio?

PEDRO REZENDE: Não. Só ele. Depois te explico, Marialva. Até logo.

Marialva se afasta, enquanto Pedro se encaminha para a casa do pai.

146. Pedro aproxima-se da casa de “seu” Juca, diante da qual estão o comerciante e o filho Eduardo, que lhe pergunta:

EDUARDO: Que moça é aquela, papai?

PEDRO REZENDE: É a Marialva, mãe da Glorinha, você se lembra dela?

EDUARDO: Lembro. Vovô me disse que ela sumiu.

PEDRO REZENDE: É verdade, meu filho, e a mãe dela está morrendo de aflição.

EDUARDO: Mas o senhor vai ajudar a achar a Glorinha, não vai, papai?

PEDRO REZENDE: Estou fazendo todo o possível, Eduardo. E para isso vou agora a Diamantina.

JUCA REZENDE: Surgiu alguma coisa?

PEDRO REZENDE: Acho que sim, papai. Uma pista importante. Vou apanhar a chave do carro e a máquina fotográfica.

EDUARDO: Quero ir também, papai. O senhor me leva?

PEDRO REZENDE: Não, Eduardo. É melhor você ficar com o vovô.

E entra na casa.

F U S Ã O

SEQÜÊNCIA 9

RESUMO: *A nova seqüência se passa na cidade de Diamantina, para onde viajam o jornalista Pedro Rezende e o detetive Rubens, procurando elucidar o misterioso relacionamento da médica Isolda com um estrangeiro idoso, recém-chegado à cidade. Com este objetivo, os dois se dirigem ao Grande Hotel, diante do qual fora vista a médica com o desconhecido. E no hotel verificam, pela ficha de hospedagem, que o estrangeiro se chama Wilhelm Schneider, nascido na Suíça, biólogo, dedicado à inseminação artificial em gado leiteiro. Com relação à médica, Pedro Rezende e o detetive averigüam que nasceu em Santa Catarina e reside em uma casa perto da igreja do Rosário. Próximo ao hotel, escondido entre carros estacionados, Pedro Rezende fotografa Wilhelm e Isolda, e decide enviar a foto e as informações sobre o casal, via-computador, para um amigo, repórter de televisão, no Rio de Janeiro, pedindo que investigue na Polícia Federal e Interpol.*

EXTERIOR - RUA DO GRANDE HOTEL - DIAMANTINA - DIA

147. Câmera focaliza, em P.G., a rua onde se localiza o Grande Hotel, em Diamantina.

Por ela vem vindo o carro de Pedro Rezende, que ele próprio guia. Ao lado, no banco da frente, encontra-se o detetive Rubens.



O carro vai estacionar alguns metros adiante, um pouco afastado do hotel.

148. O carro de Pedro completa o movimento de estacionar. Câmera, instalada fora do veículo, focaliza em P.P. o jornalista e o policial dentro do veículo. Com os olhos fixos no Grande Hotel, que não se vê no enquadramento, Pedro Rezende pergunta ao detetive:

PEDRO REZENDE: Conhece alguém no hotel, Rubens?

DETETIVE RUBENS: Conheço o gerente, o Miguel, gente boa.

PEDRO REZENDE: Vamos conversar com ele, sem despertar suspeita.

DETETIVE RUBENS: Fique tranqüilo, "seu" Pedro. Sou macaco velho. Sei lidar com essa gente.

149. Câmera recua, em Trav.-Atrás, abre o quadro, mostrando Pedro, com a máquina fotográfica, e o detetive. Os dois deixam o carro e depois, seguidos pela objetiva em Pan-D-E, entram no Grande Hotel.

INTERIOR - PORTARIA DO GRANDE HOTEL - DIA

150. Do interior do Grande Hotel, vazio, câmera enquadra o balcão da Recepção e, atrás dele, o gerente, Miguel, mulato alto e magro, que o detetive cumprimenta amigavelmente:

DETETIVE RUBENS: Olá, grande Miguel!
Como vai essa bizarria?

GERENTE MIGUEL: Uai, Rubens, está por aqui?

O gerente olha, meio espantado, para Pedro Rezende, reconhecendo-o, enquanto ouve o detetive perguntar:

DETETIVE RUBENS: Conhece aqui o Pedro Rezende?

GERENTE MIGUEL: Quem não conhece?
Não é o famoso repórter da televisão?

Aperta-lhe a mão, dizendo, com um sorriso franco:

GERENTE MIGUEL: Prazer muito grande!

PEDRO REZENDE: O prazer é meu.

Miguel volta-se para o detetive, e pergunta:

GERENTE MIGUEL: O que você manda, Rubens?

151. P.P. de Rubens e do gerente:

DETETIVE RUBENS: É assunto confidencial, Miguel. Queremos saber se estão hospedados aqui um estrangeiro, parece que alemão, e uma médica, doutora Isolda.

GERENTE MIGUEL: Um alemão, aliás, um suíço, se hospedou ontem no hotel. Espere aí, vou ver a ficha.

Câmera abre o quadro, em Trav-Atrás, até enquadrar Pedro, Rubens e o gerente em P.A.

Miguel retira de uma gaveta algumas fichas e procura até encontrar a do novo hóspede:

GERENTE MIGUEL: Está aqui .

PEDRO REZENDE: Posso ver, um instante?

GERENTE MIGUEL: Rapidamente, por favor, pois não é permitido.

Pedro apanha a ficha e, rapidamente, copia alguns dados em um pequeno caderno, que retira do bolso: Nome: Wilhelm Schneider; Nacionalidade: Suíço; Data do Nascimento: 16.08.1916; Profissão: Biólogo; Residência: São Paulo.

Devolve a ficha e pergunta ao gerente:

PEDRO REZENDE: E a médica, doutora Isolda?

GERENTE MIGUEL: Não está hospedada aqui. Parece que mora numa casa pros lados da

Igreja do Rosário, na Gameleira, e tem uma fazenda de gado, mas não sei onde. Viaja muito.

DETETIVE RUBENS: Outra coisa, Miguel: quando o gringo chegou a Diamantina?

GERENTE MIGUEL: Chegou ontem, de avião.

Pedro Rezende então pergunta, espantado:

PEDRO REZENDE: De avião?!

GERENTE MIGUEL: Sim, um Cessna, guiado pela médica. O avião é dele mesmo.

PEDRO REZENDE: Sabe o que ele está fazendo em Diamantina?

GERENTE EVARISTO: Parece que é homem rico, faz inseminação artificial em gado leiteiro, utilizando sêmen de touro de raça. Ganha muito dinheiro e tem clientes em São Paulo, Uberaba e até no estrangeiro.

PEDRO REZENDE: E como ele é, pessoalmente?

GERENTE MIGUEL: Nada simpático! É meio esquisitão, não fala com ninguém, não deixa nem a camareira entrar no quarto!

Neste ponto o gerente, preocupado, consulta o relógio e adverte:

GERENTE MIGUEL: Olhem, daqui a pouco chega "seu" Gonçalves, dono do hotel...

DETETIVE RUBENS: Estamos indo, Miguel. Você foi muito legal. Muito obrigado por tudo. Um abraço!

Antes que se retirem, o gerente recomenda:

GERENTE MIGUEL: Não diga pra ninguém que vocês estiveram aqui, Rubens. "Seu" Gonçalves não vai gostar.

DETETIVE RUBENS: Pode ficar tranqüilo, Miguel. Desta boca não entra mosca. Tchau!

EXTERIOR - RUA DO GRANDE HOTEL - DIA

152. Pedro e o detetive deixam o hotel, mas permanecem em suas imediações, meio escondidos entre os carros estacionados. E lá, enquadrados em P.P., traçam planos:

PEDRO REZENDE: Vamos esperar por aqui, Rubens. Quero fotografar o alemão e a médica assim que chegarem ao hotel.

DETETIVE RUBENS: Estou vendo que você tem tino de detetive. Aliás, tino e paciência.

PEDRO REZENDE: É tarimba de repórter. Na imprensa só os “focas” são impacientes.

153. Em novo enquadramento, câmera focaliza em P.G., a rua onde se localiza o Grande Hotel. Por ela vêm vindo, a pé, o alemão Wilhelm e a médica Isolda.

O primeiro a avistá-los é o detetive Rubens, que chama discretamente a atenção do jornalista:

DETETIVE RUBENS: Lá vêm os dois, “seu” Pedro! E a pé.

Pedro prepara depressa a câmera e vai se posicionar por trás de um carro. Assesta a teleobjetiva e, quando avista os dois em boas condições de enquadramento, deflagra a câmera e faz várias fotos do casal, subindo a rua.

Wilhelm e a médica passam e depois se afastam, saindo de quadro, enquanto Pedro e o detetive, discretamente, descem a rua.

154. Seguidos pela câmera em Trav-Atrás, Pedro e o detetive são enquadrados em P.P., conversando enquanto caminham:

PEDRO REZENDE: Quero revelar esta foto ainda hoje. Conheço o Malu, que tem um estúdio fotográfico. Vamos até lá.

DETETIVE RUBENS: Depois de revelar a foto, o que pretende fazer?

PEDRO REZENDE: Vou à sala de computadores do Forum, escaneio e mando a foto e a ficha do hotel para um colega de televisão, no Rio, pedindo para investigar na Interpol e na Polícia Federal. Quero saber que gente é esta!

F U S Ã O

SEQÜÊNCIA 10

RESUMO: *Pedro Rezende, acompanhado pelo detetive Rubens, chega ao Forum de Diamantina e lá, autorizado por um funcionário, telefona a um colega e amigo do Rio de Janeiro, remetendo-lhe, via-computador, foto e pedido de informações, junto à Polícia Federal e Interpol de Paris, sobre Wilhelm Schneider e a médica Isolda. Procuram depois a casa da médica, próxima à igreja do Rosário, e vendo que sua proprietária está ausente, penetram e vasculham a casa, fotografando, em um dos cômodos, vários bujões cilíndricos para coleta e conservação de sêmen, além do nome de Glorinha, anotado numa folha de papel, e a escritura de compra e venda de uma fazenda no município de Couto de Magalhães, em nome de Isolda Schiller. Surpreendidos com a chegada da médica e de Schneider, Pedro e Rubens descem rapidamente uma escada e se escondem no porão. Depois sem serem vistos, abandonam a casa.*

INTERIOR - FORUM DE DIAMANTINA - TARDE

155. Enquadra-se, em PA., Pedro Rezende em uma das salas do Forum de Diamantina, com fotos e informações sobre Wilhelm Schneider e a médica Isolda. Está falando ao telefone com o colega do Rio:

PEDRO REZENDE (ao telefone): Roberto, estou remetendo pelo computador fotos e informações sobre um cidadão suíço, que chegou a Diamantina, e sobre uma médica de Santa Catarina. Peço todo seu empenho para obter o que for possível sobre os dois, acionando a Polícia Federal e a Interpol. Pode me fazer este grande favor?

Escuta a resposta do amigo e depois continua:

PEDRO REZENDE: Muito obrigado, Roberto. Sabia que podia contar com você. Amanhã cedo ligo pra saber a resposta. Até logo, Roberto, e muito grato a você!

Desliga e se encaminha para o detetive, que o espera sentado. Câmera, em Trav-Avante, segue-o até focalizar em P.P. jornalista e detetive que se levanta, curioso:

DETETIVE RUBENS: Tudo certo?

PEDRO REZENDE: Tudo. Vamos aproveitar, que ainda está claro, e dar uma espiada na casa da médica, na Gameleira. De acordo?

DETETIVE RUBENS: Perfeitamente. Você manda!

EXTERIOR - FRENTE AO FORUM - DIAMANTINA - DIA

156. Pedro e o detetive deixam o velho sobrado do Forum, tomam o carro, estacionado na praça, e sobem a rua Direita.

SOM - Ruídos ambientais, com predominância para o som de música popular de uma loja de discos.

EXTERIOR - RUAS DIVERSAS DE DIAMANTINA - DIA

157 a 162. Câmera inicia uma série de planos de localização, com “flashes” de curta duração, focalizando o carro de Pedro Rezende, rodando por várias ruas de Diamantina.

A série termina quando o veículo alcançar as imediações da praça da Igreja do Rosário

EXTERIOR - PRAÇA DA IGREJA DO ROSÁRIO - DIA

163,164,165. Depois de estacionar o carro na praça da igreja do Rosário, Pedro, com a máquina fotográfica, e o detetive Rubens saem à procura da casa da médica.

A certa altura, enquadrados em P.G., abordam um morador e lhe fazem perguntas sobre a casa de Isolda. O morador aponta para uma rua, que desemboca na praça.

166 . P.P. do morador, apontando a casa

MORADOR: É naquela rua. A casa fica meio escondida no mato. Olhem, a médica está saindo agora.

167. P.M. de Pedro, Rubens e o morador. Pedro agradece e, para não ser visto, entra depressa, com o detetive, na igreja, seguidos pela câmera em Pan.D-E.

Antes de entrarem, avistam a “pick-up” branca da médica, que chega à praça.

168. Como ponto-de-vista de Pedro e Rubens, câmera focaliza, em P.G., o carro da médica que se mete por uma rua estreita, saindo de quadro.

Ouve-se em off, o comentário do detetive:

DETETIVE RUBENS: (voz off) Tivemos sorte. Agora vamos poder vasculhar a casa com tranquilidade.

169. P.P. de Pedro e Rubens:

PEDRO REZENDE: Todo cuidado é pouco! Pode ter alguém cuidando da casa.

Rubens aponta para a arma, sob o paletó, e responde:

DETETIVE RUBENS: Este “pau-de-fogo” cuida da gente! Pode ficar sossegado!

EXTERIOR - CASA DA MÉDICA ISOLDA - DIAMANTINA - DIA

170 a 176. Nova série de planos mostrará o jornalista e o detetive aproximando-se e, após abrirem um portão de ferro, contornando a casa da médica, vazia, sem caseiro ou vigia. Um dos planos focalizará Pedro e Rubens aproximando-se de uma porta, nos fundos da casa. A porta está fechada, mas o detetive, com chave falsa, consegue abri-la. Pedro recomenda:

PEDRO REZENDE: Fique aqui fora, por favor, Rubens, para o caso de alguém aparecer.

DETETIVE RUBENS: Positivo, deixa comigo!

Pedro bate no ombro do detetive e lhe fala:

PEDRO REZENDE: Não demoro.

Empurra a porta e entra.

INTERIOR - CASA DA MÉDICA ISOLDA - DIA

177. Câmera, instalada em "steadcam", acompanha Pedro Rezende pelo interior da casa. Inicialmente, examina uma grande sala, parcialmente mobiliada. Depois, por um corredor, observa os quartos. Um deles chama sua atenção, pois nele se encontram diversos bujões cilíndricos, próprios para conservação de sêmen.

Pedro bate várias chapas fotográficas, documentando os bujões e outros instrumentos técnicos, inclusive refletores, espalhados pelo quarto.

Deixa o cômodo, sempre seguido pela câmera móvel, e chega a uma espécie de escritório, com uma pequena estante com livros de medicina e, sob uma janela, uma mesa com várias gavetas. Sobre a mesa encontra, entre outros papéis, uma escritura de compra e venda, que ele examina detidamente, anotando no pequeno caderno algumas indicações: o nome de uma propriedade rural, no município de Couto de Magalhães, denominada "Fazenda da Ressurreição", com trezentos hectares, adquirida de Elpídio Fagundes pela médica Isolda Schiller, brasileira, viúva, nascida no estado de Santa Catarina. Antes de sair, avista, em um canto da mesa, uma folha de papel com vários nomes, inclusive o de Glorinha, que ele fotografa.

Quando faz menção de abrir uma das gavetas, chega apressadamente ao cômodo o detetive Rubens, dizendo, afobado:

DETETIVE RUBENS: Estão chegando, Pedro! Precisamos nos esconder!

Avistam uma escadaria que leva ao porão, no qual, seguidos pela câmera móvel, vão se esconder.

SOM: Ruídos, em off, de gente chegando, portas se abrindo e fechando. Vozes distantes.

178. P.P. de Pedro e o detetive, protegidos por uma coluna, ouvindo o médico e o biólogo, na sala acima. Apesar da distância, conseguem entender a voz do suíço, com seu forte sotaque alemão, dizendo à médica:

WILHELM SCHNEIDER: Tudo bem com o menina?...

MÉDICA ISOLDA: Tudo bem, tudo bem!

WILHELM SCHNEIDER: E o avião?...

MÉDICA ISOLDA: Mandei preparar.

Depois ouvem passos se afastando e, pouco depois, de carro sendo ligado e partindo.

DETETIVE RUBENS: Foram embora.
Vamos aproveitar e cair fora daqui!

Instalada na parte externa da casa, câmera focaliza Pedro e o detetive que saem rapidamente, fecham a porta dos fundos e se retiram.

EXTERIOR - FUNDOS DA CASA DE ISOLDA - DIA

179. P.M. de Pedro e Rubens chegando à parte externa da casa e ganhando os fundos da propriedade.

SOM - Ruído off de carro que se afasta.

180. Câmera focaliza Pedro e Rubens em P.A., aproximando-se de um portão, nos fundos da propriedade, fechado com uma tramela, que eles abrem e ganham uma trilha no meio de um matagal.

EXTERIOR - CAMINHO DE TERRA E PRAÇA DA IGREJA - DIA

181. Pedro e Rubens, deixando a casa, caminham por uma trilha de terra que, mais adiante, desemboca na praça da Igreja do Rosário. E conversam, enquadrados em P.A., seguidos pela câmera em Trav.-Atrás:

PEDRO REZENDE: Vi o nome da Glorinha em uma folha. Uma prova muito séria do envolvimento da médica, Rubens!

DETETIVE RUBENS: E aquela pergunta do alemão: "Tudo bem com o menina?"... Meio esquisito, não é?

PEDRO REZENDE: Esquisitíssimo! Olha, Rubens. Acho que amanhã vamos ter novidades. Depois do jantar vamos descansar no hotel.

DETETIVE RUBENS: No Grande Hotel?

PEDRO REZENDE: No Grande Hotel não. O alemão está hospedado lá. Pode desconfiar.

ESCURECIMENTO

SEQÜÊNCIA 11

RESUMO: *No dia seguinte, pela manhã, Pedro e o detetive Rubens vão ao Forum de Diamantina, onde encontram, remetido via-fax, impressionantes informações sobre Wilhelm e Isolda, esclarecendo que o nome Wilhelm Schneider é falso, pois, na verdade, ele se chama Konrad Otto Spiegel, nascido na Alemanha, ex-militante do partido nazista e, durante a guerra, colaborador de experiências com transplante de órgãos humanos feitas em prisioneiros judeus. A médica, cujo verdadeiro nome é Isolda Heinrich, fora expulsa do Conselho Regional de Medicina de Santa Catarina e impedida de clinicar em todo país. Assombrado com as informações recebidas do Rio, Pedro procura um cirurgião, na Santa Casa de Diamantina, e lhe pede esclarecimentos sobre transplantes, deixando o carro com o detetive Rubens para seguir em Diamantina os passos do nazista e sua companheira.*

INTERIOR - FORUM DE DIAMANTINA - MANHÃ

182. Pedro Rezende e o detetive Rubens chegam à sala de computadores do Forum de Diamantina. Fixados em P.A.L., encaminham-se para um funcionário, que Pedro cumprimenta com um aperto de mão, dizendo:

PEDRO REZENDE: Bom dia, “seu” Rogério.

FUNCIONÁRIO ROGÉRIO: Bom dia.

O funcionário deixa a mesa e vai apanhar, sobre um móvel ao lado do computador, várias folhas recebidas via-fax, dizendo:

FUNCIONÁRIO ROGÉRIO: Chegou do Rio de Janeiro este material para o senhor. Podem examinar tranquilamente ali na sala de reuniões.

Câmera, em “travelling”, acompanha Pedro e Rubens a uma sala ao lado, onde examina, com o detetive, a documentação recebida do Rio. Para ganhar tempo, Pedro vai lendo para o detetive:

PEDRO REZENDE: “Meu caro Pedro. Remeto o material recebido da Polícia Federal e da In-

76

terpol. São informações incríveis! A primeira: Wilhelm Schneider é nome falso! A Interpol identificou a foto, que você me mandou, como sendo de Konrad Otto Spiegel, nascido em Stuttgart, na Alemanha. O alemão teve certo renome na Europa como biólogo”.

183. Câmera muda a angulação e enquadra Pedro Rezende e o detetive Rubens em P.A.

Fortemente surpreendido com a revelação, Pedro faz um curto comentário para Rubens:

PEDRO REZENDE: Suiço coisa nenhuma! O homem é alemão mesmo!

E continua a ler, cada vez mais surpreendido:

PEDRO REZENDE: “A Interpol também informou que Konrad Otto Spiegel foi, na juventude, militante do Partido Nazista, colaborador do cientista Franz Brandauer, chefe do Setor de Pesquisas Biológicas da Universidade de Stuttgart, onde, na Segunda Grande Guerra foram realizadas experiências pioneiras de transplantes de órgãos em animais e depois em prisioneiros judeus”.

Neste ponto a surpresa de Pedro transforma-se em assombro, a ponto de levá-lo a exclamar:

PEDRO REZENDE: Deus do céu! Nazista fazendo judeus de cobaias!

184. Câmera, em nova angulação, enquadra Pedro e Rubens em P.A. Depois, instalada em “travelling” circular, coloca Pedro ligeiramente de perfil, à esquerda, com o detetive favorecido, de frente. O detetive então opina, espantado:

DETETIVE RUBENS: E por quê não foi preso e julgado até hoje?!

Pedro, que continua a ler o material da Interpol, responde ao detetive, enquanto a câmera reinicia o Trav.-Circular para, em contra-campo, enquadrar o detetive, de perfil, à direita, e Pedro de frente, respondendo:

PEDRO REZENDE: Aqui está a resposta à sua pergunta (*lendo*): “O Comitê Internacional de Nazistas Foragidos” localizou, após o fim da guerra, Konrad Otto Spiegel na Bolívia, perdendo, contudo, seu paradeiro, supondo-se que esteja, com identidade falsa, no Paraguai ou na Argentina”.

185. P.P.P. de Pedro Rezende, cada vez mais espantado, dizendo ao detetive:

PEDRO REZENDE: O nazista, com nome falso, não está nem no Paraguai, nem na Argentina, Rubens! Está aqui mesmo, em Diamantina, muito perto de nós!

186. P.P.P. do detetive, que exclama, com voz enérgica:

DETETIVE RUBENS: Prendo e ainda dou uma surra neste bandido!

187. P.A. dos dois, ambos com o semblante marcado pela perplexidade. Pedro, mais cauteloso, desaconselha:

PEDRO REZENDE: Ainda não, Rubens! Precisamos descobrir mais coisas sobre este criminoso de guerra!

Continua a examinar o material recebido. E acrescenta:

PEDRO REZENDE: E tem mais. O “paper” também informa sobre a médica. Ouça lá (*lendo*): “Com relação à médica Isolda Schiller, a Polícia Federal informou que seu verdadeiro nome é Isolda Heinrich, nascida em Santa Catarina, expulsa do Conselho Regional de Medicina por prática ilegal de aborto e imperícia médica, impedida de clinicar em todo o território nacional”.

Câmera avança em “travelling” e vai enquadrar o detetive em P.P., comentando, irritado:

DETETIVE RUBENS: Veja só, Pedro! Boa dupla gente jogar numa cela superlotada do Carandiru!

188. P.P. de Pedro Rezende, tenso, preocupado, dizendo:

PEDRO REZENDE: É preciso calma, Rubens,
O caso é muito mais sério do que se pensa!

Depois acrescenta, guardando a documentação recebida do Rio:

PEDRO REZENDE: Vamos dividir tarefas,
Rubens. Você, por favor, volte à casa da
Gameleira e vigie o nazista e a médica. Fique
com meu carro, e não os perca de vista! Combinado?

DETETIVE RUBENS: Combinado. E você,
o que vai fazer?

189. P.A.L. da sala e de Pedro e Rubens que se levantam das cadeiras.
Pedro guarda no bolso o material do Rio e esclarece ao detetive:

PEDRO REZENDE: Vou conversar com um médico cirurgião, na Santa Casa, amigo de meu pai.
Quero ver se me explica alguma coisa sobre transplante. Esta é a chave do mistério, Rubens!

Encaminha-se para a porta de saída. Antes de sair, combina com o detetive:

PEDRO REZENDE: Quem chegar primeiro, espera o outro no hotel. Vamos trabalhar, Rubens.
Estamos com uma batata quentíssima na mão!

F U S ã O

SEQÜÊNCIA 12

RESUMO: *Com uma inquietante suspeita a atormentar-lhe o espírito, Pedro Rezende vai à Santa Casa de Diamantina e pede explicações técnicas a um cirurgião, amigo de seu pai. E os esclarecimentos detalhados e competentes do médico ampliam nele uma aflitiva suspeita dos perigos que rondam Glorinha. Enquanto Pedro se informa na Santa Casa, o detetive Rubens acompanha, em prudente distância, os deslocamentos do alemão e da médica pelas ruas de Diamantina e depois no Aeroporto da cidade, onde observa o casal recomendando a um mecânico preparar*

rapidamente o avião para viagem. Com as suspeitas transformadas em certeza, Pedro e o detetive retornam rapidamente a Datas. Passando em casa, antes de informar ao delegado os acontecimentos de Diamantina, Pedro encontra, na casa do pai, sua mulher Cleusa, com a qual mantém áspera discussão, interrompida subitamente pela chegada do delegado Altamiro que relata a descoberta, perto de Guinda, do cadáver de uma menina sem os principais órgãos do corpo em decomposição. Decide-se, então, a rápida formação de um contingente policial para invadir a Fazenda da Ressurreição, onde Pedro acredita encontrar-se a chave do mistério.

INTERIOR - CONSULTÓRIO NA SANTA CASA - TARDE

190. Câmera enquadra, em P.A., Pedro Rezende e cirurgião Evaristo Machado conversando num dos consultórios médicos da Santa Casa de Medicina: o médico atrás de sua mesa de trabalho, Pedro, sentado, diante dele.

Doutor Evaristo usa óculos e aparenta ter uns 65 anos de idade. É alto, corpulento, a cabeleira basta, inteiramente branca, o olhar austero, mas revelando compreensão e paciência.

Câmera inicia lento Trav-Avante, até fixar os dois em P.P., ouvindo-se o médico que diz, amistosamente:

DOUTOR EVARISTO: Mês passado seu pai veio consultar. Ele me procurou e o levei a um clínico, muito competente e meu amigo, que o examinou detidamente. Depois fez um “check-up” que revelou gozar de excelente saúde. E como vai ele?

PEDRO REZENDE: Vai bem, doutor Evaristo. apesar de se queixar muito da sinusite

DOUTOR EVARISTO: É a idade. E você? Não veio se consultar, pois mora em Belo Horizonte, um dos melhores centros médicos do país. A que devo o prazer de sua visita?

191. Campo: o médico, 3/4 de perfil, à esquerda, com Pedro de frente, ligeiramente à direita.

PEDRO REZENDE: É assunto profissional, doutor Evaristo. Uma investigação que estou

fazendo. Ficaria muito agradecido se o senhor pudesse me esclarecer alguns detalhes técnicos sobre transplantes de órgãos humanos.

192. Contra-campo: Pedro à direita, de perfil, com o médico de frente, um pouco à esquerda.

O médico começa a explicar, pausamente, com firmeza técnica:

DOUTOR EVARISTO: Pois vamos lá. Transplante, como você sabe, é o processo pelo qual um órgão, parte dele, ou tecido, é removido de um ser vivo, ou morto, e implantado em um segundo ser vivo.

PEDRO REZENDE: A rejeição, doutor Evaristo, é mesmo o problema mais importante de um transplante?

DOUTOR EVARISTO: Tudo no transplante é importante, meu caro. E a rejeição é importantíssima, considerando-se o grau de disparidade genética entre doador e receptor.

EXTERIOR - PRAÇA DA IGREJA DO ROSÁRIO - DIA

193. Com o carro estacionado em lugar discreto, na praça da Igreja do Rosário, na Gameleira, o detetive Rubens espiona a casa da doutora Isolda, vista parcialmente no enquadramento em P.G.

Instantes depois Rubens avista o alemão e a médica que deixam a casa e embarcam na "pick-up".

Rubens disfarça-se, fingindo ler um jornal, mas, com o "rabo do olho", acompanha o carro que passa perto do local onde estacionara o carro e desaparece numa rua próxima.

SOM - Bater forte de sino da igreja e ruído de carro que se aproxima e afasta.

194. P.M. do carro e do detetive, que, apressadamente, liga o motor e segue na mesma direção do veículo guiado pela médica.

SOM - Sino e motor de carro partindo.

EXTERIORES - RUAS DE DIAMANTINA - DIA

195 a 203. Uma pequena série de planos descreve, em diferentes enquadramentos, a perseguição da "pick-up" da médica pelo carro guiado pelo detetive Rubens. Serão "tomadas" em "plongée", "contre-plongée", primeiros-planos do alemão e Isolda, no interior da "pick-up", sem diálogo, e, em montagem paralela, de Rubens, conduzindo o carro de Pedro Rezende, além de detalhes de rodas sobre o calçamento de pedras irregulares, características de Diamantina, bem como, finalmente, dos dois veículos transitando pelas ruas tortuosas da cidade.

SOM - Ruídos ambientais, sinos de igrejas e, principalmente, ruído de rodas e do motor dos dois veículos.

INTERIOR - CONSULTÓRIO NA SANTA CASA - DIA

204. De volta ao consultório do médico cirurgião, doutor Evaristo Machado, no interior da Santa Casa, câmera focaliza Pedro e o médico em P.A., ambos enquadrados de perfil.

Doutor Evaristo continuar a falar sobre transplantes, enquanto Pedro o escuta com grande atenção:

DOUTOR EVARISTO: Um tecido, ou órgão transplantado consome rapidamente suas reservas celulares e desenvolve um processo degenerativo que, depois de certo tempo de duração, é irreversível.

205. P.P. do médico, prosseguindo a explanação:

DOUTOR EVARISTO: Os dois métodos gerais para a preservação de tecidos e órgãos são baseados na inibição metabólica e na manutenção metabólica. A inibição metabólica...

206. P.P. de Pedro Rezende, ouvindo atentamente a explicação do médico, que prossegue, em voz off:

DOUTOR EVARISTO (voz off): ... é feita por meio da hipotermia que, como você sabe, é o resfriamento do corpo, ou dos órgãos do corpo, e pelo emprego de agentes farmatológicos...

207. P.P.P. do médico, que continua, sem interrupção, a explicação científica:

DOUTOR EVARISTO: ... substâncias das crioprotetoras, ou criofiláticas, como glicerina e DMSO, que é o sulfóxido de dimetila.

SOM - Na trilha sonora ouve-se a sirene de uma ambulância e choro de criança.

EXTERIOR - ESTRADA ASFALTADA E AEROPORTO DE DIAMANTINA - DIA

208. Focaliza-se, em G.P.G., a estrada asfaltada que liga Diamantina ao Aeroporto. Por ela estão vindo a "pick-up" da médica Isaolda e, mais atrás, em cautelosa distância, o carro conduzido pelo detetive Rubens

Os veículos passam e, seguidos pela câmera, em Panorâmica Direita-Esquerda, aproximam-se do Aeroporto de Diamantina.

SOM - Ruído dos carros e, mais forte, do motor de um avião sendo testado.

209. P.M. do carro do detetive, parando em um trecho meio escondido da estrada, próximo ao portão de entrada do Aeroporto.

Rubens deixa o carro e caminha pela estrada, aproximando-se do Aeroporto. Evitando ser visto, oculta-se atrás de tambores de gasolina de onde espiona o alemão e a médica, em off.

SOM - Ruído forte do motor de avião em teste.

EXTERIOR - AEROPORTO DE DIAMANTINA - DIA

210. Ponto-de-vista do detetive Rubens: câmera enquadra, em P.G., o alemão e a médica que se aproximam de um avião bimotor Cessna e de um mecânico, fazendo revisão no aparelho diante de um hangar.

A médica diz qualquer coisa ao mecânico, que veste um macacão sujo de óleo, e, para ouvi-la, desliga o motor.

SOM - Motor sendo desligado. No silêncio que se faz, ouve-se, ao longe, o curto diálogo da médica com o mecânico do avião.

DOUTORA ISOLDA: Tudo bem com o motor, “seu” Agnaldo?

MECÂNICO: Cem por cento, doutora!

DOUTORA ISOLDA: Já abasteceu?

MECÂNICO: Vou abastecer agora.

Depois pergunta:

MECÂNICO: Viaja ainda hoje, doutora?

DOUTORA ISOLDA: Talvez ainda hoje. Até logo, “seu” Agnaldo. E bom trabalho.

MECÂNICO: Daqui a pouco o Cessna vai estar tinindo! Até logo, doutora.

A médica e o alemão se afastam, na direção da “pick-up”.

211. P.M. e depois P.G. por Pan-E-D.

O detetive, percebendo que a médica e o alemão vão deixar o Aeroporto, encaminha-se rapidamente para o carro. Entra, liga o motor e sai em boa velocidade pela estrada, voltando a Diamantina.

SOM - Carro arrancando na estrada.

INTERIOR - CONSULTÓRIO NA SANTA CASA - DIA

212. P.A. de Rezende e do médico Evaristo, no interior da Santa Casa de Diamantina. O jornalista faz nova pergunta:

PEDRO REZENDE: E com relação ao tempo de conservação de um órgão transplantado, o que o senhor pode informar, doutor Evaristo?

DOUTOR EVARISTO: Pode ser de três tipos: de curto-prazo, um dia; de médio-prazo, colocando o tecido, ou órgão, em um líquido chamado “meio de cultura”, para cultivar células, e, finalmente, de longo-prazo, com a utilização

de congelamento profundo, como nitrogênio líquido.

213. P.P. de Pedro Rezende, que volta a indagar:

PEDRO REZENDE: Em tempo físico, doutor Evaristo, quanto isto significa?

214. P.P. do médico, que esclarece:

DOUTOR EVARISTO: Vou lhe dar um exemplo: Os rins removidos dentro de uma hora após morte cardiovascular, com adequados métodos de hipotermia e perfusão, podem ser mantidos com sucesso na reimplantação até 50 horas depois.

215. Campo: o médico à esquerda do quadro, em $\frac{3}{4}$ de perfil, com Pedro de frente, à direita.

O jornalista ouve com indisfarçável interesse as explicações do médico da Santa Casa, que prossegue:

DOUTOR EVARISTO: Além dos rins, o fígado, pâncreas, pulmão e, principalmente, coração, exigem cuidados excepcionais para transplante, conservação e transporte.

PEDRO REZENDE: O senhor poderia dizer, doutor Evaristo, se órgãos e tecidos, transplantados em perfeitas condições, poderiam ser transportados, por exemplo, de Diamantina a São Paulo e até mesmo aos Estados Unidos e Europa, em perfeitas condições?

216. Contra-campo: doutor Evaristo, de frente, à esquerda, e Pedro Rezende em $\frac{3}{4}$, de perfil.

A resposta do médico de Diamantina é imediata e segura:

DOUTOR EVARISTO: Isto é possível sim, caro repórter. Dependendo da técnica empregada em sua preservação, podem chegar a países distantes, se forem transportados, é claro, por avião.

217. P.P. de Pedro Rezende:

PEDRO REZENDE: MUITÍSSIMO obrigado, doutor Evaristo. O senhor foi extremamente gentil! Me deu uma aula de mestre e amigo.

DOUTOR EVARISTO (voz off): Ora, ora, meu caro! Foram explicações simples, sem maior mérito. Mas, me diga...

218. P.P. do médico, que conclui a frase:

DOUTOR EVARISTO: ... caro amigo: por que o interesse por esse assunto? Alguém de sua família necessita de transplante?

219. P.A. dos dois, enquadrados de perfil. Pedro responde:

PEDRO REZENDE: Não, não, doutor Evaristo! Graças a Deus ninguém de minha família precisa. É apenas curiosidade jornalística, ligada a um acontecimento de muita importância, e que terei breve o prazer de relatar ao senhor.

Pedro faz menção de levantar-se para partir, acrescentando:

PEDRO REZENDE: Por enquanto ainda estou no terreno da hipótese, uma hipótese provável, muito séria. Até breve, doutor Evaristo. E, mais uma vez, muito obrigado!

220. P.M. de Pedro e do médico, que também se levanta e acompanha Pedro Rezende até a porta de saída, que abre, dizendo, ao apertar-lhe a mão:

DOUTOR EVARISTO: Um grande abraço em seu pai.

Pedro sai, enquanto o médico retorna à mesa de trabalho.

EXTERIOR - FRENTE DA SANTA CASA - DIA

221. Focaliza-se a fachada da Santa Casa de Diamantina em P.G. no instante em que Pedro Rezende chega de seu interior.

Ao sair, Pedro avista o detetive Rubens, com o carro estacionado diante do hospital, e que vai ao seu encontro, dizendo, com certa excitação:

DETETIVE RUBENS: Pedro, precisamos voltar depressa a Datas!

222. P.P. de Pedro e o detetive. O jornalista, estranhando a recomendação do detetive, pergunta:

PEDRO REZENDE: O que aconteceu, Rubens?

DETETIVE RUBENS: Segui o alemão e a médica até o Aeroporto. Mandaram abastecer o avião para viajar talvez ainda hoje. Depois pegaram a estrada para Couto de Magalhães.

PEDRO REZENDE: É onde está a fazenda da médica! Tem razão, Rubens, vamos pra Datas o mais depressa possível!

EXTERIOR - ESTRADA PARA DATAS - DIA

223. Câmera, instalada em dispositivo fixado na frente do carro de Pedro, focaliza, em detalhe, o asfalto sendo engolido pelo veículo em alta velocidade.

SOM - Ruído forte do motor e dos pneus rodando velozmente na estrada.

224. Instalada no capô do carro, câmera enquadra, em P.P., Pedro Rezende, ao volante, e, ao lado, o detetive Rubens. Estão calados, mas seu rosto exprime grande tensão.

O carro roda na estrada em alta velocidade.

SOM - Ruído do carro rodando velozmente pela rodovia.

EXTERIOR - FRENTE DA CASA DE JUCA REZENDE - DIA

225. O carro de Pedro Rezende estaciona diante da loja e casa de "seu" Juca Rezende. O jornalista e o detetive descem: *(Carro de Cleusa, outro modelo, de luxo, está estacionado diante da loja).*

PEDRO REZENDE: Vou saber como estão as

coisas, Rubens, e vou logo em seguida à delegacia fazer um relato ao doutor Altamiro.

DETETIVE RUBENS: Então te espero na delegacia. Até logo.

Ao entrar, Pedro se surpreende, assustadamente, ao avistar Cleusa, sua mulher, que vai ao seu encontro com cara de poucos amigos.

PEDRO REZENDE: Cleusa, quando chegou?..

Faz menção de beijá-la, mas Cleusa se afasta, evitando o beijo, e retruca asperamente:

CLEUSA: Dentro a gente conversa!

226. Alcançando a sala de visitas da residência, na qual se vê, muito assustado, o menino Eduardo, Cleusa desabafa com grande irritação:

CLEUSA: Você chamou o Eduardo?! Foi tão irresponsável assim?!

227. Câmera inicia Trav-Avante e vai enquadrar Pedro, Cleusa e Eduardo em P.P.

Eduardo, muito nervoso, levanta-se da poltrona e vai encontro dos pais, dizendo:

EDUARDO: Papai não me chamou não, mamãe! Vim por quê quis!

Pedro então reage à ofensa da mulher e interfere, rispidamente:

PEDRO REZENDE: Olha aqui, Cleusa, é melhor a gente conversar civilizadamente! Principalmente diante de uma criança!

CLEUSA: Você acha civilizado levar uma criança a fugir de casa?!

Eduardo volta então a interferir, agora chorando:

EDUARDO: Não fugi, mamãe, não fugi! Vim ficar com papai! Não agüento mais as brigas de de vocês dois!

228. P.M. do interior da sala, vendo-se “seu” Juca Rezende que surge à porta, aproxima-se de Pedro e lhe diz:

JUCA REZENDE: Pedro, o delegado Altamiro quer falar com você. Diz que é muito urgente!

Pedro se afasta, seguindo o pai. Eduardo faz menção de acompanhá-lo, mas Cleusa o impede, dizendo:

CLEUSA: Fique aqui, Eduardo!

EXTERIOR - FRENTE DA CASA DE JUCA REZENDE - DIA

229. Enquadra-se a frente da loja e residência de Juca Rezende, diante da qual espera o delegado Altamiro, acompanhado pelo detetive Rubens. Pedro e o pai vêm do interior, aproximam-se do delegado, que explica:

DELEGADO ALTAMIRO: Pedro: encontraram o corpo da menina de Guinda, aquela que desapareceu!

Pedro então exclama, espantado:

PEDRO REZENDE: O quê?! Encontraram onde, doutor Altamiro?

DELEGADO ALTAMIRO: A uns cinco quilômetros de Guinda! Um cachorro, ganindo muito, começou a uçar um buraco, perto de um mata-gal. Um roceiro, que passava, cavou o lugar com uma enxada e encontrou o corpo da menina.

230. P.P.P. de Pedro Rezende, penalizado, comentando:

PEDRO REZENDE: Deus do céu! É a Valéria, filha de dona Dulce, coitada!

231. P.P.P. do delegado, que ainda informa, abalado:

DELEGADO ALTAMIRO: Outra coisa horrível, Pedro: o corpo da menina estava aberto, sem vários de seus órgãos!

232. P.M. do grupo, enfatizando Pedro Rezende, exclamando:

PEDRO REZENDE: Minha Nossa Senhora! É o que eu temia!

Aproxima-se do delegado e, excitadamente, sugere:

PEDRO REZENDE: Por favor, delegado, reúna depressa um contingente. Se for preciso, peça reforço da Polícia Militar! Vamos imediatamente à fazenda da médica, em Couto de Magalhães! Tenho a certeza de que Glorinha está naquela fazenda! E podem fazer com ela o que fizeram com a menina de Guinda!

O delegado volta-se para o detetive Rubens e ordena:

DELEGADO ALTAMIRO: Vá depressa, Rubens, e reúna os homens. E peça reforço ao Sargento Elias, na Polícia Militar!

O detetive se afasta, apressadamente, enquanto o delegado pergunta a Pedro Rezende:

DELEGADO ALTAMIRO: Você vem conosco, Pedro?

PEDRO REZENDE: Vou no meu carro e passo para apanhar Marialva e o Zé Raimundo.

SEQÜÊNCIA 13

RESUMO: Delegado Altamiro mobiliza um contingente fortemente armado, que parte em vários carros na direção da fazenda no município de Couto de Magalhães. Pedro, Zé Raimundo e Marialva incorporam-se ao grupamento policial. Nos fundos da casa de Marialva o cachorro de Glorinha luta desesperadamente para libertar-se da corda que o prende ao canil. Quando se desembaraça, sai em louca disparada, seguindo o carro de Pedro Rezende e dos policiais, que tomam a estrada levando a Couto de Magalhães e à "Fazenda da Ressurreição".

EXTERIOR - RUA DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA

233. P.G. da rua e da casa onde moram Zé Raimundo e Marialva.

O carro de Pedro Rezende surge ao fundo e pára diante da casa de seus amigos.

O jornalista desce depressa do veículo e bate palmas à porta de entrada.

234. P.A. da porta que se abre, surgindo Zé Raimundo, meio espantado ao avistar Pedro, que lhe fala excitadamente:

PEDRO REZENDE: Zé, chame depressa a Marialva! Vamos a uma fazenda onde a Glorinha pode estar!

O garimpeiro, atônito, ainda sem entender bem o significado das palavras que ouve, só consegue dizer:

ZÉ RAIMUNDO: A Glorinha?! Onde, que fazenda?!

Nesse instante, Pedro e Zé Raimundo ouvem a voz off de Marialva que, do interior da casa, exclama, quase gritando:

MARIALVA (voz off) Glorinha, minha filha?! Minha Nossa Senhora, está numa fazenda?!

Logo a seguir, profundamente emocionada, chorando e rindo ao mesmo tempo, Marialva surge à porta, ouvindo Pedro pedir:

PEDRO REZENDE: Vamos, vamos, depressa Marialva! Venham comigo!

Pedro, Marialva e Zé Raimundo precipitam-se para fora e, antes de embarcarem no carro, ouvem dona Aparecida perguntar, muito assustada:

DONA APARECIDA: Aonde vocês vão
Alguma coisa com a Glorinha?!

235. Deixando o carro em P.P., à esquerda do quadro, câmera focaliza Pedro, Marialva e Zé Raimundo ao lado do veículo e, ao fundo, a casa com dona Aparecida à janela.

Antes de entrar, voltando-se para a mãe, Marialva responde, apressadamente:

MARIALVA: Ela está numa fazenda, mamãe!
Nós vamos para lá!

ZÉ RAIMUNDO: Tudo vai correr bem, dona Aparecida! Fique tranqüila!

SOM: Latidos de cachorro vindos do quintal.

EXTERIOR - QUINTAL DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA

336. Câmera focaliza "Bilito", o cachorro de Glorinha, preso numa árvore, nos fundos do quintal da casa de Zé Raimundo.

O cão está latindo e ganindo furiosamente, tentando livrar-se da corda que o prende. Dá saltos, chorando, desesperado para seguir os pais de Glorinha.

SOM: Latidos e ganidos fortes do cachorro. Em segundo-plano sonoro, ouve-se o ruído do carro arrancando.

De repente, com um salto maior, "Bilico" consegue libertar-se da coleira, sai correndo como doido pelo corredor da casa e chega à rua, seguindo o carro que leva, em alta velocidade, Pedro, Zé Raimundo e Marialva.

EXTERIOR - RUA DA CASA DE ZÉ RAIMUNDO - DIA

237. G.P.G. da rua e, ao fundo, o carro conduzido por Pedro Rezende. O cachorro, em desabalada correria, entra no quadro e vai latindo atrás do automóvel que, num cruzamento, vira à direita e desaparece.

Câmera focaliza sempre o cachorro que, da mesma forma, vira a esquina e sai de quadro pela direita.

EXTERIOR - ESTRADA - COUTO DE MAGALHÃES - DIA

238. De um ponto elevado, câmera focaliza, em P.G., a estrada asfaltada que leva a Couto de Magalhães, enfatizando, no enquadramento, três veículos da Delegacia e da Polícia Militar, rodando em alta velocidade.

Instantes depois, vindo de Datas, entra no quadro o carro de Pedro Rezende, com Zé Raimundo e Marialva, aproximando-se dos veículos à frente.

SOM: Sirene do carro que segue, à frente, com o delegado Altamiro e três policiais.

O carro de Pedro aproxima-se dos outros carros que, mais adiante, entram numa curva.

Câmera continua a rodar, focalizando a estrada vazia, na qual, pouco depois, surge o cachorro de Glorinha, latindo e correndo alucinadamente atrás dos carros.

SOM: Latidos do cachorro e sirene do carro policial.

239. Instalada em dispositivo fixado na frente de um carro em movimento, próximo ao chão, câmera enquadra o cachorro "Bilito" em P.P., destacando as patas do animal correndo velozmente em perseguição ao carro que leva Marialva e Zé Raimundo.

SOM: Latidos fortes, em primeiro-plano sonoro.

EXTERIOR - ESTRADA DE TERRA - DIA

240. Os carros da polícia e de Pedro Rezende deixam a rodovia asfaltada, perto de Couto de Magalhães, e ganham uma estrada de terra que leva à Fazenda da Ressurreição.

Depois de fixar em P.G. os quatro veículos, deixando a rodovia, câmera os acompanha, em Pan-D-E, rodando, em velocidade reduzida, pela estreita estrada de terra, levantando grossas núvens de poeira.

SOM - Ruído forte da sirene do carro que leva o delegado, e do motor dos veículos que seguem atrás.

241. Instalada em veículo que segue ao lado do carro do delegado, câmera focaliza Altamiro no banco da frente, ao lado do detetive Rubens, que que está ao volante. Voltando-se para Rubens, o delegado determina:

DELEGADO ALTAMIRO: Estamos perto da fazenda, Rubens. Desligue a sirene.

O detetive desliga o dispositivo que aciona a sirene, e o carro avança pela estrada silenciosamente.

EXTERIOR - ESTRADA ASFALTADA - DIA

242. P.G. da estrada asfaltada próxima a Couto de Magalhães. Por ela vem vindo o cachorro "Bilito", língua de fora, correndo desabaladamente.

Depois de segui-lo em panorâmica, câmera mostra o cruzamento da rodovia asfaltada com a estrada de terra, por onde entraram os carros policiais.

EXTERIOR - ESTRADA E PAISAGEM RURAL - DIA

243. Instalada em ponto ligeiramente elevado, câmera focaliza, em G.P.G., a paisagem árida do sertão mineiro, próximo a Couto de Magalhães, mostrando um vale com pouca vegetação e, ao fundo, as montanhas características da região do Alto Jequitinhonha.

Pela estrada de terra, levantando poeira, estão chegando os quatro veículos, agora em velocidade moderada, vendo-se, à esquerda, um pasto onde se espalham bois e vacas da raça holandesa.

SOM - Ruído dos carros chegando e mugidos de gado.

244. P.P. do delegado Altamiro, no interior do carro dirigido pelo detetive Rubens.

Altamiro aponta para uma fazenda, distante, à margem da estrada, e informa:

DELEGADO ALTAMIRO: Olha: lá está a fazenda da médica!

SEQUENCIA 14

RESUMO: Estacionando os carros diante da porteira de entrada da Fazenda da Ressurreição, o contingente de Datas avista dois empregados que se aproximam, armados. Vendo, contudo, soldados e policiais também com suas armas, os empregados se rendem e abrem a porteira, informando que estavam na casa-sede a médica, um estrangeiro e uma criança. O contingente imediatamente invade a propriedade e chega ao porão, antiga senzala, onde avista Glorinha, estendida sobre uma mesa de operação, tendo ao lado o alemão e a médica, prontos para matá-la e extirpar-lhe os órgãos. Sentindo-se acuado, o alemão tenta apossar-se de uma arma, mas é fuzilado pelos policiais e militares, tombando morto sobre os bujões que recolheriam os órgãos de Glorinha. O delegado ausculta o corpo de Glorinha, constatando que vive, sob o efeito de anestesia. Marialva deslumbrada e feliz, apanha a filha, enquanto Zé Raimundo, muito emocionado, abraça demoradamente Pedro Rezende. Isolda,

aterrorizada recebe ordem de prisão, é algemada e ouve terríveis acusações dos que a cercam. Diante da fazenda, antes de regressar a Datas, Pedro sugere ao delegado que a propriedade seja vendida e o dinheiro distribuído às famílias das crianças desaparecidas.

EXTERIOR - FAZENDA DA RESSURREIÇÃO - DIA

245. Como ponto de vista do delegado Altamiro, câmera focaliza, em P.G., uma porteira fechada, o pasto, onde se espalham muitas vacas e bois da raça Holandesa e, ao fundo, erguida em pequena elevação, parcialmente escondida por algumas árvores, o casarão de uma antiga fazenda construída no tempo da escravidão, com larga varanda, portas e muitas janelas fechadas.

Ouve-se, na trilha sonora, a voz off do delegado, completando:

DELEGADO ALTAMIRO (voz off): Tem um nome esquisito, "Fazenda da Ressurreição".

246. P.A. do carro do delegado e de seus ocupantes, no instante em que o escrivão Marcílio explica:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: Tem esse nome, delegado, porque a filha de um antigo proprietário, fazendeiro muito rico, estava à morte e foi salva por um frade capuchinho, que pôs água benta na testa da menina, fez uma reza, ela sarou e, pouco depois, deixou a cama, alegre, feliz, e foi brincar.

DELEGADO ALTAMIRO: Que coisa, hein, Marcílio! Um frade capuchinho! E onde ele anda?

Marcílio dá uma risada e explica:

ESCRIVÃO MARCÍLIO: Foi no século passado, doutor Altamiro! O frade, o fazendeiro, a menina, todo o mundo está debaixo da terra, há muito tempo!

247. Do interior da fazenda, câmera focaliza, em primeiro-plano, a porteira que separa a propriedade da estrada de acesso, destacando os veículos que se aproximam lentamente, ao fundo.

SOM - Carros chegando e mugidos de bois e vacas, em bg.

248. Invertendo a posição, câmera focaliza, em G.P.G., o vale, o pasto, uma aguada, à direita, algumas árvores e, bem ao fundo, o casarão da fazenda.

Dois empregados estão vindo, com cara de poucos amigos.

249. Em novo enquadramento, focaliza-se parte da estrada de terra e os veículos da caravana policial, aproximando-se da porteira fechada, encimada com a tabuleta, de madeira, com os dizeres "Fazenda da Ressurreição".

Os carros se imobilizam, enquanto os empregados, armados com espingardas, aproximam-se, desconfiados.

250. P.A. do interior do carro do delegado. Este, o detetive Rubens, o escrivão Marcílio e mais dois policiais de Datas, estão calados, observando a fazenda e a aproximação dos empregados.

SOM: Mugidos de bois e vacas.

O delegado, olhando fixamente na direção da fazenda e dos dois homens que estão chegando com as armas apontadas, ordena, com voz imperiosa:

DELEGADO ALTAMIRO: Vamos sair!

251. Em novo enquadramento, câmera, instalada na grua, focaliza, ainda em posição linear, os dois empregados, de perfil, aproximando-se da porteira, armas apontadas, e, à direita, os policiais da Delegacia de Datas, deixando o veículo.

A grua é acionada e começa lentamente a subir, enquadrando em P.G. a porteira, o delegado e os policiais parados ao lado do carro e, mais ao fundo, os outros veículos.

Altamiro, dando alguns passos à frente, fala energicamente aos empregados, que ainda lhe apontam as armas:

DELEGADO ALTAMIRO: Baixem as armas!

Nesse instante saem dos outros carros seis soldados fardados da Polícia Militar, trazendo fuzis, escopetas e metralhadoras. Avançam ameaçadoramente na direção da porteira e dos dois empregados. Mais ao fundo, também são vistos Pedro Rezende, Zé Raimundo e Marialva, que também deixam o carro e permanecem atentos ao que se passa mais à frente.

252. P.P. dos dois empregados, muito assustados, olhando para os policiais e militares, ouvindo a voz off do Sargento Elias, que lhes grita:

SARGENTO ELIAS: (voz off): Baixem as armas e...

253. Deixando os dois empregados à direita do quadro, câmara focaliza Altamiro, os detetives e os soldados da Polícia Militar em P.M., destacando o Sargento Elias que completa energeticamente a frase:

SARGENTO ELIAS: ... abram a porteira!

Os empregados, muito assustados, obedecem imediatamente, baixam as armas e erguem a tramela da porteira.

254. Câmera detalha, em P.P., a mão de um dos empregados levantando a tramela da porteira.

SOM - Tramela sendo levantada e ruído da porteira que começa a abrir-se com o chiado característico.

255. Em "raccord" de movimento, focaliza-se, em P.A., o empregado que completa o movimento de abrir a porteira que desliza no ferrolho. O delegado volta-se para o Sargento, que chegara do fundo, e pede:

DELEGADO ALTAMIRO: Sargento, por favor, leve esses homens para o carro!
Antes que se afastem, pergunta:

DELEGADO ALTAMIRO: Está na fazenda a doutora Isolda?

UM EMPREGADO: Está sim senhor.

DELEGADO ALTAMIRO: Veio com um velho e uma menina?

UM EMPREGADO: Veio sim senhor.
Sargento Elias se aproxima dos empregados e ordena:

SARGENTO ELIAS: Vamos! Entreguem as armas e venham comigo!

Os empregados obedecem, estendendo ao militar as duas espingardas.

256. Instalada na grua, em seu ponto mais elevado, câmera focaliza em P.G. toda a comitiva, os carros, Pedro, Zé Raimundo e Marialva, mostrando, inclusive, ao fundo, parte da estrada de terra, por onde, latindo, a língua de fora, exausto, o cão "Bilito" que chega, correndo à toda.

SOM - Latidos do cachorro.

Câmera, do alto da grua, focaliza a chegada do animal que passa como flecha pela porteira aberta, e corre em direção à casa-sede.

Ouve-se a voz de Marialva, gritando para o cão:

MARIALVA (voz off); "Bilito", "Bilito", vem aqui!

Mas o cachorro não obedece e corre na direção da casa, sobe a escada que leva à varanda e começa a arranhar, com as patas dianteiras, a porta de entrada fechada.

Certos, pelo faro e a agitação do cão, da presença de Glorinha na casa, o delegado, sargento, militares e policiais, além de Pedro, Marialva e Zé Raimundo, correm em direção à casa-sede.

Depois de registrar, do alto, a invasão da fazenda, câmera, descendo lentamente na grua, volta à posição normal e focaliza o destacamento que se precipita em direção à casa. (*"Pick-up" estacionada diante da fazenda*).

EXTERIOR - FRENTE DA CASA-SEDE DA FAZENDA - DIA

257. Instalada na varanda da casa-sede, câmera registra, em P.M., a invasão da fazenda pelo delegado e todo o destacamento.

No quadro também se vê o cão "Bilico" que continua a arranhar furiosamente a porta fechada, diante da qual Altamiro, detetives e soldados da Polícia Militar chegam correndo.

Parando diante da porta, Altamiro torce a maçaneta, constatando que está fechada à chave. Não hesita e mete violentamente o pé na porta, arrombando-a. E entra, com todo o destacamento, no interior da fazenda.

SOM - Ruído forte da porta sendo arrombada.

INTERIOR - SALÃO DA CASA-SEDE DA FAZENDA - DIA

258. Do interior da fazenda, câmera focaliza em P.M. o delegado e seus acompanhantes entrando numa grande sala, decorada com móveis antigos e retratos pendendo da cimalha.

Chegando ao centro do cômodo, com várias janelas fechadas com cortinas, o delegado fica indeciso sobre qual direção tomar. Mas, naquele instante, avista o cachorro que atravessa correndo o salão e se precipita para uma escadaria, num canto da sala, indicando instintivamente o caminho a seguir.

Todos fazem o mesmo, e descem correndo os degraus da escadaria.

INTERIOR - "HALL" EMBAIXO DA ESCADARIA - DIA

259. Instalada na parte baixa da escadaria, câmera focaliza, de baixo-para-cima, o delegado, detetives e soldados que descem correndo e observam o cachorro que arranha, furiosamente, a porta fechada que dá para um pequeno "hall".

E, novamente, Altamiro, com o corpo e o pé, arromba a porta, que se abre estrepitosamente, deixando ver um cômodo intensamente iluminado.

INTERIOR - SENZALA DA FAZENDA - DIA

260. Do interior do novo cômodo, uma antiga senzala de fazenda, com grandes vigas de madeira sustentando o forro, câmera enquadra, em P.M., o delegado e seus acompanhantes, parados diante da porta arrombada, olhando, atônitos, para o interior do cômodo.

261. Como ponto-de-vista do delegado e seus acompanhantes, imóveis e estupefatos, parados à porta, câmera focaliza em P.G. o interior do local: um grande cômodo, onde viviam os escravos, pintado de branco, com grandes vigas de madeira, e tendo ao centro uma mesa de metal, fortemente iluminada por refletores de centros cirúrgicos.

Ao lado, sobre outra mesa, vêem-se vários tambores cilíndricos, próprios para coleta e preservação de órgãos humanos.

Estendida sobre a mesa cirúrgica, imóvel, inteiramente despida, encontra-se Glorinha. Ao lado dela, vestindo trajes de intervenção cirúrgica, parados e atônitos, Konrad Otto Spiegel e a médica Isolda Heinrich olham, estupefatos, para os recém-chegados, enquanto o cachorro corre na direção de Glorinha, dando saltos e tentando lamber-lhe o rosto.

262. Em nova angulação, câmera, de um canto da senzala, enquadra, em P.G., grande parte do cômodo, favorecendo o alemão, a médica e, à direita, ainda parados, o delegado, o sargento Elias, soldados, detetives,

Pedro Rezende, Zé Raimundo e Marialva, estes últimos meio ocultos pelos policiais.

É quando, subitamente, dominado pelo espanto, o alemão começa a gritar, enfurecido, com seu forte sotaque alemão:

KONRAD OTTO SPIEGEL: Que é isto?! Por favorr, forra, forra daqui! Propriedade particular!

E continua a gritar, possesso, o rosto tomado pela vermelhidão:

KONRAD OTTO SPIEGEL: Vamos, saiam, saiam, forra daqui!

Vendo que os gritos não intimidam ninguém, o alemão se volta para apanhar uma pistola militar, colocada sobre um móvel, ao lado. Antes, porém, que o faça, é crivado de balas disparadas pelas armas do delegado, detetives e soldados, desabando, morto, sobre os tambores.

SOM - Ruído fortíssimo de tiros, ecoando no porão da fazenda.

263. Em nova posição, câmera detalha, em P.P., a queda do biólogo alemão, ensangüentado, tombando sobre os bujões onde seriam recolhidos os órgãos de Glorinha.

Desabando, morto, sobre eles, os recipientes rolam pelo chão, deixando escapar gelo e fumaça emanada de nitrogênio líquido que, aos poucos, se encharcam de sangue.

264. P.A. da médica Isolda, também vestida com traje cirúrgico, recuando, apavorada, recostando-se numa parede, pedindo, apavorada:

MÉDICA ISOLDA: Não me matem, pelo amor de Deus, não me matem!

265. P.G. de grande parte do porão, mostrando o delegado, sargento, detetives e soldados observando, espantados, tudo o que se encontra no local.

Os últimos a entrar, Pedro Rezende, Zé Raimundo e Marialva páram assombrados diante da porta.

Ouve-se, então, um grito de Marialva, ecoando com força na senzala:

MARIALVA: Glorinha! Glorinha, minha filha!

Antes que se precipite para o corpo da filha, Pedro Rezende a detém, ao ver o delegado se aproximando do corpo da menina, em meio a um grande silêncio.

266. P.A e depois P.P., por Trav-Avante, do delegado, que completa o movimento de aproximar-se da mesa para auscultar o corpo de Glorinha.

Altamiro coloca o ouvido no peito de Glorinha, fica escutando por alguns instantes. Câmera, então, avança em "travelling" até focalizá-lo em P.P.

Depois o delegado, demonstrando grande alívio, volta-se para Marialva e informa, emocionado:

DELEGADO ALTAMIRO: Ela está viva, Marialva! A menina está viva! Só está anestesiada, graças a Deus!

267. P.G. do porão, como no plano 363.

Marialva avança, então, deslumbrada, sorrindo e chorando ao mesmo tempo, chega à mesa, abraça-se ao corpo de Glorinha, ergue-o e o leva no colo, enquanto "Bilito", dando pulos e ganindo, tenta lambe o rosto da menina, completando o quadro de grande emoção que contagia todos.

Zé Raimundo apanha uma toalha e, com ela, recobre o corpo de Glorinha e beija o rosto da filha, ouvindo Marialva exclamar:

MARIALVA: Glorinha, Glorinha, filhinha querida!

Pouco adiante, detetives e soldados examinam o corpo do nazista, enquanto o delegado e outros militares se aproximam de Isolda, apavorada, recostada na parede, olhando uns e outros.

268. Mudando a angulação, câmera focaliza Pedro Rezende que se aproxima de Marialva, acaricia os cabelos e beija carinhosamente o rosto de Glorinha. Zé Raimundo então se aproxima de Pedro e o abraça demoradamente, dizendo:

ZÉ RAIMUNDO: Obrigado, Pedro, muito obrigado!

Marialva, com a filha no colo, beija o rosto de Pedro, fita-o, chorando, com uma expressão emocionada de gratidão. Logo em seguida, Pedro,

também comovido, se afasta e caminha na direção do delegado, que se aproximara da médica Isolda.

269. P.A. do delegado e de Pedro Rezende parando diante da médica, enquadrados ligeiramente à direita, com a médica, de frente, à esquerda, olhando-os em pânico e repetindo:

DOUTORA ISOLDA: Não me mate... Não me mate!...

O delegado, guardando o revólver no coldre, fala, energicamente:

DELEGADO ALTAMIRO: A senhora merecia morrer! Mas eu respeito a lei e no Brasil, infelizmente, não temos pena de morte!

Altamiro apanha as algemas e, com elas, prende as mãos da médica, acrescentando:

DELEGADO ALTAMIRO: A senhora está presa! Vai ser julgada e, na certa, condenada a apodrecer numa prisão pela cumplicidade no assassinato de crianças e extração de seus órgãos! A senhora praticou, com este nazista que mandamos para o inferno, um crime hediondo e agora vai pagar por isso!

270. Contra-campo: P.A. da médica, de perfil, à esquerda, e de Pedro Rezende e o delegado de frente, à direita.

Pedro Rezende acerca-se da médica, aponta-lhe o dedo e, com voz colérica, completa, com desprezo:

PEDRO REZENDE: Como foi capaz de raptar, assassinar e profanar o corpo de crianças infelizes, filhas de gente muito pobre, sua única alegria na vida?! Alguém arrancou o coração de seu peito, como a senhora fez com três crianças e ia fazer com esta menina?!

271. P.M. de Marialva, com Glorinha nos braços, e de Zé Raimundo. Ouvindo a referência à filha, os dois também se aproximam da médica.

Marialva, chorando, exaltadíssima, coloca-se diante de Isolda e, por sua vez, exclama, colérica:

MARIALVA: Não tem sentimento, não tem piedade, não tem repugnância pelo que fez?! Quanto ganhou pelo crime infame que praticou?!

272. P.P. da médica, lívida, incapaz de encarar a mulher que a acusa, e fala a Marialva com voz humilde, apontando para o corpo do alemão:

MÉDICA ISOLDA: Foi ele, foi o Konrad...

273. P.A da médica, delegado, Pedro Rezende, Marialva e Zé Raimundo. Com indignação na voz e nos olhos, Altamiro interrompe Isolda para dizer, também muito exaltado:

DELEGADO ALTAMIRO: Mentira! Mantira deslavada! Ninguém faz sozinho as torpezas que vocês fizeram! A senhora foi cúmplice deste nazista odioso que veio fazer no Brasil o que certamente fez durante a guerra! E tudo por dinheiro, um dinheiro sujo, manchado de sangue das crianças que matou!

Pedro Rezende, incapaz de se conter, volta também a acusar, com fúria sagrada:

PEDRO REZENDE: A senhora percorreu Mendanha, Guinda, Couto de Magalhães e Datas, procurando crianças pobres, muito pobres, que examinava, como falsa médica, para saber se eram sadias! Depois as entregava a esse miserável criminoso de guerra!

274. P.M. de parte da sala, mostrando Marialva, com Glorinha no colo, Zé Raimundo, Pedro, Altamiro e os policiais, atentos ao violento julgamento moral da médica, que ouvia tudo com olhos baixos.

E é novamente Marialva que, uma vez mais, volta a acusar a mulher que odeia:

MARIALVA: Agora põe covardemente a culpa naquele assassino?! Mas estava aqui, ao lado dele, pronta para matar minha filha...

Marialva, neste ponto, estende Glorinha e a exhibe à médica, continuando a dizer, com voz enfurecida:

MARIALVA (*continuando*): ... arrancar de seu corpo o coração e outros órgãos pra vender não sei onde! Você faria isto com sua própria filha?! Matava sua filha, abriria o corpo dela, tiraria seus órgãos para vender?! Faria isto, assassina, faria isto?!

275. Deixando Isolda à direita do quadro, câmera enquadra o grupo em P.A.L.

Zé Raimundo, vendo o estado extremamente exaltado de Marialva, aproxima-se, abraça-a e lhe diz:

ZÉ RAIMUNDO: Venha, Marialva, procure se acalmar. Ela vai pagar pelo que fez!

Marialva, dominada pela cólera e a emoção, chora convulsivamente, deixando cair lágrimas sobre o rosto da filha, que mantém nos braços.

276. P.P. do rosto de Marialva e depois, através de panorâmica de cima para baixo, detalhe fechado das lágrimas de Marialva, caindo sobre o rosto de Glorinha que abre então os olhos, fixa-os na mãe e balbucia:

GLORINHA: Mamãe... mamãe...

277. Câmera inicia lento Trav-Atrás, sobe e abre o quadro, focalizando todo o grupo em P.M.

Vendo cessar os efeitos da anestesia na filha, Marialva passa do choro e da aflição a um estado comovedor de euforia e deslumbramento.

Beija repetidas vezes a filha, exclamando:

MARIALVA: Glorinha, Glorinha, minha filha, você acordou, graças a Deus, meu amor!

A cena contagia todos com emoção e alívio. Zé Raimundo, Pedro Rezende e o delegado Altamiro abrem-se em franco e comovido sorriso, enquanto sargento, soldados e detetives se aproximam, formando um grupo sorridente e feliz.

278. P.G. da senzala, destacando o delegado que se volta para o sargento Elias, dizendo:

DELEGADO ALTAMIRO: Sargento, por favor, conduza esta mulher à cadeia. E mande recolher o corpo daquele homem!

Dirige-se, em seguida, aos policiais que o circundam:

DELEGADO ALTAMIRO: Vamos voltar a Datas.

EXTERIOR - FRENTE DA CASA-SEDE - FAZENDA - DIA

279. Voltando ao exterior e à frente do casarão da fazenda, câmera focaliza, em P.M., todo o grupo que acompanhou a diligência policial, saindo pela porta principal de entrada e ganhando a varanda. Ao lado de Marialva, com Glorinha no colo, o cão "Bilito" dá pulos, latindo e ganindo.

Soldados fardados carregam o corpo ensangüentado do alemão, enquanto dois detetives, um de cada lado, escoltam a médica algemada.

SOM - Além do ruído de passos nas tábuas do assoalho da casa, ouvem-se também mugidos do gado que se espalha pelo pasto.

280. Novamente instalada na grua, câmera focaliza da estrada de terra, em G.P.G., a fazenda, o pasto, com o gado, os participantes da diligência policial, Pedro Rezende, Marialva, ainda carregando a filha, e Zé Raimundo.

No enquadramento, obtido do alto da grua, também são vistos os carros, estacionados na estrada, e a porteira aberta, com os dizeres "Fazenda da Ressurreição".

Todo o grupo vem caminhando na direção dos carros e, a certa altura, é melhor detalhado quando a câmera, descendo pela grua, chega ao nível normal, focalizando detetives e policiais que passam à direita e à esquerda da objetiva, seguindo na direção dos carros.

281. Pedro Rezende e o delegado Altamiro, fixados em P.A., caminham juntos, lentamente, acompanhados pela câmera em Trav-Atrás. E conversam amigavelmente:

DELEGADO ALTAMIRO: Graças a Deus, Pedro, tudo acabou bem. E você fez um excelente trabalho, meu caro!

Marialva e Zé Raimundo, que seguem logo atrás, avançam e se colocam ao lado dos dois. Marialva volta-se para Pedro Rezende e lhe fala, com ênfase sincera:

MARIALVA: Você foi maravilhoso, Pedro!
Deus lhe pague e faça você muito feliz!

Pedro abraça Marialva e Zé Raimundo, respondendo:

PEDRO REZENDE: Fiz o que nossa amizade exigia de mim, Marialva.

282. P.P.P. de Pedro, olhando fixamente Marialva nos olhos, com enorme e expressiva ternura, dizendo:

PEDRO REZENDE: Fiz pela Glorinha!...

EXTERIOR - ESTRADA DIANTE DA FAZENDA - DIA

283. Do lado de fora da fazenda, instalada na estrada de terra, câmera focaliza, em P.M., parte da diligência e dos veículos estacionados, destacando-se o de Pedro Rezende.

Pedro, o delegado, Marialva, Glorinha, Zé Raimundo e o "Bilito", pulando e ganindo sempre, aproximam-se do carro do jornalista. Vendo passar o corpo do alemão, conduzido por dois soldados, o delegado dá dois passos e, mais próximo de Pedro Rezende, comenta:

DELEGADO REZENDE: Espero que este seja o último nazista, Pedro!

284. P.P. de Pedro e do delegado. O jornalista, cético, então responde:

PEDRO REZENDE: Não acredito que seja o último, doutor Altamiro! Há outros, escondidos pelo mundo, na própria Alemanha!

DELEGADO ALTAMIRO: Mas estes, meu caro, os judeus um dia vão pegar, você vai ver!

285. Abrindo o quadro, câmera enquadra o grupo em P.M. Altamiro aperta efusivamente a mão de Pedro, e se despede:

DELEGADO ALTAMIRO: Agora é com você, grande repórter! Convoque a imprensa, a

televisão, o cinema, o que você quiser!
Você merece este “furo”, com exclusividade!
Até breve, meu caro, e muito obrigado por tudo!

PEDRO REZENDE: Eu é que agradeço, delegado! Até breve!

Antes de entrar no carro, Pedro, lembrando-se de alguma coisa, dirige-se ao delegado, que se afasta:

PEDRO REZENDE: Doutor Altamiro, por favor, um minutinho só!

O delegado, próximo ao carro, volta-se para o jornalista:

DELEGADO ALTAMIRO: Pois não?

286. Câmera focaliza Pedro Rezende em P.A., caminhando na direção do delegado, que o espera à porta do carro.

Seguido em panorâmica, câmera termina o movimento quando enquadrar Pedro e Altamiro em P.P.

Pedro então fala ao delegado:

PEDRO REZENDE: E esta fazenda, doutor Altamiro? O que vai ser feito dela?

DELEGADO ALTAMIRO: Boa pergunta. Com a proprietária presa, sem herdeiros, a fazenda deve ter um destino. Vou conversar com um advogado e examinar a situação legal da propriedade.

PEDRO REZENDE: Tenho uma proposta, doutor Altamiro: vender a fazenda e dar o dinheiro à família das crianças que eles mataram!

DELEGADO ALTAMIRO: Excelente idéia! É isto mesmo, meu caro! Defenda a proposta no jornal, na televisão, onde você puder! É muito justo!

E entra no carro, repetindo, para si mesmo: "Excelente idéia! Excelente idéia!". Pedro Rezende, satisfeito, retorna ao carro.

287. Enquadrado em P.M., Pedro aproxima-se do veículo, ao lado do qual o esperam Zé Raimundo, Marialva, carregando Glorinha, e o cachorro "Bilito", pulando sempre, tentando lambe o rosto da menina. Também no enquadramento são vistos os veículos do contingente policial que manobram e ganham a estrada de terra, de volta a Datas.

SOM: Sirene do carro do delegado e ruído dos outros veículos seguindo pela estrada. Em bg. latidos do cachorro de Glorinha e mugidos gidos do gado.

SEQÜÊNCIA 15 - FINAL

RESUMO: *Diante de pequena multidão, chegam a Datas, de volta da Fazenda da Ressurreição, os veículos conduzindo o delegado, detetives e militares do contingente, além do carro de Pedro Rezende com Glorinha, Marialva, Zé Raimundo e o cachorro Bilito. Estacionando nas imediações da Matriz, os ocupantes, deixando os veículos, são cercados pelos moradores, principalmente Marialva e Glorinha, vestida com o uniforme da escola. Muito festejada, Glorinha sorri, feliz, só dizendo "obrigada, obrigada". Ao se aproximar de sua casa, Pedro Rezende avista o pai, "seu" Juca Rezende, Cleusa, sua mulher, e o filho Eduardo. Quando vê Glorinha, ao lado da mãe, Eduardo, inesperadamente, sai correndo, abraça e beija a menina, que se abre num sorriso de felicidade. Marialva, Zé Raimundo e Glorinha aproximam-se de Cleusa, parada diante da loja de "seu" Juca, e a convidam para a missa em Ação de Graças na Igreja Matriz do Divino Espírito Santo. No dia seguinte, diante de parentes, amigos e uma multidão de moradores que lotam a Igreja Matriz, Marialva cumpre a promessa que fizera, se Glorinha fosse encontrada viva, e caminha de joelhos até o altar de Nossa Senhora da Conceição. Gesto que comove a todos que participam da missa de regozijo pela salvação de Glorinha vem, inesperadamente, das colegas tecelãs da cidade, que estendem pelo chão da igreja os belos tapetes Arraiolos, sobre os quais Marialva segue de joelhos até prostrar-se diante da imagem de Nossa Senhora da Conceição. A cerimônia é transmitida para todo o Brasil pela emissora onde trabalha Pedro Rezende, que a descreve, com emoção, exaltando o gesto humilde de Marialva, que define como símbolo das esperanças de nosso povo. Sentada em um dos bancos próximos*

ao altar, Cleusa, o filho Eduardo e “seu” Juca Rezende contemplam, emocionados, o gesto humilde de Marialva. Terminada a cerimônia religiosa, a multidão deixa a Igreja e os últimos a sair são Marialva, Zé Raimundo e Glorinha, seguidos por Juca Rezende, Pedro, Cleusa, reconciliados, caminhando de mãos dadas e, ao lado, feliz e sorridente, o filho Eduardo, ouvindo-se, na trilha sonora, o som de sinos e, em execução de órgão, “Jesus, Alegria dos Homens”, de Bach

EXTERIOR - PRAÇA DA IGREJA - DATAS DIA

288. G.P.G. da praça da Igreja-Matriz, no instante em que chegam os veículos do contingente policial da Fazenda da Ressurreição.

Na praça se encontra uma multidão de moradores que cercam os veículos, querendo saber o resultado da diligência.

Câmera, instalada em grua, desce lentamente e vai enquadrar em P.M. o delegado, sargento Elias, Pedro Rezende, Marialva e Glorinha, saudados efusivamente, principalmente Glorinha, abraçada por gente humilde do povo, feliz e emocionada, agradecendo:

GLORINHA: Obrigada, obrigada!

289. Instalada agora em carrinho de “travelling”, câmera passa pelo meio do povo e vai enquadrar Juca Rezende, Cleusa e o menino Eduardo. E é “seu” Juca Rezende que comenta:

JUCA REZENDE: A menina foi salva, graças a Deus! E quem a salvou foi seu marido, Cleusa.

CLEUSA: Salvou?... Mas como?

JUCA REZENDE: Ele vai te contar. E você vai sentir orgulho dele!

Nesse instante, avistando Glorinha no meio da multidão, Eduardo sai correndo e, seguido pela câmera em panorâmica, vai abraçar e beijar a menina, comovendo Marialva que também o abraça e beija.

290. Em novo enquadramento, câmera focaliza a frente da casa comercial de “seu” Juca Rezende, mostrando Marialva, Glorinha e Zé Raimundo, aproximando-se de Cleusa e do comerciante.

Parando diante deles, Marialva diz a Cleusa:

MARIALVA: Eu ficaria muito feliz se a senhora, dona Cleusa, fosse amanhã à missa em Ação de Graças que vou mandar celebrar na Matriz.

Cleusa se aproxima de Marialva, beija carinhosamente Glorinha, abraça Marialva e responde:

CLEUSA: Vou com muito prazer, Marialva, se você não me chamar nunca mais de “dona Cleusa”...

Depois se aproxima de Pedro, toma-lhe a mão e diz:

CLEUSA: Agora você vai me contar como se transformou no herói da cidade, Pedro!

PEDRO REZENDE: Herói coisa nenhuma, Cleusa. Agi como repórter, apenas isto.

MARIALVA: Ele foi maravilhoso, Cleusa!

Inesperadamente, quase ao mesmo tempo, Eduardo e Glorinha se precipitam e vão beijar Pedro Rezende que, rindo, muito feliz, ergue nos braços as duas crianças e as beija.

SOM: Ouve-se, na trilha sonora, o som antecipado dos sinos da Igreja.

INTERIOR - IGREJA-MATRIZ DE DATAS - DIA

291. Câmera, instalada em carrinho, focaliza em P.P., na entrada da igreja-matriz de Datas, o rosto de Marialva, exprimindo intensa emoção, os olhos marejados de lágrimas.

Depois câmera faz panorâmica para baixo, descendo pelo corpo de Marialva, que veste cor branca, até focalizar-lhe as pernas, no instante em que ela se põe de joelhos, iniciando a comovente caminhada pelo centro da igreja.

SOM - Ouvem-se, fortes, batidas de sinos que, depois, vão para bg, subindo na trilha sonora música de órgão (talvez “Jesus Alegria dos Homens”, de Bach).

Câmera, sempre focalizando Marialva de joelhos, inicia lento Trav-Atrás, abrindo o quadro até P.A. e mostrando a mãe de Glorinha que cumpre a promessa feita quando a filha desapareceu.

292. Instalada diante do altar-mór, câmera focaliza em G.P.G., a nave da igreja-matriz de Datas, com todos os bancos ocupados por moradores da cidade, de pé, observando a chegada de Marialva. No primeiro banco estão “seu” Juca Rezende, Cleusa e o filho Eduardo, sentados ao lado de Zé Raimundo, dona Aparecida e Glorinha, todos com a atenção voltada para a entrada da igreja, observando a caminhada insólita de Marialva.

SOM: Além dos sinos e da música de órgão, também se ouve na trilha sonora o burburinho dos participantes que lotam a igreja.

293. Ao lado do altar-mór da igreja, câmera focaliza Pedro Rezende, segurando um microfone, falando diretamente para a objetiva da câmera da emissora de televisão onde trabalha, reportando o acontecimento na Igreja-Matriz de Datas:

PEDRO REZENDE: Marialva dos Santos, tecelã da cidade mineira de Datas, cumpre a promessa que fez a Nossa Senhora da Conceição de caminhar de joelhos nesta bela igreja Matriz do Divino Espírito Santos, se a filha, desaparecida misteriosamente, fosse encontrada viva e com saúde, fato que, felizmente aconteceu, como os telespectadores estão informados.

294. Transferindo-se para o côro, câmera focaliza em G.P.G. e “contre-plongée”, o interior da igreja de Datas, enfatizando a caminhada de Marialva, sempre de joelhos, pela passagem central, mostrando a comovente e inesperada chegada de várias tecelãs que estendem seus belos tapetes Arraiolo diante da colega.

295.296.297.298.299. Instalada, inicialmente, no centro da igreja, em posição um pouco elevada, câmera detalha, em planos sucessivos de montagem, o gesto das tecelãs de Datas, também mostrado pelas câmeras da televisão, estendendo os tepetes Arraiolo no chão da igreja, sobre os quais Marialva avança lentamente de joelhos, alternando-se com primeiros-planos de Pedro Rezende, falando à TV, e de moradores pobres da cidade:

PEDRO REZENDE: Vejo no gesto humilde de Marialva e das mulheres de Datas, que estendem em seu caminho os belos tapetes Arraiolos que tecem, um símbolo de nosso povo, que sofre o calvário da pobreza e da injustiça.

300.301.302.303.304. - Alternando-se com planos de cobertura da caminhada de Marialva pela igreja, câmera focaliza primeiros-planos de alguns dos principais personagens do filme:

1. Zé Raimundo, Glorinha e dona Aparecida;
2. Cleusa, Eduardo, "seu" Juca Rezende e Cirino;
3. Delegado Altamiro e sua equipe: o escrivão Marcílio e os detetives Rubens, Edmir e Tenório;
4. Sargente Elias e alguns soldados fardados da Polícia Militar;
5. Padre Arnaldo.

305. Focaliza-se agora Marialva aproximando-se do altar de Nossa Senhora da Conceição, caminhando sempre, de joelhos, sobre os tapetes Arraiolos.

306. Chegando ao altar, Marialva se prostra, rezando e chorando, em meio ao respeitoso silêncio dos participantes da missa, que também estão de joelhos.

SOM - Na trilha sonora só se ouve órgão, com música de Bach.

307. Padre Arnaldo, celebrante da missa, com seus solenes paramentos, aproxima-se de Marialva e, com gesto paternal, ajuda-a a levantar-se, o mesmo fazendo todos os que estavam ajoelhados na igreja.

Depois o sacerdote conduz Marialva, lentamente, ao banco da frente, onde ela é abraçada e beijada comovidamente por Glorinha, Zé Raimundo, dona Aparecida, Juca Rezende, Cleusa e Eduardo, ouvindo-se a voz de Pedro Rezende, que conclui a reportagem:

PEDRO REZENDE: E assim Marialva cumpriu sua promessa. Como esta mulher humilde e generosa, também o povo brasileiro, de pé, cumprirá a sua: fazer do Brasil uma terra de esperança, justiça e igualdade.

308. Câmera enquadra Padre Arnaldo, de perfil, à esquerda do quadro, e, no centro e à direita, em G.P.G., a nave da igreja, com todos os participantes de pé. O vigário de Datas, encerra a missa com a bênção final.

309. Em nova angulação, câmera focaliza Pedro Rezende se aproximando de Cleusa e do filho Eduardo, enquanto os participantes da missa vão se retirando.

Pedro abraça e beija a mulher e o filho. Depois, de mãos dadas, os três deixam lentamente a Igreja, pouco atrás de Marialva, Zé Raimundo e Glorinha.

310. O último plano do filme focaliza, do alto do coro, em G.P.G., toda a nave da igreja, com a multidão que se retira lentamente, até deixar o templo vazio.

SOM: Repicar festivo dos sinos da igreja e, subindo na trilha sonora, música imponente de órgão, com música de Bach.

F I M

GERALDO SANTOS PEREIRA

(Direitos autorais registrados na Biblioteca Nacional)

G. MINAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS LTDA.
Rua Pompéia, 39, sala 01 - Prado - Telefax (031)371-4604
CEP 30410-130
Belo Horizonte, Minas Gerais.

FAZENDA DA RESSURREIÇÃORESUMO GERAL DO ORÇAMENTOTOTAIS PREVISTOS

01. ARGUMENTO, ROTEIRO E DIÁLOGOS.....	50.000,00
02. PREPARAÇÃO.....	45.750,00
03. MATERIAL SENSÍVEL	78.680,00
04. LABORATÓRIO DE IMAGEM.....	80.622,50
05. CRÉDITOS E TRUCAGENS	66.340,00
06. EQUIPE TÉCNICA	276.145,94
07. ELENCO E FIGURAÇÃO	190.780,00
08. CENOGRAFIA E FIGURINO.....	73.800,00
09. DESPESAS COM ELENCO E EQUIPE.....	198.890,00
10. DESPESAS DE PRODUÇÃO	67.300,00
11. EQUIPAMENTO DE FILMAGEM.....	236.400,00
12. MONTAGEM.....	20.313,76
13. MÚSICA	91.000,00
14. ESTÚDIO DE SOM	47.950,00
15. ENCARGOS SOCIAIS....	221.088,85
16. ADMINISTRAÇÃO....	59.890,00
17. VARIAÇÃO DE CUSTOS E IMPREVISTOS..	19.287,00
18. TAXA DE CAPTAÇÃO	182.423,75

TOTAL GERAL DO ORÇAMENTO: RS2.006.661,30
(Dois milhões, seis mil, seiscentos e sessenta e um reais e trinta centavos)

UFIR 2.087.879,87
(Dois milhões, oitenta e sete mil, oitocentos e setenta e nove reais e oitenta e sete UFIRs).

01. ARGUMENTO, ROTEIRO E DIÁLOGOS

1.0 - AUTOR: GERALDO SANTOS PEREIRA R\$50.000,00

01. - TOTAL GERAL:..... R\$50.000,00

**OBSERVAÇÃO: Nº DO CERTIFICADO DE REGISTRO
DE DIREITOS AUTORAIS:**

**Registro nº 150.493
Livro 246 - Folha 73**

02. PREPARAÇÃO

<u>Item</u>	<u>Custo unitário</u>	<u>Unidade-Tempo</u>	<u>Total</u>
2.01- Locação imóvel sede	500,00	6 semanas	3.000,00
2.02- Locação linha telefônica	100,00	6 semanas	600,00
2.03- Locação fax	100,00	6 semanas	600,00
2.04- Pagamento 2 contas telefônicas	500,00	_____	1.000,00
2.05- Energia	200,00	_____	250,00
2.06- Material de consumo: papel, xerox, etc.	_____	_____	1.000,00
2.07- Seleção das locações (*)	_____	_____	3.500,00
2.08- Testes em vídeo (**)	_____	_____	3.000,00
2.09- Material fotográfico (***)	_____	_____	2.500,00
2.10- Diretor, Produtor Executivo, Diretor de Produção	5.050,00	6 semanas	30.000,00
<u>02. TOTAL GERAL:</u>			<u>45.750,00</u>

(*) Locação inclui veículo, combustível, hospedagem e alimentação;

(**) Câmeras, operador, material virgem e edição;

(***) Material virgem, laboratório e cópias.

03. MATERIAL SENSÍVEL

Ítem	Metragem/horas	Total previsto
3.01 - Negativo de imagem 5248	14.400 ms	49.440,00
3.02 - Negativo de imagem 5278	3.600 ms.....	14.220,00
3.03 - Magnético de ¼	36.000 ms.....	1.320,00
3.04 - Magnético 35 mm p/mixagem	3.000 ms.....	2.400,00
3.05 - Magnético 17,5mm p/transcrição	12.000ms	5.200,00
3.06 - Magnético 17,5mm usado	12.000ms	2.000,00
3.07 - Fita DAT 60 m	10 horas.....	1.000,00
3.08 - Fita S - VAS T-120	100 horas.....	1.100,00
3.09 - fita K-7 T-120 para som guia	100 horas.....	200,00
3.10 - Material para still.....		1.800,00
<u>03 - TOTAL GERAL</u>		<u>RS78.680,00</u>

04. LABORATÓRIO DE IMAGEM

<u>Ítem</u>	<u>Custo unitário</u>	<u>Metros</u>	<u>Total previsto</u>
4.01 - Revelação negativo Imagem	0,67	18.000.....	11.700,00
4.02 - Copião cor luz padrão	1,00	18.000	18.000,00
4.03 - Copião cor marcação luz	1,10	3.000.....	3.300,00
4.04 - Montagem do negativo	265,00	10 partes	2.650,00
4.05 - Inter negativo	12,40	3.000	37.200,00
4.06 - 1ª. cópia	1,25	3.000,00	3.750,00
4.07 - Perdas 5% (ítems 2,3,5,6)	_____	_____.....	3.112,50
4.08 - Testes sensitométricos	95,00	10 testes	950,00

04 - TOTAL GERAL R\$80.662,50

05. CRÉDITOS E TRUCAGENS

	<u>Total previsto</u>
5.01 - Criação gráfica dos letreiros	15.000,00
5.02 - Confeção de artes	9.000,00
5.03 - Filmagem dos letreiros H.C. 15,00 x 300 ms	4.500,00
5.04 - Revelação HC dos letreiros 0,70 x 300 ms.....	210,00
5.05 - Interpositivo janela líquida linha a linha 24,50 x 300	7.350,00
5.06 - Internegativo janela líquida linha a linha 24,50 x 300 ms.	7.350,00
5.07 - Separação do negativo 10 horas	600,00
5.08 - Copião color c/marcação luz 1,10 x 300 ms.....	330,00
5.09 - Trucagens óticas e imagens aéreas (filmagem aérea em oxberry, efeito,afastamento de quadro, fades-in e fades-out).....	22.000,00

05 - TOTAL GERAL R\$66.340,00

06. EQUIPE TÉCNICA

<u>Função</u>	<u>Custo semanal</u>	<u>Unidade/Tempo</u>	<u>Total previsto</u>
01 - Diretor-Produtor	2.200,00	30 semanas	66.000,00
02 - 1º Assistente Direção	591,12	16 semanas	9.457,92
03 - 2º Assistente Direção	445,02	12 semanas	5.340,24
04 - Continuista	504,97	10 semanas	5.049,70
05 - Produtor Executivo	1.950,00	30 semanas	58.500,00
06 - Diretor de Produção	900,00	16 semanas	14.400,00
07 - 1º Assist. de Produção	504,97	10 semanas	5.044,70
08 - 2º Assist. de Produção	445,02	10 semanas	4.450,20
09 - Secretária de Produção	359,56	10 semanas	3.595,60
10 - Diretor de Fotografia e Câmera	1.218,69	10 semanas	12.186,90
11 - Assistente de Câmera	627,27	10 semanas	12.186,90
12 - Operador Steadycam	798,08	4 semanas	3.192,32
13 - Still	445,02	10 semanas	4.450,00
14 - Eletricista	504,97	10 semanas	5.049,70
15 - Assistente eletricista	259,42	10 semanas	2.594,20
16 - Maquinista	504,97	10 semanas	5.049,70
17 - Assistente maquinista	259,42	10 semanas	2.594,20
18 - Operador de gerador	504,97	2 semanas	1;009,94

EQUIPE TÉCNICA (CONTINUAÇÃO)

Função	Custo semanal	Unidade/tempo	Total previsto
19 -Técnico som direto	870,00	10 semanas	8.700,00
20 -Diretor de Arte	869,99	10 semanas	8.699,90
21 -Assist.Direção de Arte	591,12	10 semanas	5.911,20
22 -Contra-regra	504,97	10 semanas	5.049,70
23 -Técnico de efeitos especiais	627,27	2 semanas	1.254,54
24 -Maquiador e cabeleireiro	504,97	10 semanas	5.049,70
25 -Estagiário	200,00	10 semanas	2.000,00
26 -Assist.Produutor Executivo	504,97	20 semanas	10.099,94
27 -Figurinista	804,39	16 semanas	12.870,24
28 -Microfonista	627,27	10 semanas	6.272,70
<u>06 - TOTAL GERAL</u>			<u>RS276.145,94</u>

07. ELENCO E FIGURAÇÃO

	<u>Unidade/Tempo</u>	<u>Total previsto</u>
<u>A - PAPÉIS PRINCIPAIS</u>		
7.01 - ZÉ RAIMUNDO	7 semanas	25.000,00
7.02 - MARIALVA	7 semanas	25.000,00
7.03 - PEDRO REZENDE	10 semanas	35.000,00
7.04 - DELEGADO ALTAMIRO	6 semanas	15.000,00
7.05 - DETETIVE RUBENS	8 semanas	15.000,00
<u>B - PAPÉIS SECUNDÁRIOS</u>		
7.06 - ESCRIVÃO MARCÍLIO	6 semanas	8.000,00
7.07 - GLORINHA	3 semanas	4.000,00
7.08 - JUCA REZENDE	2 semanas	3.000,00
7.09 - DETETIVE EDMIR	4 semanas	5.000,00
7.10 - DETETIVE TENÓRIO	4 semanas	5.000,00
7.11 - SARGENTO ELIAS	2 semanas	3.000,00
7.12 - ISOLDA HEINRICH	3 semanas	5.000,00
7.13 - KONRAD OTTO SPIEGEL	3 semanas	5.000,00
<u>C - PEQUENOS PAPÉIS</u>		
7.14 - DONA APARECIDA	8 dias	2.000,00
7.14 - GEREMIAS MONTEIRO	2 dias	500,00

07 - ELENCO E FIGURAÇÃO (CONTINUAÇÃO)

	<u>Unidade/Tempo</u>	<u>Total previsto</u>
7.15 - "SEU" MELLO	2 dias.....	500,00
7.16 - MENDIGO TIÃO	1 dia.....	200,00
7.17 - DONA DULCE	1 dia.....	200,00
7.18 - VALDOMIRO	1 dia	200,00
7.19 - PADRE ARNALDO	2 dias.....	500,00
7.20 - MORADOR VELHO	1 dia.....	200,00
7.21 - FUNCIONÁRIO FORUM	1 dia.....	200,00
7.22 - QUIRINO	3 dias	500,00
7.23 - MIGUEL	1 dia	200,00
7.24 - CIRURGIÃO	3 dias	500,00

D - FIGURAÇÃO

Quantidade de Pessoas: 581

Custo unitário: 50,00

TOTAL PREVISTO R\$29.050,00

E - CÃO AMESTRADO 10 dias 3.000,00

07 - TOTAL GERAL - ELENCO E FIGURAÇÃO R\$190.7780,00

08 - CENOGRRAFIA E FIGURINO

<u>Ítem</u>	<u>Total previsto</u>
8.01 - Cenários: madeira, prego, tinta, massa, etc.	32.000,00
8.02 - Aluguel de locações.....	15.000,00
8.03 - Adereços	2.500,00
8.04 - Veículos de cena alugados.....	3.000,00
8.05 - Animais de cena (aluguel)	1.500,00
8.06 - Mobiliário alugado	1.500,00
8.07 - Tecidos e aviamentos.....	4.000,00
8.08 - Material de maquiagem	2.000,00
8.09 - Material para efeitos	500,00
8.10 - Aluguel para estúdio 5 dias.....	10.000,00
<u>08 - TOTAL GERAL</u>	<u>RS73.800,00</u>

09 - DESPESAS COM ELENCO E EQUIPE TÉCNICA

<u>Ítem</u>	<u>Pessoas</u>	<u>Custo unitário</u>	<u>Diárias</u>	<u>Total previsto</u>
9.01 - Hospedagem/ técnicos	26	40,00	1.386	55.440,00
9.02 - Hospedagem/ atores	25	40,00	490	19.600,00
9.03 - Alimentação/ técnicos	26	45,00 *	1.386	62.370,00
9.04 - Alimentação/ atores	25	45,00 *	490	22.050,00
9.05 - Viagens/Técnicos- Atores (ônibus) _____		_____		7.000,00
9.06 - Viagens/Técnicos- Atores - Avião _____		_____		15.000,00
9.07 - Alimentação Figurantes	581	30,00	581	17.430,00
<u>09 - TOTAL GERAL</u>				<u>198.890,00</u>

* Incluindo café, lanche, água mineral, refrigerantes, etc.

10 - DESPESAS DE PRODUÇÃO

<u>Ítem</u>	<u>Quantidade</u>	<u>Custo unitário</u>	<u>Unidade/ Tempo</u>	<u>Total previsto</u>
10.01 - Ônibus	1	200,00	70 dias	14.000,00
10.02 - Carro	2	100,00	70 dias	14.000,00
10.03 - Caminhão Baú	1	150,00	70 dias	10.500,00
10.04 - Caminhonete	1	100,00	70 dias	7.000,00
10.05 - Caminhão aberto	1	150,00	10 dias	1.500,00
10.06 - Gerador	1	100,00	10 dias	1.000,00
10.07 - Combustível e lubrificação	_____	_____	_____	12.000,00
10.08 - Passagens de ônibus	_____	_____	_____	1.500,00
10.09 - Gratificações	_____	_____	_____	1.500,00
10.11 - Avião (aluguel para filmagem aérea)	1	2.800,00	1 dia	2.800,00
10 - TOTAL GERAL				<u>67.300,00</u>

11. EQUIPAMENTO: CÂMERA, ILUMINAÇÃO, MAQUINÁRIA, SOM

<u>Ítem</u>	<u>Custo unitário</u>	<u>Unidade/Tempo</u>	<u>Total previsto</u>
11.01 - Câmera Arriflex 35 BL III com acessórios	1.320,00	70 dias	92.400,00
11.02 - Câmera Arriflex 35 BL II	800,00	70 dias	56.000,00
11.03 - Steadycam s/câmera	1.000,00	10 dias	10.000,00
11.04 - 2 Mini-brut 9 lâmpadas	300,00	10 semanas	3.000,00
11.05 - 6 refletores 1.000 w	300,00	10 semanas	3.000,00
11.06 - 2 HMI de 2.500 w	1.200,00	10 semanas	12.000,00
11.07 - 2 Kits Colortran 650 w	400,00	10 semanas	4.000,00
11.08 - 5 refletores 800 w abertos	250,00	10 semanas	2.500,00
11.09 - 2 Sun-Gun 30 w	450,00	10 semanas	4.500,00
11.10 - Acessórios iluminação	500,00	10 semanas	5.000,00
11.11 - Acessórios Elétrica	500,00	10 semanas	5.000,00
11.12 - Grua, carrinho e acessórios	2.000,00	2 semanas	4.000,00
11.13 - Equipamento maquinária	650,00	10 semanas	6.500,00
11.14 - Material de consumo	_____	_____	2.000,00
11.15 - Material de reposição	_____	_____	5.000,00
11.16 - Gravador Nagra completo	2.150,00	10 semanas	21.500,00
11 - TOTAL GERAL			236.400,00

12. MONTAGEM

<u>Ítem</u>	<u>Custo unitário</u>	<u>Unidade/ Tempo</u>	<u>Total previsto</u>
12.01 - Sala de Montagem	650,00	8 semanas	5.200,00
12.02 - Montador	870,45	8 semanas	6.963,60
12.03 - Assist.de Montador	445,02	8 semanas	3.560,16
12.04 - Coladeira/enroladeira	150,00	8 semanas	1.200,00
12.05 - Ponta preta	1,10	300 ms	330,00
12.06 - Ponta transparente	1,10	300 ms	330,00
12.07 - Ponta velada	1,10	300 ms	330,00
12.08 - Silência 17,5 mm	40,00	10 rolos	400,00
12.09 - Material de consumo *	_____	_____	2.000,00
12 - TOTAL GERAL			<u>20.313,76</u>

* Lápis dermatográfico, canetas hidrográficas, cadernos, blocos, régua, corretor, cola, latas de 600, 300 e 120 batoques grandes, médio e pequenos, benzina, tetraclore etileno, flanelas e algodão.

13. MÚSICA

13.01 - Direitos autorais de música original	45.000,00
13.02 - Direitos autorais e de intérprete de música aproveitada	18.000,00
13.03 - Pagamento de músicos de execução	25.000,00
13.04 - Aluguel de estúdio para gravação	6.000,00
<u>13 - TOTAL GERAL</u>	<u>91.000,00</u>

14 - ESTÚDIO DE SOM

<u>Ítem</u>	<u>Quantidade</u>	<u>Custo unitário</u>	<u>Total previsto</u>
14.01 - Transcrição diálogos	30 horas	80,00/hora	2.400,00
14.02 - Transcrição música	10 horas	80,00/hora	800,00
14.03 - Transcrição ruídos de arquivo	10 horas	90,00/hora	900,00
14.04 - Transcrição ruídos/ ambiente	5 horas	90,00/hora	450,00
14.05 - Confecção ruídos sala	10 horas	120,00/hora	1.200,00
14.06 - Projeção banda dupla	10 horas	120,00/hora	1.200,00
14.07 - Mixagem Dolby Stereo	70 horas	150,00/hora	10.500,00
14.08 - Banda internacional	70 horas	150,00/hora	10.500,00
14.09 - Transcrição ótica Dolby *	_____	_____	20.000,00
<u>14 - TOTAL GERAL</u>			<u>47.950,00</u>

* Transcrição de magnético 35 mm, mixado em Dolby Stereo, para negativo de som ótico no "Dolby Laboratories" de Nova York, incluindo: despacho aduaneiro, remessa e retorno aéreo, material virgem, revelação, taxas bancárias e impostos.

15. ENCARGOS SOCIAIS

<u>Pessoas</u>	<u>%</u>	<u>Base de cálculo</u>	<u>Total previsto</u>
15.01 - Equipe técnica acima de 07 dias	50 *	276.145,94	138.072,97
15.02 - Elenco acima de 07 dias	50	153.000,00	76.500,00
15.03 - Elenco até 07 dias	22	5.700,00	1.254,00
15.04 - Montadores acima de 07 dias	50	10.523,76	5.261,88
<u>15 - TOTAL GERAL</u>			<u>221.088,85</u>

* 22% - INSS

08% - FGTS

08% - FÉRIAS

04% - EVENTUAIS

16. ADMINISTRAÇÃO

<u>Ítem</u>	<u>Custo unitário</u>	<u>Unidade/ Tempo</u>	<u>Total previsto</u>
16.01 - Aluguel casa-sede	500,00	20 semanas	10.000,00
16.02 - Secretária	174,50	20 semanas	3.490,00
16.03 - Contínuo	110,00	20 semanas	2.200,00
16.04 - Produtor Associado	1.000,00	20 semanas	20.000,00
16.05 - Locação linha telefônica	100,00	20 semanas	2.000,00
16.06 - Conta linha telefônica	500,00	20 semanas	10.000,00
16.07 - Aparelho fax	_____	_____	700,00
16.08 - Água, luz, IPTU	250,00	20 semanas	5.000,00
16.09 - Aluguel carro	100,00	20 semanas	2.000,00
16.10 - Material de consumo do escritório	_____	_____	500,00
16 - TOTAL GERAL			<u>59.890,00</u>

17 - VARIAÇÃO DE CUSTOS E IMPREVISTOS

<u>17.01 - 5% DOS ÍTENS:</u>	<u>TOTAIS PREVISTOS</u>
02 - Preparação	2.287,50
08 - Cenografia e Figurino	3.690,00
09 - Despesas com Elenco e Equipe	9.944,00
10 - Despesas de Produção	3.365,00
<u>17 - TOTAL GERAL</u>	<u>19.287,00</u>

18. TAXA DE CAPTAÇÃO

<u>10% DO SUB-TOTAL GERAL</u>	<u>182.423,75</u>
-------------------------------	-------------------

VALOR DOS RETORNOS PROPRIOS
DA EMPRESA PRODUTORA

401.333,28

VALOR TOTAL DA CAPTAÇÃO ATRAVÉS
DA EMPRESA PRODUTORA

1.205.332,94

DEMONSTRATIVO DE RECEITATOTAL GERAL DO PROJETO

RS2.006.661,30

UFIR: 2.087.879,87

VALOR DOS RECURSOS PRÓPRIOS
DA EMPRESA PRODUTORA401.332,26VALOR TOTAL DA CAPTAÇÃO ATRAVÉS
DA LEI DO AUDIOVISUAL (LEI 8685/93)1.605.329,04

FAZENDA DA RESSURREIÇÃO**CRONOGRAMA DE DESEMBOLSO FINANCEIRO****PRIMEIRA ETAPA** (Antes das Filmagens)

1. Argumento, Roteiro, Diálogos
2. Preparação
3. Aquisição de material sensível
4. Cenografia

Total de desembolso da primeira etapa.....RS248.230,00

SEGUNDA ETAPA

1. Equipe Técnica
2. Elenco e Figuração
3. Despesas com Equipe Técnica e Elenco
4. Despesas de Produção
5. Equipamento: câmera, iluminação, maquinária, som
6. Laboratórios
7. Letreiros e Trucagens

Total de desembolso da segunda etapa.....RS1.116.478,44

TERCEIRA ETAPA

1. Montagem de Som e Imagem
2. Música
3. Estúdio de Som

Total de desembolso da terceira etapa.....R\$159.263,76

QUARTA ETAPA

1. Encargos Sociais
2. Administração
3. Variação de Custos e Imprevistos
4. Taxa de Captação

Total de desembolso da quarta etapa R\$482.689,60

TOTAL GERAL DO PROJETOR\$2.006.661,30

(Dois milhões, seis mil, seiscientos e sessenta e um reais e trinta centavos)

EM UFIR 2.087.879,87

RESUMO DO PLANO DE TRABALHO

<u>PREPARAÇÃO</u>	<u>6 SEMANAS</u>
<u>FILMAGEM</u>	<u>10 SEMANAS</u>
<u>MONTAGEM</u>	<u>8 SEMANAS</u>
<u>EDIÇÃO DE SOM E FINALIZAÇÃO</u>	<u>6 SEMANAS</u>

FAZENDA DA RESSURREIÇÃOORGANOGRAMA MENSAL

	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º	11º	12º	13º	14º	15º	16º	17º	18º	19º	20º	21º	22º
Preparação	_____																					
Filmagem			_____																			
Montagem				_____																		
Mixagem								_____														
1ª Cópia									_____													
Trailer								_____														
Cartazes, etc.									_____													
Promoção										_____												
Lançamento														_____								



Escritório de Direitos Autorais

Certificado de Registro ou Averbacao

Nº Registro : 150.493 Livro : 246 Folha : 73

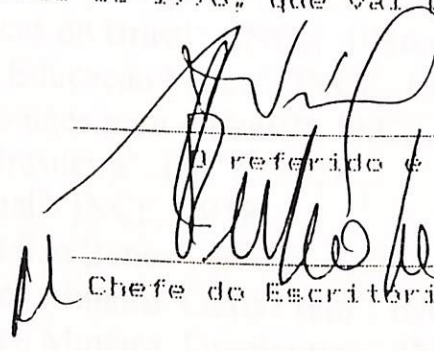
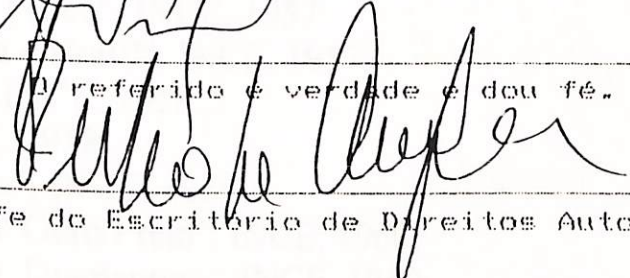
FAZENDA DA RESSURREIÇÃO

Protocolo do Requerimento : 1998RJ 4425,
13 cópias
Obra não publicada.

Dados do requerente

JOSÉ GERALDO SANTOS PEREIRA, Geraldo Santos Pereira (Autoria)
C.I.C. - 023.578.107-00
Rua Pompeia, 37/01
Prado
Belo Horizonte / MG, CEP. 30410-130

Para constar lavra-se o presente termo nesta cidade do Rio de Janeiro,
em 30 de Abril de 1998, que vai por mim assinado.


O referido é verdade e dou fé.

Chefe do Escritório de Direitos Autorais

CURRICULUM VITAE

I - FORMAÇÃO PROFISSIONAL E CULTURAL

1. Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais;
2. "Institut des Hautes Études Cinématographiques". Paris (Produção e Direção);
3. "Education par le Jeu Dramatique". Paris;
4. Literatura Contemporânea - Sorbonne. Paris;
5. Curso de Inglês: Brasas. Rio de Janeiro;
6. Curso de Francês: Sociedade Cultural Franco-Brasileira. Belo Horizonte;
7. Assistente de Direção da Companhia Cinematográfica Vera Cruz. São Paulo. 1952-1955.

II - REALIZAÇÃO PROFISSIONAL - CINEMA

a) - Filmes de Curta-Metragem:

1. "Educação e Desenvolvimento". INCE. 1956;
2. "Escolas Técnicas do Brasil". INCE. 1956;
3. "Campanha de Educação Física". INCE. 1957;
4. "Formando Geólogos para o Brasil". INCE. 1957;
5. "Mineralogia Brasileira". INCE. 1958;
6. "Museu Nacional". INCE. 1958;
7. "O Mosteiro de São Bento". INCE. 1959;
8. "Roteiro Barroco Mineiro: Ouro Preto". INCE. 1960;
9. "Roteiro Barroco Mineiro: Diamantina". INCE. 1960;
10. "A Pintura Brasileira". Ministério da Educação e Cultura. 1961;
11. "O Que é o IPHAN". idem. 1961;
12. "Fazenda-Escola". Governo de Minas Gerais. 1965;
13. "Serra da Piedade". idem. 1966;
14. "Bens de Capital". Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, 1971.

b) - Filmes de Longa-Metragem:

1. "Rebelião em Vila Rica", em Agfacolor. "Mention d'Honneur" no Festival Mundial do Filme de Bruxelas. 1958, co-direção com Renato Santos Pereira;
2. "Grande Sertão", 1965, adaptado do romance "Grande Sertão:

Veredas". de Guimarães Rosa. co-direção com Renato Santos Pereira:

3. "Balada dos Infieis", 1970, em "Eastmancolor", inspirado no conto "Água de Juventa", de Coelho Neto;
4. "O Seminarista", 1977, em "Eastmancolor", adaptado do romance de Bernardo Guimarães. "Melhor Filme Nacional de 1977, pela Associação Paulista de Críticos de Arte. São Paulo;
5. "O Sol dos Amantes", em "Eastmancolor", 1979.

III - ARGUMENTOS E ROTEIROS TÉCNICOS

1. "O Aleijadinho". com Renato Santos Pereira. em fase de pré-produção;
2. "O Cangaceiro e o Samurai" (premiado em concurso de Roteiros do Instituto Nacional de Cinema e Embrafilme);
3. "Ciranda Barroca". projeto e roteiro aprovados pela Comissão Nacional de Incentivo à Cultura", do Ministério da Cultura;
4. "O Ex-Presidente".

IV - ATIVIDADE PEDAGÓGICA

1. Professor convidado do Museu de Arte Moderna, de São Paulo, para a disciplina "Produção e Direção";
2. Artista Convidado do Departamento de Fotografia e Cinema da Escola de Belas Artes, da Universidade Federal de Minas Gerais, 1996.

V - ATIVIDADE JORNALÍSTICA (Jornalista Profissional: Carteira Profissional do Ministério do Trabalho nº 64.820. Série 140).

1. Redator de "O Diário", de Belo Horizonte;
2. Redator e crítico de cinema de "Estado de Minas";
3. Redator da "Folha da Noite", São Paulo;
4. Redator, Produtor e Apresentador do programa "Feirinha Noturna", da TV Record, de São Paulo, 1955;
5. Crítico de cinema do "Diário Carioca", Rio de Janeiro;
6. Crítico de cinema do "Diário de Notícias", Rio de Janeiro;
7. Redator da revista "Manchete", Rio de Janeiro;
8. Redator da revista "Luz e Ação", Rio de Janeiro;
9. Redator, Produtor e Apresentador do programa "Conversa na Noite", da Rádio Inconfidência, 1996.

VI - LIVROS PUBLICADOS

142

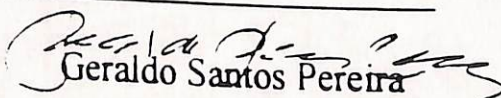
1. "Plano Geral do Cinema Brasileiro". Editor Borsoi. 1973;
2. "O Sol dos Amantes". Editora José Olympio-Embrafilme. 1979;
3. "Ciranda Barroca". Editora Grupiara. 1984.

VII - ATIVIDADE PÚBLICA E ASSOCIATIVA

1. Membro e Secretário-Geral da Comissão Federal de Cinema, do Ministério da Educação e Cultura. 1956;
2. Membro e Secretário-Geral do Grupo de Estudos da Indústria Cinematográfica, do Ministério da Educação e Cultura. 1958;
3. Diretor do Sindicato Nacional da Indústria Cinematográfica;
4. Diretor da Associação Brasileira dos Produtores Cinematográficos;
5. Membro do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado do Rio de Janeiro;
6. Membro da Associação Brasileira de Cineastas;
7. Membro da Associação Mineira de Cineastas.

VIII - PRÊMIOS E CONDECORAÇÃO

1. 1º Prêmio de Poesia do Concurso "Saint-Exupéry", promovido pelo jornal "O Globo", (Viagem a Paris). 1959;
2. Um dos 6 premiados no Concurso de Roteiros Originais promovido pelo Instituto Nacional de Cinema e Embrafilme. ("O Cangaceiro e o Samurai"), 1976;
3. Medalha do Aleijadinho, conferida pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto. 1982.


Geraldo Santos Pereira

Rua Pompéia, 39 ap. 01 - Prado - CEP 30410-130
Telefax: (031) 371-4604
Belo Horizonte.